



FATURAMENTO ON-LINE

Comércio digital cresce entre os pequenos empreendedores

Na PB, 77% dos negócios utilizam redes sociais, aplicativos e outros recursos para realizar vendas. **Página 3**

Foto: Theresia Silva/Funesc



Funesc estreita relações com a comunidade e promove inclusão

Presidente da fundação, Pedro Santos revela projetos envolvendo o Espaço Cultural.

Página 4

Amanhã, Brasil encara a Coreia do Sul pelas oitavas de final

No retrospecto, são sete jogos com seis vitórias brasileiras e apenas uma dos coreanos.

Página 21

No 'Empresas Longevas', a história da Adega do Alfredo

Tradicional restaurante português de João Pessoa já tem mais de 40 anos e sua origem remete a Angola.

Página 18

Câmaras e ALPB têm só este mês para votar as LOAs

Conheça os trâmites e a finalidade da Lei Orçamentária Anual, que rege tanto o Estado quanto municípios.

Página 13



Foto: Pixabay/Bianca Holland

Os altos e baixos do dinheiro que só existe na internet

Fique por dentro das criptomoedas, moedas virtuais que se tornaram investimento de alto risco devido à volatilidade de preços. **Página 17**



Ilustração: Tônio

Presença da mulher na CMJP começa com Ofélia

Conheça Ofélia Gondim, a primeira das 14 mulheres eleitas, até agora, para o Legislativo da capital.

Página 25

■ “A ‘competência afetiva’ se tornou um capital e um critério para o recrutamento e promoção de pessoal nas empresas (...) ‘as formas afetivas do capital podem ser convertidas em formas monetárias’”.

Estevam Dedalus

Página 10

■ “Este momento não é motivo para ficar desanimado. Pelo contrário. Tenho visto empresários corajosos fazendo investimentos e sabendo que irão colher os frutos plantados. É uma nova fase de um novo normal”.

Walter Ulysses

Página 28

Zezé Motta fala sobre ativismo, 'streaming' e arte

“Não cobrem de Xica da Silva atitudes de Angela Davis”, afirma atriz, que está em JP para o Fest Aruanda.

Página 9



Foto: Marcio Farias/Divulgação



Correio das Artes

E por falar em Fest Aruanda, o principal evento audiovisual da Paraíba é tema da capa da edição que circula a partir de hoje.

Editorial

Cortes na Educação

Um país se faz com homens e livros, já dizia Monteiro Lobato. E com apoio e investimento na Educação, poderíamos acrescentar. Não é o que pensa o atual governo instalado no Palácio do Planalto. Tanto assim que em um intervalo de menos de seis horas, o governo de Jair Bolsonaro desbloqueou e voltou a bloquear os recursos das universidades e institutos federais.

Jair Bolsonaro assumiu o governo, há quatro anos, com uma política antes de tudo negacionista. Uma política que buscou negar os avanços da ciência e ignorar a importância da pesquisa e extensão nas universidades públicas. Mais do que isso: negou a importância da própria universidade, com perseguições mesquinhas e retirada de conquistas históricas de professores e funcionários das nossas instituições de ensino.

O resultado do negacionismo se viu na desastrosa e genocida atuação do governo no combate à Covid-19 no Brasil, atuação que gerou cerca de 700 mil mortos por conta da negação à importância da vacina.

Nas universidades e instituições de ensino federais, o clima é de caos, de terra arrasada. Reitores têm repetido que a situação financeira é insustentável e que não terão condições de pagar contas e bolsas de estudantes até o fim do ano. O bloqueio inicial dos recursos às universidades federais havia sido feito na segunda-feira, 28. A medida tinha travado cerca de R\$ 1,4 bilhão na área da Educação, sendo R\$ 344 milhões de universidades.

Na última quinta-feira, as instituições passaram a ter os recursos disponíveis em seus sistemas às 11 horas. Logo depois, novo corte. Na verdade, o MEC havia entendido que não era sua competência fazer o bloqueio e devolveu a verba às instituições. Mas a secretaria de orçamento federal, da Economia, promoveu o corte do orçamento. Ou seja: ficou caracterizada a perseguição mesquinha de um governo avesso à educação.

O presidente da associação que reúne reitores das federais (Andifes), Ricardo Marcelo Fonseca, recomendou às instituições “não cancelar nenhum empenho”. “Como nada tem sido fácil para os gestores de universidades ultimamente, temos agora um novo momento crítico”, afirmou.

A Andifes afirmou que “manterá o diálogo com todos os atores necessários, no Congresso Nacional, governo, sociedade civil e com a equipe de transição do governo eleito para a construção de orçamento e políticas necessárias para a manutenção e o justo financiamento do ensino superior público”. E cobra ainda o desbloqueio de R\$ 438 milhões do orçamento das universidades, feito em junho pelo governo Bolsonaro.

Muitas universidades têm atrasado contas de luz e dizem que não tem como manter os serviços, bolsas e até pagamentos de salários com os cortes sucessivos promovidos pelo governo atual. A situação não é fácil e infelizmente deve piorar neste resto de mandato do atual governo.

Artigo

Luiz Carlos Sousa
luizcarlosjp@gmail.com

O caos como herança

O presidente que está saindo, depois de ser o primeiro ocupante do cargo a ser derrotado na disputa pela reeleição, notabilizou-se durante os quatro anos de poder, pela capacidade de distorcer os fatos, para não dizer pela mentira. Mudou números, escondeu a verdade, traduziu situações a seu bem querer, na maioria das vezes, para alimentar seu séquito.

Pois bem! Chegou o fim do governo e os problemas começam a aparecer com a gravidade que se pode esperar de um incompetente na condução do país: restrições de recursos para a educação, corte de verbas para ciências e ameaça de não pagamento das aposentadorias pelo INSS.

Só para lembrar, Bolsonaro desdenhou da vacina Coronavac, disse que a Covid-19 era uma gripezinha, zombou dos sufocados pela doença e ironizou os resultados dos testes científicos ao afirmar: quem tomar a “vachina” poderia virar jacaré!

Jactou-se durante quatro anos que havia arrumado a casa, cuidando da economia, primando pelo equilíbrio fiscal, gastando o que era arrecadado e, sobretudo, sem corrupção.

É cedo ainda para se usar a expressão sem corrupção, até porque os órgãos de controle, como o Tribunal de Contas da União, levam algum tempo para realizar as auditorias necessárias para apurar como um governo gasta e as instituições privadas que fazem levantamentos de controle e transparência também não anunciaram ainda o resultado do raio X no período Bolsonaro.

O certo é, segundo colonistas como Ricardo Noblat, do Metrôpoles, que o que Bolsonaro mais teme é a prisão depois do fim do Governo. Teme por ele e pelos filhos. Quando começarem a abrir os baús e as operações “pente fino” forem realizadas administração dele, o desespero será grande.

Como se tudo que foi descrito acima fosse pouco, o governo faz uma consulta ao Tribunal de Contas sobre gastar acima do teto, nos últimos dias, para poder honrar os compromissos da Previdência Social com os aposentados. A ameaça real é não ter, simplesmente, dinheiro para pagar pensões, benefícios e aposentadorias, o que seria uma situação inédita depois da Constituição de 1988, só para estabelecer um limite temporal.

De acordo com o site da Folha de São

Luiz Carlos Sousa

Foto Legenda



Trânsito difícil à espera do concerto da pista

Artigo

Rui Leitão
iurleitaot@hotmail.com

Cora Coralina - a escritora descoberta aos 76 anos

Ana Lins dos Guimarães Peixoto, conhecida como Cora Coralina, é uma das mais celebradas personalidades da literatura nacional. Nasceu na cidade de Goiás, no estado de Goiás, em 1889. Estudou até o terceiro ano do curso primário. Seu primeiro conto “Tragédia na Roça”, encontrado no “Anuário Histórico e Geográfico de Goiás”, foi publicado quando tinha 14 anos de idade. Como poetisa se iniciou divulgando seus poemas no jornal “A Rosa”, criado com algumas amigas, passando a assiná-los com o pseudônimo pelo qual ficou conhecida. No entanto, seu primeiro livro, “Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais”, só foi editado quando tinha 76 anos.

Em 1911 casou-se com o advogado divorciado Cantídio Tolentino Bretas, 22 anos mais velho do que ela, indo morar em Jaboticabal, no interior de São Paulo. Partiu dele a desautorização para que pudesse participar da Semana de Arte Moderna, em 1922, para a qual havia sido convidada. Ao enviuar, em 1934, teve que se dedicar às atividades de doceira para sustentar os quatro filhos, embora continuasse escrevendo, produzindo poemas ligados à sua história e aos ambientes em que fora criada. Trabalhou também como vendedora de livros, após conhecer o editor José Olympio.

Em 1932 participou da Revolução Constitucionalista em São Paulo. Em 1936 mudou-se para a cidade de Penápolis, no interior paulista, e depois para Andradina, onde abriu uma loja de tecidos. Nessa cidade escreveu para o jornal da cidade e chegou a disputar um mandato eletivo de vereadora, sem conseguir êxito. Voltou à sua cidade natal em 1956. Em 1970, ela toma posse da cadeira número 5 da Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás. E, em 1981 recebe o Troféu Jaburu através do Conselho Estadual de Cultura de Goiás. Pela Universidade de Goiás, Cora Coralina foi agraciada com o título de Doutora Honoris Causa, sem ter frequentado um curso acadêmico. Dois anos depois recebe o Troféu Juca Pato, sendo a primeira escritora do país a recebê-lo. Nesse mesmo ano, ingressa na Academia Goiana de Letras, ocupando a cadeira de número 38.

Nos seus poemas e contos usava de uma

“

Nos seus poemas e contos usava de uma linguagem coloquial, marcada pela oralidade e inspirada na experiência de vida

Rui Leitão

linguagem coloquial, marcada pela oralidade e inspirada na experiência de vida. Como ela própria afirma no poema “Ressalva”, seu estilo de escrever “não são versos, nem poesia, mas um modo diferente de contar velhas histórias”. A questão da identidade sempre norteou o lirismo de sua produção poética. Também escreveu literatura infantil. Alcançou fama em todo o país, quando o poeta Carlos Drummond de Andrade leu as suas poesias e escreveu um artigo sobre ela no Jornal do Brasil.

Faleceu em 1985, vítima de uma pneumonia, na cidade de Goiânia. A casa onde viveu seus últimos anos de vida foi transformada no Museu Cora Coralina e a residência em que viveu na cidade de Goiás foi reconhecida pela Unesco como Patrimônio Histórico da Humanidade. Fez valer uma de suas reflexões “Faz de tua vida mesquinha/ um poema./ E viverás no coração dos jovens/ e na memória das gerações que hão de vir”. Teve cinco obras póstumas publicadas: os livros infantis Os meninos verdes (1986), A moeda de ouro que um pato engoliu (1997) e O prato azul-pombinho (2001), além dos livros de poesia Tesouro da casa velha (1996) e Vila Boa de Goiás (2001). Sua produção literária tem um caráter memorialístico e autobiográfico.

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Amanda Mendes Lacerda
DIRETORA ADMINISTRATIVA,
FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

A UNIÃO
Uma publicação da EPC

Av. Chesf, 451 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

André Cananéa
GERENTE EXECUTIVO DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 / 99117-7042
Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$350,00 / Semestral R\$175,00 / Número Atrasado R\$3,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

O U V I D O R I A : 99143-6762



Foto: Pixabay

Comércio on-line deu um salto no primeiro ano da pandemia e continuou crescendo; hoje, é praticamente indispensável

NA PARAÍBA

Comércio digital cresce entre pequenos empreendedores

Útil na pandemia, modalidade já atraiu 77% dos pequenos negócios na PB

Nalim Tavares
Especil para A União

As plataformas digitais são uma vitrine que funciona 24h, durante os sete dias da semana para vários setores do comércio. O e-commerce, modalidade caracterizada pelas relações de compra e venda que são realizadas de forma 100% online, registrou um salto de crescimento durante a pandemia, quando a impossibilidade de contato físico exigiu que o relacionamento entre produtores, vendedores, produtos e consumidores se fortalecesse mais rapidamente na internet. Agora, dispensar a presença virtual pode significar uma desvantagem para os negócios, e investir nas redes sociais, com estratégias apropriadas, pode ser uma boa forma de alavancar um empreendimento.

Segundo o presidente da Sociedade dos Usuários de Tecnologia da Paraíba (Sucesu-PB), Tarcísio Ferreira, a pandemia firmou os canais de vendas digitais no Brasil — uma modalidade de mercado que já vinha crescendo de forma constante — e, além disso, a chegada do PIX em 2020 ajudou a difundir e fortalecer

as transações eletrônicas no país. “Depois deste período, muitos negócios passaram a usar canais digitais de vendas, e muitos consumidores passaram a comprar através deles com maior frequência”, o presidente explica. “Por isso, considero que deixar de divulgar e ofertar seu produto on-line seja uma estratégia equivocada de um empreendedor. Contudo, é preciso analisar se o empreendimento em questão tem maturidade suficiente para entrar neste modelo de vendas, pois vender on-line requer uma logística diferente das vendas realizadas de maneira presencial.”

Na Paraíba, segundo o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae-PB), cerca de 77% dos pequenos negócios utilizam redes sociais, aplicativos e outros recursos da internet para realizar as vendas. É provável, no entanto, que esse número tenha crescido, visto que o levantamento mais recente foi realizado entre 25 de novembro e 1º de dezembro de 2021, e o número de empreendimentos sendo lançados no mercado supera o número de negócios que são fechados.

Ainda, Tarcísio acrescenta que, dentre os canais online, os mais utilizados pelos pequenos empreendedores paraibanos são o WhatsApp (85%) e o Instagram (69%). Atrás destes, viriam o Facebook (40%) e as lojas virtuais (7%). “Muitos empreendedores utilizam as redes sociais para divulgar seus produtos, concretizando as vendas pelo WhatsApp. Porém, quando o volume de pedidos aumenta, o empreendedor precisa estar preparado para continuar atendendo os clientes em tempo hábil. Caso contrário, haverá perda de vendas e, consequentemente, de clientes em potencial.”

O rápido retorno ao cliente é uma peça fundamental para o bom funcionamento de todo negócio. De acordo com o presidente da Sucesu-PB, “com as estratégias corretas de marketing digital, negócios de todos os tamanhos vão conseguir aumentar a visibilidade na web. Uma empresa que não pode ser encontrada nas redes sociais, hoje em dia, está deixando de ganhar dinheiro.” Entre as principais habilidades para cativar o público e manter as vendas, Tarcísio des-

taca a “motivação, a perserverança, responder pronta e adequadamente seu cliente e realizar uma boa estratégia para sua presença digital. Se acha que não consegue sozinho, o empreendedor pode ir até uma agência Sebrae para receber orientação personalizada.”

Para alcançar o cliente, no entanto, é preciso trabalhar na imagem da marca e divulgação do produto, o que demanda tempo e investimento monetário. “O que o empreendedor precisa fazer é divulgar sua loja on-line, criar sua estratégia, contratar campanhas patrocinadas nos motores de busca, Instagram e Facebook”, fala o presidente.

Para aqueles que querem começar a investir no e-commerce, Tarcísio ressalta que “existem cursos gratuitos e pagos. Para quem deseja iniciar sua carreira de empreendedor on-line, recomendo a plataforma do Sebrae. Pode-se acessar, também, a plataforma da Nuvemshop para obter material de estudo gratuito. Das plataformas pagas, recomendo a Udemy (plataforma de aprendizado e ensino remoto) e Alura (que oferta cursos de tecnologia).”

Lojas on-line somam 1,6 milhão em novembro

Conforme dados divulgados pela BigDataCorp — uma empresa que captura e entrega dados do mercado para auxiliar outras empresas — em novembro deste ano, a quantidade total de lojas on-line no Brasil chegou a 1,6 milhão, número que representa um aumento de 6,19%, se comparado com os dados de 2021. As informações são da 8ª edição do estudo Perfil do E-com-

■ **Número representa aumento de 6,19% em comparação com o ano passado, revela a BigDataCorp**

merce Brasileiro, realizado pela BigDataCorp em parceria com a PayPal, empresa de pagamentos on-line.

O levantamento registrou, ainda, uma queda na participação de lojas com faturamento anual de até R\$ 250 mil, que recuou de 53% em 2021 para 48% este ano. No entanto, negócios que vendem até R\$ 1 milhão anualmente ainda correspondem

a 65% do total registrado no país. Os dados apresentados na pesquisa foram colhidos na primeira quinzena de setembro. A pesquisa inspecionou mais de 1,5 bilhões de sites de todo o conteúdo HTML — sigla em inglês para Linguagem de Marcação de Hipertexto, que permite a organização de informações em uma página da web — identificados como e-commerce.

fraudes é um outro problema constante. De acordo com a 8ª edição do estudo Perfil do E-commerce Brasileiro, neste ano, 89% dos empreendedores brasileiros estão investindo na Secure Sockets Layer (SSL), uma camada de segurança que criptografa os dados transacionados entre o consumidor e a loja on-line, a fim de evitar golpes.

Falta de contato com produto é desvantagem

Apesar da praticidade ofertada pela internet e de todas as vantagens que o e-commerce oferece — como redução das fronteiras geográficas e uma oferta de preços mais competitiva —, existem também algumas desvantagens no comércio eletrônico. Para começar, segundo os dados mais recentes da Pesquisa Nacional de Domicílios (Pnad) do Insti-

tuto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), cerca de 23% dos paraibanos não teriam acesso à internet e, consequentemente, estariam excluídos dessa modalidade de comércio.

Uma outra desvantagem seria a falta de contato entre o cliente e o produto, o que, para Tarcísio Ferreira, seria o maior ponto negativo do e-commerce. “O

UN Informe

Ricco Farias
papiroeletronico@hotmail.com

LULA DIZ NÃO TER PRESSA DE ANUNCIAR SEUS MINISTROS: “NÃO PRECISA FICAR ANGUSTIADO”

O presidente eleito Lula (PT) disse ter “80% do ministério na cabeça”, mas afirma que só anunciará os escolhidos após ser diplomado — a cerimônia ocorrerá em 12 de dezembro. Apesar da pressão do mercado para que o petista anuncie quem comandará as principais pastas do novo governo, sobretudo no que diz respeito ao Ministério da Economia, o presidente eleito tem segurado o anúncio dos nomes. “Não precisa ficar angustiado, nervoso, criando expectativa. Eu já tenho 80% do ministério na cabeça, mas não quero construir o ministério para mim, quero ministério para as forças políticas que me ajudaram a ganhar as eleições”, disse, em conversa com jornalistas no Centro Cultural do Banco do Brasil (CCBB), onde instalou-se o governo de transição. Porém, dois nomes são cotadíssimos para o primeiro es-

calão: José Múcio Monteiro Filho, ex-presidente do Tribunal de Contas da União (TCU), para a Defesa, e o senador eleito Flávio Dino (PSB) para o Ministério da Justiça.

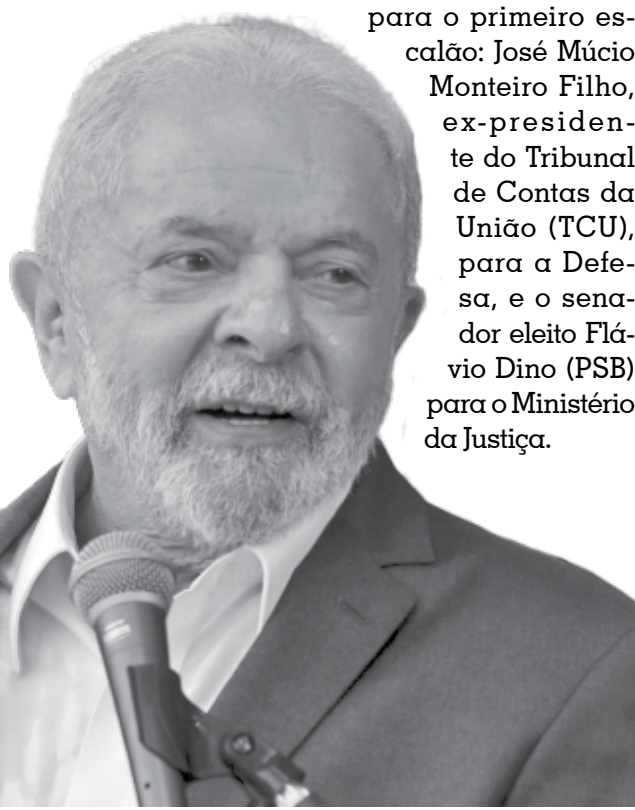


Foto: Fátima Meira/Estadão Conteúdo

“UMA GUERRA DE LISTA”

Candidato a presidente da ALPB, o deputado Eduardo Carneiro (Solidariedade) reclamou da divulgação de listas de apoios de outros candidatos: “Agora virou uma guerra de lista de assinaturas, mas o momento é de respeito aos deputados para a construção de uma Assembleia renovada”.

MATEMÁTICA QUESTIONADA

Em termos matemáticos, a soma não fecha. É o que disse, em síntese, Eduardo Carneiro sobre a quantidade de deputados que constam em listas diferenciadas de apoio a candidatos a presidente da ALPB. Ele garantiu que tem 16 apoios, enquanto que o Republicanos afirma ter 27, o que dá 43. Ocorre que o Legislativo estadual só tem 36 deputados.

“TEM NOMES FORTES”

O deputado Inácio Falcão (PCdoB) defendeu a unidade do grupo de oposição na eleição municipal de 2024, em Campina Grande: “O grupo que faz oposição tem nomes fortes já testados nas urnas: Daniella Ribeiro, que tem capilaridade; Damião Feliciano, a vice-governadora Lígia. Defenderei a unidade desse grupo, precisamos criar esse núcleo”.

“COMO COINCIDE É MUITO BACANA”

Luciano Cartaxo (PT), deputado estadual eleito, considerou “importante a gente ter esse aval”, referindo-se à declaração do presidente da legenda, Jackson Macedo, de apoio à candidatura de Adriano Galdino (Republicanos) a presidente da ALPB, no segundo biênio. “Como coincide é muito bacana”, disse numa rádio, reportando-se ao fato de que ele e Cida Ramos tem a mesma opinião.

“TERIA QUE RENUNCIAR”

A vereadora de Campina Grande, Jô Oliveira (PCdoB), primeira suplente de deputada estadual, teria espaço para assumir cadeira na ALPB? De acordo com Inácio Falcão, sim. “Ela é uma figura extraordinária, não faço questão de abrir [tirar licença] para que ela fique por quatro meses”, disse. Mas ele vê um problema: “Para assumir, ela teria que renunciar ao mandato de vereadora”.

“SEI O QUE É BOM PARA O POVO E O QUE É BOM PARA O MERCADO”

Lula deu declaração em que parece mandar um recado para o mercado financeiro: “Eu sei o que é bom e o que é ruim, sei o que é bom para o povo e o que é bom para o mercado. As pessoas têm que saber que eu ganhei as eleições para governar para o povo mais humilde, essa é a minha missão”.

Foto: Thercles Silva/Funes

Pedro Santos

Presidente da Fundação Espaço Cultural

Funes

c abre portas

a comunidades e

promove inclusão

Investimentos na área cultural foram de R\$ 1,5 milhão neste ano, beneficiando dois mil artistas, grupos e técnicos

Lucilene Meireles
lucilenemeireles@epc.pb.gov.br

Além de todas as atividades culturais realizadas pela Fundação Espaço Cultural (Funes) para a população paraibana, o equipamento abre espaço para a inclusão de moradores de bairros e comunidades da periferia. Pessoas que não tinham acesso à cultura passam a ter a oportunidade de usufruir de uma série de iniciativas que contribuem para ampliar conhecimentos. Por meio do projeto “Pé no Espaço”, em parceria com a Fundac, jovens e adolescentes em cumprimento de medidas judiciais têm participado das ações. Muitos, inclusive, nunca haviam entrado no Espaço Cultural.

Ainda falando em inclusão, a população LGBTQIAP+ ganhou um evento exclusivo, o Movimenta Ball. Para o público infanto-juvenil, o projeto “Férias no Espaço” vai trazer, durante mais de 20 dias de programação, de 16 de dezembro a 13 de janeiro, diversas atividades lúdicas envolvendo circo, teatro, dança e artes visuais.

Em relação à modernização do espaço, a Biblioteca Juarez da Gama Batista terá seu acervo, com cerca de 200 mil volumes, automatizado, processo que tem início em 2023. Em entrevista à reportagem de **A União**, o presidente da Funes, Pedro Santos, ressalta que somente as ações de contratos por meio de curadoria e as selecionadas por meio de editais somam um investimento de R\$ 1,5 milhão.

Ele destaca ainda que as ações da Funes acontecem em parceria com outras secretarias estaduais, prefeituras e organizações da sociedade civil, envolvendo não só diversão, mas também qualificação profissional, literatura, música clássica, exposições, cinema e, é claro, o Planetário, que é uma atração à parte.

Entrevista

Quais as atividades que estão sendo desenvolvidas atualmente?

A Fundação Espaço Cultural da Paraíba é a maior instituição pública de cultura do nosso estado e é responsável por um dos maiores equipamentos culturais da América Latina. Então, naturalmente, essa condição resulta num conjunto amplo de responsabilidades. Nossa equipe atua basicamente em três frentes de trabalho: as medidas de zeladoria e manutenção dos equipamentos administrados pela Fundação; a ocupação destes espaços através da realização de ações culturais; e a descentralização da programação pelas regiões da Paraíba, já que tratamos aqui de uma instituição estadual.

Quais são os equipamentos culturais vinculados à Funes?

A Funes foi criada em 1981, com a finalidade de administrar o Espaço Cultural José Lins do Rêgo, que foi inaugurado no ano seguinte. Esse objetivo logo foi ampliado com a agregação de outros equipamentos culturais sob auspícios da Fundação. É o caso do Teatro Santa Roza, em João Pessoa; do Teatro Santa Catarina, em Cabedelo; do Cine Teatro São José, em Campina Grande; e do Teatro Íracles Brocos Pires, em Cajazeiras. Além das programações realizadas pela própria Funes nestes espaços, como o Festival de Música da Paraíba e as ações do Mês da Mulher, os equipamentos são palcos de eventos e produções promovidas por terceiros, uma vez que estas estruturas também estão disponíveis para locação do setor privado. As reservas de pauta para o ano de 2023, inclusive, já estão disponíveis.

Qual o investimento feito pela Funes na área cultural?

Somadas as ações contratadas por meio de curadoria e aquelas selecionadas através dos 11 editais de seleção artística lançados neste ano, tivemos um

investimento na ordem de R\$ 1,5 milhão, beneficiando aproximadamente dois mil artistas, técnicos e grupos culturais nas áreas de artes visuais, audiovisual, circo, cultura popular, dança, literatura, música, produção cultural e teatro. Essa ampla descentralização é resultado de um planejamento estratégico construído em 2021 e submetido ao governador João Azevêdo, que garantiu os investimentos necessários. Também é importante destacar o papel das prefeituras e organizações da sociedade civil do interior da Paraíba, que mobilizaram esforços e recursos locais, às quais aproveito para externar o nosso agradecimento.

Em relação à estrutura do Espaço Cultural, há previsão de alguma reforma?

Há projetos em fase de estudo técnico, como a substituição das telhas de policarbonato da cobertura do Espaço Cultural, a impermeabilização do pé direito do Teatro Paulo Pontes e a manutenção da cobertura e do subsolo do Teatro Santa Roza. Por se tratarem de obras de engenharia, os processos correm sob responsabilidade da Superintendência de Planejamento e Obras da Paraíba (Suplan). Por outro lado, as ações de zeladoria e de manutenção são permanentes. Por conta do fechamento dos espaços culturais devido à pandemia, os sistemas de refrigeração do Teatro Santa Roza e do Cine Teatro São José entraram em colapso. Realizamos a compra e a instalação de novos equipamentos de ar-condicionado e fizemos uma ampla manutenção nos sistemas de refrigeração, possibilitando a retomada dos eventos em ambiente climatizado.

Especificamente sobre o Planetário, como está a situação?

Situação similar ocorreu com o sistema óptico do Planetário. Através de um processo de inexigibilidade de licitação, contratamos a única empresa

do país autorizada a realizar manutenções neste equipamento, que está em funcionamento desde 1982. Durante uma semana, recebemos dois especialistas que trabalharam tanto na manutenção da máquina Zeiss Spacemaster, como no sistema de sonorização do planetário e nos projetores acoplados à máquina. Detalhe para a manutenção externa da cúpula, que recebeu nova pintura e um grande painel assinado pelo artista visual Shiko.

E o Cine Bangüê?

Outra importante manutenção foi realizada no sistema de projeção e sonorização do Cine Bangüê, que contou com a limpeza do módulo óptico do projetor Barco, a substituição de peças danificadas nas caixas de som e a equalização do sistema sonoro. Ainda em relação ao cinema, contratamos uma empresa especializada em bilheteria digital, possibilitando a adoção do PIX como modalidade de pagamento.

Em relação às artes, há exposições abertas? E a parte de memória da Funes?

Na Galeria Archidy Picado, temos a exposição “Perspectivas Atmosféricas - Paisagens e mudanças climáticas na Paraíba em três tempos”, resultado de um edital que selecionou oito artistas visuais de todas as mesorregiões da Paraíba. As obras são assinadas por Brasileiro, Everton David, Isabela Pessoa, Juliana Cesar, Li Vasc, Lucas Alves, Mexo e Thaynha, sob curadoria de Rita do Monte. Também temos exposições permanentes no Museu José Lins do Rego e no Memorial Abelardo da Hora (MAH). Este último foi inaugurado em março deste ano, pelo governador João Azevêdo, e reúne o acervo de um dos maiores artistas visuais do Brasil. Vale destacar que até o dia 22 de dezembro o MAH também recebe a exposição “Minha Hora Negra”, de Guto Oca, alusiva ao Mês da Consciência Negra.

Qual a programação das orquestras neste final de ano?

Destaco também a programação das nossas orquestras durante o mês de dezembro. No dia 2, na Praça do Povo, a Orquestra Sinfônica Jovem da Paraíba realizou o concerto alusivo ao Dia Nacional do Samba, com a participação de intérpretes e compositores. Já no dia 8, vamos promover o Chorus Fest, reunindo o Coro Infantil da Paraíba, o Coro Sinfônico da Paraíba e outros coros convidados. O tradicional Concerto de Natal da Orquestra Sinfônica da Paraíba acontece no dia 15. E no dia 22 teremos a apresentação da Orquestra Infantil.

A Funes é um espaço que abriga um rico acervo cultural. O que temos na área literária?

Temos um acervo espetacular de quadrinhos na Gibiteca Henfil e logo ali do lado a Biblioteca Juarez da Gama Batista. Já na Praça do Povo está instalada a exposição Cores, composta por trabalhos de 14 artistas paraibanos selecionados por meio de edital lançado neste ano, em comemoração aos 40 anos da Funes. Os painéis são assinados por Alexandre Guerra, Babilônia (Acervo 03), Camó Criati-

va, Fatos, Fany Miranda, Fly, Hicor, Kalyne Lima (Crew Olinas), Martim, Mulinga (Acervo 03), Thaynha, Witch, Yums, Zona.

As atividades se estendem para outros municípios?

Até o final deste ano, teremos realizado ações culturais em 58 cidades. Essa marca coloca a Funes presente em todas as regiões da Paraíba.

O que a Funes tem feito no que se refere à qualificação profissional?

No campo da qualificação profissional, contratamos mais de 30 consultores para realizar Oficinas de Organização de Carreiras Artísticas com o objetivo de qualificar o trabalho dos nossos artistas. Durante este ano, foram beneficiados 36 municípios, a exemplo de São Miguel de Taipu, Malta, Uiraúna, Sobrado, Umbuzeiro, Assunção, Catolé do Rocha, Serra da Raiz, Juru, Teixeira, Congo, Nova Palmeira, São José de Piranhas, Brejo do Cruz, Picuí, Salgado de São Félix, Soledade, Joca Claudino, Poço de José de Moura, Mamanguape, Guarabira e Santa Luzia.

A Funes também atua incentivando outras iniciativas?

Também fomentamos iniciativas da sociedade civil como o Cine Açude Grande, o Festival de Circo e o Mulherio das Letras, em Cajazeiras; o Cine das Almas, em Itabaiana; o Cine Paraíso, em Juripiranga; o Cine Sítio, em Nazarezinho; o Comunicurtas, em Campina Grande; o Fest Aruanda, o Dia da Favela e o Festival de Teatro de Mangabeira, em João Pessoa; a Mostra Sumê de Cinema; o Festival de Inverno de Monte Horebe; a Feira Literária de Campina Grande; a Parada LGBTQIAP+ e o Movimento BallRoom, em João Pessoa; a Feira Literária de Boqueirão; o projeto na Rua tem Arte, no Conde; o Festival de Repentistas de Cuité; o Festival do Grupo de Teatro Oficina e o Rock’n Rio do Peixe, ambos em Sousa.

A Biblioteca vai passar por alguma intervenção?

Neste momento, o nosso trabalho tem sido a implantação de um sistema de automação do acervo. Iremos iniciar agora o processo de cadastramento de aproximadamente 200 mil volumes incluindo livros, periódicos, jornais e vídeos. Estimamos que o processo de automação deve durar aproximadamente dois anos. Contudo, o sistema estará disponível em 2023 com os volumes já cadastrados, permitindo a consulta remota ao acervo, assim como reservas e empréstimos por parte dos usuários.

A Funes elaborou programação especial para dezembro e janeiro? Já foi divulgada? Quais os principais destaques?

Estamos concluindo a programação do projeto ‘Férias no Espaço’, que acontecerá no Espaço Cultural entre 16 de dezembro e 13 de janeiro. Serão mais de 20 dias de programação voltada ao público infanto-juvenil e cerca de 90 atividades lúdicas, brincadeiras e apresentações de circo, teatro, dança e artes visuais. A ideia é que a cada

dia as crianças e adolescentes possam conhecer um pedacinho do Espaço Cultural. Teremos aula de perna de pau no Teatro de Arena, teatro de bonecos no Memorial Abelardo da Hora, oficina de desenho na Galeria de Arte, espetáculos de dança no Teatro Paulo Pontes, entre tantas outras atividades. O anúncio da programação completa acontece na primeira semana de dezembro.

Há espaço para aqueles que cumprem medidas restritivas de liberdade?

O projeto “Pé no Espaço”, em parceria com a Fundac, traz para o Espaço Cultural jovens e adolescentes em situação de cumprimento de medidas judiciais. A maioria deles nunca havia entrado no equipamento e aqui podem experimentar um pouco da programação que oferecemos. Há, inclusive, jovens que alcançaram o estágio de liberdade assistida a partir dos relatos das vivências que tiveram no Cine Bangüê, na Gibiteca Henfil e no Planetário. É uma semente que plantamos e que já gera bons frutos.

Há atividades nos bairros e comunidades da periferia?

Outra forma de despertar a curiosidade das pessoas em conhecer o Espaço Cultural é a realização de ações em bairros e comunidades de João Pessoa. É a partir dessa estratégia que temos alcançado territórios como as comunidades do S, Cinco de Junho, Terra do Nunca, Buraco da Gia, São José, Asa Branca, Citex, entre outras. É bonito ver as pessoas vindo ao Espaço Cultural e usufruindo de um equipamento cujo nome de sua praça central reflete a filosofia deste grande equipamento: é a Praça do Povo.

Que outras ações estruturais foram ou estão sendo feitas?

No mês passado, concluímos a recuperação do madeiramento dos pés e da caixa de ressonância de um dos nossos pianos Bösendorfer Imperial. Hoje ele se encontra na Sala de Concertos Maestro José Siqueira. E, neste momento, estamos realizando uma grande pintura artística nos parapeitos dos mezaninos. A ideia é que esta grande obra arquitetônica dialogue com as cores e as expressões de 20 artistas do grafite, responsáveis por essa intervenção. Para o próximo ano deixaremos encaminhados os processos referentes à recuperação do jardim frontal do Espaço Cultural, a organização do sistema de coleta de resíduos e a manutenção dos quatro pianos de cauda sob responsabilidade da Funes.

Qual a marca da política cultural?

A política cultural desenvolvida pela Funes ao longo deste ano tem uma marca muito forte da transversalidade e isso se deu a partir das parcerias estabelecidas com diversos órgãos de governo, a exemplo da Secretaria de Estado da Fazenda, Educação, Ciência e Tecnologia, Mulher e Diversidade Humana, Desenvolvimento Humano, Administração Penitenciária, Saúde, Juventude, Esporte e Lazer, Empresa Paraibana de Comunicação, Fundac e Detran. Como diz o ditado, ninguém faz nada sozinho.



Foto: Pixabay

Os cenários que afetam o emocional de uma criança estão relacionados a escola, convivência familiar e a maneira como a criança é cuidada nessa fase da vida

DEPRESSÃO INFANTIL

Diagnóstico é mais demorado

Apesar de existir semelhanças com a doença em adultos, as crianças têm dificuldade de externar suas emoções

Sara Gomes
saragomesreporterauniao@gmail.com

A depressão infantil é um assunto pouco falado, mas cada vez mais presente nas novas gerações. Apesar de existir semelhanças com a depressão em adultos, o diagnóstico é mais demorado pois os pequenos têm dificuldade de externar suas emoções. Dados da Organização Mundial da Saúde

(OMS) revelam que há atualmente 350 milhões de pessoas em todo mundo com depressão e cerca de 1% a 2% dos atingidos são crianças. Os cenários que afetam o emocional de uma criança estão relacionados a escola, convivência familiar e a maneira como a criança é cuidada nessa fase da vida. São inúmeros os motivos que podem desencadear um sofrimento psíquico em crianças e adolescentes,

seja em decorrência do bullying na escola ou sentimento de frustração em relação às notas por achar que não é bom o suficiente. Outro ponto que pode desencadear um transtorno é a sociabilidade, como a criança se sente em relação às pessoas que estão ao seu redor. Todos esses fatores podem gerar instabilidade emocional no paciente. A psicóloga Danielle Azevedo

esclarece que não há motivo para a depressão, mas existem situações que podem gerar gatilhos, pela dificuldade na elaboração de emoções. “Se a criança/adolescente não se sente pronta para enfrentar determinada situação, provavelmente, ela vai reprimir as emoções, fazendo com que seu organismo reaja de forma negativa. Ela acaba canalizando essa dor para algum lugar”, elucidou.

■ Outro ponto que pode desencadear um transtorno é a sociabilidade, como a criança se sente em relação às pessoas que estão ao seu redor

Tristeza persistente, perda de apetite e irritabilidade

“

Era muito difícil ver o sofrimento dele. Hoje vejo que Davi está dormindo melhor e a medicação ajuda a controlar a ansiedade, irritabilidade e humor deprimido

Fabiana Veloso

Diagnosticar depressão na infância é algo mais demorado. Tristeza persistente, perda de apetite, sono excessivo, desinteresse pelas atividades que antes lhe davam prazer, irritabilidade, isolamento e angústias são características de crianças que estão com o humor deprimido.

Davi, 10 anos, vivenciou muitas mudanças na rotina nos últimos três anos. Morava em João Pessoa, mas se mudou para Maceió por conta do trabalho do pai, consequentemente, teve que se adaptar a uma nova escola. Mas o primeiro acontecimento que culminou um quadro de tristeza foi a morte de sua cadela repentinamente. Fabiana Veloso, sua mãe, conta que o filho chorava muito na escola por conta da morte do pet. Depois desse acontecimento passou a não querer ir à escola, pouco tempo depois veio a pandemia. “Por um lado, foi bom porque era muito difícil convencê-lo ir à escola”. Depois de um tempo, Davi contou que os colegas o chamavam de “filhinho da mamãe” porque chorava pra não ficar na escola. “Os colegas da escola começaram a fazer bullying com ele. Já que essa tristeza estava persistente, Fabiana resolveu levá-lo a uma psicóloga. “Como era no início da pandemia a terapia teve que ser on-line, mas com criança essa modalidade não funciona muito pois é difícil prender a atenção”, pontuou. Quando começou o ensino remoto ficou ainda mais difícil captar a atenção de Davi pois queria ficar

o tempo todo jogando. “Ele é fascinado por jogos e vídeos no YouTube. Eu já observava que ele tinha uma dificuldade de concentração. Até hoje não gosta do ambiente escolar pois considera uma perda de tempo, ele prefere aprender com um vídeo”, revelou. Davi realmente tinha o vício em telas, mas hoje Fabiana compreende que também era uma fuga da realidade. A depressão fala muito sobre a falta, o vazio e a necessidade não atendidos no passado. A ausência de suas demandas não atendidas ou conquistadas. De acordo com a psicóloga infantil e orientadora parental, Jaqueline Rabello, a depressão é o mal do século, resultado, muitas vezes, do excesso e ao mesmo tempo da falta de tudo. “O vazio de algo que não consegue ser preenchido com bens materiais ou agendas lotadas de atividades. Mas preenchido com amor e presença, cuidado, limites e, principalmente, um olhar atento e cuidadoso dos pais”, frisou. Como estavam numa pandemia, os pais de Davi resolveram voltar para Campina Grande, sede do emprego do pai. Fabiana providenciou a transferência de Davi para uma escola em Campina

Grande. Quando retornou às aulas presenciais, o problema de socialização com outras crianças persistiu. “Os meninos começaram a excluí-lo das brincadeiras em grupo, então a psicopedagoga da escola sugeriu mudá-lo de horário. Como ela é bem experiente aconselhou também uma consulta médica com o neuropediatra”, afirmou. Após algumas consultas, o neuropediatra o diagnosticou com depressão infantil. “Ele esclareceu que essa tristeza era depressão. No início foi difícil aceitar que ele precisaria tomar medicação. Foi um período de adaptação complicado pois o remédio causava efeitos colaterais. Eu ficava mal de vê-lo nessa situação”, relembrou a mãe. Depois de dez meses tomando essa medicação, Fabiana perguntou ao médico se poderia suspender a medicação. “Eu tinha medo do remédio causar dependência, então perguntei ao médico se poderia cortar a medicação. Ele começou a ser agressivo na escola e a desenvolver crises de ansiedade e de pânico”, contou. Além do médico, Davi estava sendo acompanhado por uma psicóloga e psicopedagoga. “A psicopedagogia indicou outra escola que tinha uma equipe muito boa

de psicólogos que trabalhavam o emocional”, contou. A adaptação a esta escola foi difícil pois seu filho já estava fazendo novas amizades. Após o tratamento, Davi está bem melhor. A mãe conta que aos poucos foi aprendendo a lidar com a doença. “Era muito difícil ver o sofrimento dele. Hoje vejo que Davi está dormindo melhor e a medicação ajuda a controlar a ansiedade, irritabilidade e humor deprimido. Os familiares não compreendiam a mudança de comportamento em decorrência da depressão, então a pressão de enfrentar a doença acabou recaindo sobre mim”, concluiu. Para Jaqueline Rabello, a não aceitação dos pais que o filho pode estar em um estado depressivo, acaba agravando o caso. “Quando antes buscar ajuda, menos prejuízos a criança e família podem ter”, analisou. Adoecimento psicológico As redes sociais e uso excessivo de telas (celulares, videogames e eletrônicos) podem desencadear algum adoecimento psicológico, fazendo com que o excesso de exposição contribua para a falta de convivência familiar e até sociabilização dos amigos.

LEI DE REGISTROS PÚBLICOS

Mudança de nome, mudança de vida

Em muitos casos, as alterações são responsáveis por uma reafirmação da própria identidade e resgate da autoestima

Beatriz de Alcântara
alcantarabtriz@gmail.com

A nova Lei de Registros Públicos, que foi instituída no dia 27 de junho de 2022, simplificou a mudança de nome e sobrenome no Brasil. As novas diretrizes, detalhadas na Lei nº 14.382/2022, garantem que qualquer pessoa com 18 anos ou mais possa modificar o próprio nome direto em um cartório de registro civil e sem precisar apresentar justificativa. Em muitos casos, a mudança de nome vai além de uma alteração banal, sendo responsável por uma mudança de vida também, de reafirmação da própria identidade e, às vezes, de resgate da autoestima.

De acordo com a defensora pública, Naiara Antunes, há algumas especificações na lei, principalmente em relação aos sobrenomes. “É possível a alteração sem justificativa, desde que se destine à inclusão de sobrenomes familiares, do cônjuge ou companheiro, na constância do casamento e união estável, em razão de alteração em relações de filiação, inclusive para os descendentes, cônjuge ou compa-

Alteração

As novas diretrizes, detalhadas na lei, garantem que qualquer pessoa com 18 anos ou mais possa modificar o próprio nome direto em um cartório de registro civil e sem precisar apresentar justificativa

nheiros da pessoa que teve seu estado alterado ou ainda para a exclusão de sobrenome do ex-cônjuge”, disse.

Para bebês, a alteração da lei também contempla mudanças de nome e sobrenome, que devem ser feitas em até 15 dias após o registro civil. Além disso, a nova lei prevê que enteados e enteadas possam, se houver motivo justificável, “requerer ao oficial de registro civil que, nos

registros de nascimento e de casamento, seja averbado o nome de família de seu padrasto ou de sua madrastra, desde que haja expressa concordância destes, sem prejuízo de seus sobrenomes de família”, explicou Naiara.

Para fazer a mudança de nome agora, é necessário a apresentação de certidões e de documentos pessoais, como identidade e Cadastro de Pessoa Física (CPF). Fica dispensada, portanto, a apresentação de autorização judicial.

No caso de Raquel Maria, a mudança de nome foi como uma espécie de retratação histórica. Desde antes de seu nascimento, sua mãe e seus familiares falavam que ela se chamaria Raquel. Todos da família conversavam com a barriga da gestante tratando o bebê como Raquel, mas quando nasceu, não foi esse seu nome registrado. Ela, que é natural de Areia, no Brejo paraibano, foi registrada pelo genitor como Maria José da Costa por conta da crença relacionada ao nascimento de uma criança com o cordão umbilical ao redor do pescoço.

Porém, apesar disso, ela nunca soube que seu nome era esse,

de fato, até quando aprendeu a ler e viu seus documentos. “Até então, minha mãe sempre me chamou de Raquel, minhas irmãs, meus vizinhos, meus amigos, todos me chamavam de Raquel. Certo dia a minha mãe pediu para eu separar uns documentos, porque ela era analfabeta, e eu perguntei a ela quem era essa Maria José da Costa. Quando ela me disse que era eu, o meu mundo caiu ali, naquela hora. Foi terrível, a sensação de que lhe roubaram algo”, lembrou Raquel.

Foi somente com cerca de 30 anos que a enfermeira tornou-se, definitivamente, Raquel perante a lei. O processo precisou de toda a documentação, além de duas testemunhas para o dia da audiência. “Eu digo que nasci naquele dia, porque foi como se eu tivesse nascido mesmo. Eu sempre fui Raquel, mas não podia assinar como tal. Quando o juiz me disse ‘seja bem-vinda, Raquel’ eu chorei. Chorei porque eu ia poder dizer que meu nome era Raquel e ninguém jamais iria dizer o contrário, porque meus documentos comprovaram aquilo que eu falava”, ressaltou.

A situação era ainda mais

dolorosa para Raquel, porque quando foi registrada, seu pai colocou o sobrenome dele no nome, mas na certidão de nascimento em si não consta o nome do pai. “O advogado perguntou se eu tinha alguma aversão ao Costa, eu disse que não, mas na minha certidão consta pai ignorado, então eu quero o nome de quem me criou”, afirmou.

Apesar da sensação de recomeço e de vida nova, a defensora pública Naiara Antunes destaca que perante a lei, enquanto responsabilidades judiciais, a mudança de nome não “apaga o passado”. “A mudança de nome não altera as obrigações anteriormente contraídas, pois a averbação de alteração de prenome conterà, obrigatoriamente, o prenome anterior, os números de documento de identidade, de inscrição no Cadastro de Pessoas Físicas (CPF) da Secretaria Especial da Receita Federal do Brasil, de passaporte e de título de eleitor do registrado, dados esses que deverão constar expressamente de todas as certidões solicitadas, de forma que sua identificação continuará sendo possível”, enfatizou.



“

Eu digo que nasci naquele dia, porque foi como se eu tivesse nascido mesmo. Eu sempre fui Raquel, mas não podia assinar como tal

Raquel Maria

“

A evolução legislativa atende a um anseio social já reconhecido como juridicamente legítimo pela Corte Superior

Naiara Antunes



Fotos: Arquivo pessoal

Vitória no Supremo Tribunal Federal para as pessoas trans

Em 2018, o Supremo Tribunal Federal reconheceu o direito de pessoas trans mudarem seus nomes e gênero nos documentos sem precisar comprovar cirurgia de redefinição sexual ou tratamentos para a transição de gênero. “A evolução legislativa atende a um anseio social já reconhecido como juridicamente legítimo pela Corte Superior”, completou Naiara Antunes, defensora pública da Paraíba, em relação à nova lei de registros públicos.

Para a defensora, a desburocratização da mudança de nome, dispensando a justificativa para eventuais mudanças, “está em compasso com a autodeterminação dos indivíduos, além de ser um procedimento mais célere e menos burocrático, de forma a atender as expectativas daqueles que desejam tal alteração”, apon-

tou Antunes. Afinal, o nome é um traço de identidade das pessoas e remete à sua apresentação, como se define, entre outros aspectos.

Esse pensamento, em relação ao nome, é algo que a letróloga e pedagoga Jade Mariam Vaccari, de 32 anos, também compartilha. “Eu diria que ver o próprio nome em um documento é um reconhecimento que, para muitas de nós, é necessário. É muito boa a sensação de reconhecimento, de ver o nome que a gente quer ser atendido, ser chamada em um local como um banco ou um consultório, enfim, com o nome que você se identifica”, afirmou.

O processo de mudança de nome pode ter motivações distintas para pessoas distintas, mas em todos os casos corresponde a um desejo de ser reco-

nhecido, enquanto indivíduo, da forma que se quer e que se vê. Para Jade, essa mudança é muito importante para quem faz e só quem sabe, de fato, é quem sente a necessidade de fazer. A pedagoga, que traz o recorte de realidade relativo às mulheres trans e travestis, enfatiza que “nós somos mulheres e gostamos de ser tratadas como mulheres”.

O nome completo da letróloga é Jade Mariam Vaccari Carvalho Silva. A escolha do nome composto e do sobrenome Vaccari foi especial e perpassa por vários aspectos da identidade de Jade. O segundo nome, Mariam, foi inspirado no livro “A Cidade do Sol”, mas também com referência católica, por exemplo, em alusão à Maria. Já o primeiro nome, Jade, foi uma escolha de sua mãe. “O nome que eu tinha antes era nome composto e

é uma tradição na família colocar nome com a letra J nas pessoas, então seguiu essa lógica de continuar no nome J e Jade era o nome que a minha mãe conseguia chamar, porque parecia com o nome que eu tinha antes”, contou a pedagoga.

Osobrenome Vaccari, que foi uma mudança posterior, é em relação aos antepassados italianos que Jade possui. Ela, que é uma apaixonada pela língua e literatura italiana, sentiu a necessidade de modificar e acrescentar mais esse lado de sua própria identidade ao seu nome.

Mas, infelizmente, o preconceito não acaba quando a retificação do nome é concluída. Jade Vaccari reconhece que a mudança de nome é uma enorme conquista e que já abre portas para o reconhecimento genuíno perante a lei e alguns espaços, porém,

■ **O processo de mudança de nome corresponde a um desejo de ser reconhecido, enquanto indivíduo, da forma que se quer e que se vê**

no a dia a dia, ainda é necessário que haja educação e respeito por parte da sociedade para enxergar as pessoas trans da forma que elas são de verdade e não condicioná-las, de forma violenta, a serem sempre associadas ao corpo em que nasceram.

Foto: Agência Brasil



O Dia Mundial de Combate à Aids é celebrado em 1º de dezembro, período em que todas as Secretarias de Saúde do Brasil realizam as suas campanhas alusivas ao combate à doença

POR ANO NA PARAÍBA

Aids contamina cerca de mil pessoas

Número de casos está crescendo entre jovens de 15 a 19 anos e homens são maioria entre os pacientes

José Alves
zavieira2@gmail.com

Desde a sua descoberta em 1981, o HIV/Aids matou mais de 40 milhões de pessoas, de acordo com informações da Organização Mundial de Saúde (OMS). No Brasil, o Dia Mundial de Combate à doença é celebrado no dia 1º de dezembro com todas as Secretarias de Saúde do país realizando campanhas alusivas ao combate à doença. Na Paraíba, de acordo com a gerente operacional das Condições Crônicas e IST da Secretaria Estadual da Saúde, a doutora em Saúde pela Universidade Federal da Paraíba, Ivoneide Lucena Pereira, cerca de mil pessoas por ano são contaminadas com HIV. Atualmente a faixa etária mais atingida pelo vírus vai de 20 aos 49 anos.

“Os números também estão aumentando entre a população na faixa etária de 15 a 19 anos, idade em que os jovens começam a ter relações sexuais sem proteção. E tudo isso vem sendo descoberto através dos testes rápidos que são feitos em todos os municí-

pios da Paraíba pela Secretaria da Saúde”, detalhou.

“Só este ano 826 pessoas foram diagnosticadas com o vírus. Desse total 70% estão contaminados com o HIV. Essas pessoas ainda não estão com a doença, mas precisam começar o tratamento para que não venham ter Aids. Ter HIV é diferente de ter Aids. Através dos testes rápidos estamos conseguindo diagnosticar pessoas precocemente e elas, de posse dos medicamentos, estão conseguindo manter um ritmo de vida bem melhor”, revelou.

Ivoneide Lucena informou que as reações de cada paciente que contrai o vírus são diferentes. Em muitos casos tudo depende do psicológico. “A doença ainda não tem cura, mas tem tratamento. As pessoas infectadas têm que reduzir o consumo de álcool, ou não usar mais e têm que se alimentar melhor para ter mais qualidade de vida. Afinal, todos têm medicamento gratuito”, declarou Ivoneide, lembrando que o HIV foi descoberto há 40 anos.

Quando a doença foi descoberta as pessoas tinham

“

Só este ano, 826 pessoas foram diagnosticadas com o vírus. Desse total, 70% estão contaminados com o HIV

Ivoneide Lucena Pereira

que tomar cerca de 18 comprimidos por dia, mas atualmente elas precisam tomar apenas dois ou três diariamente e a Paraíba já dispõe desses medicamentos avançados. “Pessoas solteiras e casadas estão adquirindo HIV, que é o vírus que causa a Aids. E nesse meio, os homens heterossexuais, os bissexuais e os homossexuais são os que mais se contaminam. A cada cinco homens,

uma mulher é diagnosticada com o vírus”, revelou.

Em João Pessoa, o Hospital Clementino Fraga é referência no atendimento a pessoas com HIV. Lá os infectados podem iniciar o tratamento e tomar os medicamentos. Em toda a Paraíba existem vários serviços de atendimento, a exemplo de Campina Grande, Cabedelo, Patos, Santa Rita, Princesa Isabel, Bayeux e Cajazeiras, entre outras cidades. “Mas muitas pessoas para fugir do preconceito acabam buscando o tratamento numa cidade onde ela não mora, porque o preconceito ainda é grande”, frisou.

Filhos

Ivoneide explicou que em relação à qualidade de vida das pessoas contaminadas, atualmente elas podem viver muitos anos com HIV. O que ela precisa é se alimentar bem, fazer atividade física, pode se casar e ter filhos. Mas tudo vai depender da condição clínica dela. Ela pode inclusive ter filhos sem HIV. Se cuidando a pessoa infectada poderá ter qualidade de vida normal. Ela fez um alerta para

que as pessoas façam os exames anualmente, porque existem muitas pessoas que estão com o vírus e não sabem.

“Se uma pessoa tem HIV e vai iniciar uma relação sexual ou um namoro com alguém, necessariamente ela não é obrigada a falar, mas deveria. Porém, sabendo que é portadora do vírus, ela deve usar o preservativo para não expor a outra pessoa à doença. A mesma coisa pode ocorrer no ambiente do trabalho. Ela não é obrigada a falar e os empregadores não devem pedir esse tipo de exame.

Sintomas

Nas primeiras duas a seis semanas depois de serem infectadas pelo HIV, algumas pessoas podem apresentar sintomas similares aos de uma gripe, como febre, mal-estar prolongado, gânglios inchados pelo corpo, manchas vermelhas na pele, dor de garganta e dores nas articulações. Algumas pessoas não apresentam nenhum sintoma por muitos anos, enquanto o vírus, vagarosamente, se replica.

Uma vez que os sintomas desaparecem, a pessoa que

vive com o HIV pode não sentir mais nada por muito tempo. O período, conhecido como janela, varia de dois a 15 anos.

A pessoa que vive com o vírus HIV é diagnosticada com a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (Sida/Aids) quando seu sistema imunológico está fraco a ponto de não poder mais combater infecções oportunistas e doenças como a pneumonia, a meningite e alguns tipos de câncer. Uma das infecções mais comuns entre pessoas vivendo com o HIV é a tuberculose (TB) que, a cada ano, é a causa de um terço das mortes nessa população.

Tratamento

Ainda não existe cura para a infecção pelo HIV, embora os tratamentos sejam muito mais eficientes do que no passado. Uma combinação de medicamentos antirretrovirais (ARVs) ajuda a combater a multiplicação do vírus e permite que os pacientes levem vidas mais longas e saudáveis, sem que seu sistema imunológico seja afetado rapidamente. Esses medicamentos também são usados como medida preventiva, para diminuir a transmissão.

Foto: Agência Aids/Divulgação



Ainda não existe cura para a infecção pelo HIV, embora os tratamentos sejam muito mais eficientes do que no passado

O HIV/Aids já matou mais de 40 milhões de pessoas no país, de acordo com as informações da Organização Mundial de Saúde (OMS), daí a necessidade das campanhas

RIACHO DE SANTO ANTÔNIO

Município de histórias e memórias

Cidade tem se destacado nas áreas da agricultura, pecuária e valorização das expressões artístico-culturais

Ítalo Arruda

Especial para A União

Localizado a 200 quilômetros de João Pessoa, no Cariri Oriental, o município de Riacho de Santo Antônio é mais uma localidade da Paraíba cheia de riquezas naturais e culturais. Situado na mesorregião da Borborema e na microrregião de Campina Grande, o município é um dos mais jovens do estado, tendo apenas 28 anos de emancipação política. Com aproximadamente dois mil habitantes, conforme população estimada em 2021 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a cidade faz divisa com Pernambuco e reúne histórias e memórias que se cruzam com outros municípios da circunvizinhança – como Barra de Santana, Barra de São Miguel, Boqueirão, Gado Bravo, Queimadas, Alcantil e Cabaceiras –, diretamente ligadas ao seu processo civilizatório.

De acordo com registros históricos e informações da Prefeitura, entre os anos de 1936 e 1959, o então distrito de Riacho de Santo Antônio pertencia, administrativamente, ao município de Cabaceiras. Depois, conforme a Lei estadual nº 2078, de 30 de abril de 1959, passou a fazer parte da comunidade de Carnoió (hoje denominado Boqueirão), ao qual pertenceu por 35 anos.

Em 1994, Riacho de Santo Antônio desmembrou-se definitivamente de Boqueirão e foi elevado, assim, à categoria de município, de acordo com a Lei nº 5885, publicada em 29 de abril daquele ano. Desde então, a cidade vem se desenvolvendo economicamente em vários aspectos, com destaque para as áreas da agricultura e agropecuária (principalmente com fabricação de laticínio e produção de silagem de milho) e da valorização das expressões artístico-culturais.



Desde 1994, Riacho de Santo Antônio tornou-se independente ao se desmembrar de Boqueirão e virar município

Foto: Egberto Araújo



Foto: Site da Prefeitura Municipal

O artesanato produzido pela população do município também é destaque na cidade

Ações artísticas ultrapassam os limites da pequena cidade do Cariri

Segundo a secretária de Cultura, Turismo, Esporte e Lazer, Welba Nataly de Freitas Mineiro, há uma presença muito forte da manifestação das artes em Riacho de Santo Antônio. Apesar da pequena extensão territorial (pouco mais de 93 mil quilômetros quadrados) e populacional, ela afirma que o lugar possui uma veia artística que extrapola os limites do município, tornando-o reconhecido em vários estados e lugares do Brasil, com as ações culturais desenvolvidas através do teatro, da dança, da música e do artesanato.

Além do tradicional Grupo de Teatro Semeando Cultura, que reúne crianças e jovens para trabalhar a arte através da produção de espetáculos – cujas atividades integram o calendário cultural do município, com apresentações nas comemorações alusivas à Semana Santa, aos festejos juninos e natalinos, entre outros even-

tos –, Welba destaca a Orquestra Filarmônica Santo Antônio e a Banda Marcial Municipal como importantes agentes produtores e difusores da música e cultura caririenses não só em Riacho de Santo Antônio, mas também nos municípios e vilarejos vizinhos.

Outro importante grupo, segundo a secretária, é a Companhia de Dança Popular Caisca (Centro de Cultura, Artes e Integração Social para Crianças e Adolescentes), que há exatos 20 anos desenvolve um importante trabalho de educação e socialização com os jovens da região, por meio do estudo e da prática das danças e dos folguedos populares, sobretudo do Nordeste, cujos estilos variam entre o coco, maracatu, frevo e afins.

“Esse grupo tem sido destaque nacional e é uma entidade independente (sem fins lucrativos), que leva o nome de Riacho de Santo Antônio por onde passa, destacando o ta-

lento dos nossos jovens”, frisou Welba Nataly, ao acrescentar que o município também tem investido no desenvolvimento do esporte “com a realização de torneios e campeonatos de futebol nas zonas rural e urbana”.

Além disso, a produção de artesanato protagonizada pela população riachoantoniense também é destaque na cidade e contribui para a geração de renda de dezenas de famílias que utilizam a manufatura como meio de subsistência. No mês de dezembro, a cidade é palco do Festival Cultural, que acontece na principal praça da cidade (Praça de Santo Antônio). No evento, são realizadas várias exposições de peças e obras dos artesãos locais, além de feiras gastronômicas com comidas típicas regionais e apresentações musicais e teatrais com os artistas da terra.

População comemora três datas festivas com eventos culturais e religiosos

O dia que marca a emancipação política de um município é considerado o mais importante do calendário festivo de qualquer cidade. Em Riacho de Santo Antônio, a celebração deste evento acontece no dia 28 de abril. Tradicionalmente, a população comemora a data com uma festa realizada em praça pública. De acordo com informações da Secretaria de Cultura, Turismo, Esporte e Lazer, milhares de pessoas – incluindo moradores de cidades vizinhas – lotam a Praça Santo Antônio, onde são realizados shows e apresentações culturais.

Outro evento bastante importante é a festa de Santo Antônio, padroeiro do município. Sob as bênçãos e o encanto dos festejos juninos, a festa também integra o calendário de eventos

do site Destino Paraíba, que reúne os melhores lugares e pontos turísticos, e dá dicas de opções de lazer em todas as regiões do estado. Além da população local, a data é prestigiada por vários turistas que, nesta época do ano, aproveitam o movimento em torno do Maior São João do Mundo, em Campina Grande, e acabam incluindo em seus roteiros a cidade de Riacho de Santo Antônio e outros municípios aos arredores da Rainha da Borborema.

Em dezembro, além de ser tomada pela magia das luzes do Natal, a cidade é palco do Festival Cultural, evento que acontece nas primeiras semanas do mês e movimentada dezenas de artistas e grupos culturais da região. Todos os anos, uma personalidade natural de Riacho de Santo Antônio é

homenageada com a realização do evento. Este ano, o festival acontecerá no dia 9 de dezembro. A prefeitura, no entanto, não divulgou detalhes, pois, até o fechamento desta edição, a programação ainda estava sendo fechada.

Serviço

Principais pontos turísticos

- Praça Santo Antônio (Centro)
- Ruínas da Fazenda Tarrafa (Zona Rural)
- Açude Público – conhecido como Açude da Rua Velha (Zona Rural)
- Sítios arqueológicos/Pinturas rupestres (Zona Rural)



Crianças participam das brincadeiras dos grupos artísticos de Riacho de Santo Antônio

Foto: Site da Prefeitura Municipal

Zezé Motta, a empoderada

Atriz, cantora e militante homenageada no Fest Aruanda fala sobre seus mais de 50 anos de carreira, a vida no isolamento da pandemia, o 'streaming' e papéis memoráveis, como Xica da Silva

Gi Ismael
gi.ismael@gmail.com

“**T**odo reconhecimento é um estímulo para que a gente continue na luta”. De fato, a rotina artística da atriz, cantora e militante Zezé Motta é contínua no auge de seus 78 anos de idade. Só em 2022, Zezé trabalhou em filmes como *Fim de Semana no Paraíso Selvagem* e está no elenco de duas séries da Rede Globo, entre elas, *Fim*. Celebrada no 17º Fest Aruanda, Zezé chegou em João Pessoa nesta semana para uma homenagem e para a exibição do premiado longa *Xica da Silva* (1976), um divisor de águas em sua carreira.

“Soube recentemente de uma pintura minha que fizeram no mural do Cais do Valongo (RJ), um espaço emblemático para nós, negros. E, agora, vem essa homenagem da Paraíba, que eu também gostei demais de receber”, comentou ela, em entrevista exclusiva para **A União**. Mais de 50 anos de carreira e um amplo leque de personagens e vivências em diferentes gêneros cinematográficos e linguagens artísticas resultam em uma história profissional que, também há décadas, atravessa gerações, estrelando nas telonas do cinema ou nos *touch screens* dos celulares. “Eu andava preocupada achando o *streaming* restringiria muito a divulgação dos nossos trabalhos. Eu era quase analógica!”, brincou. “Agora, diminui a preocupação porque tenho visto que pessoas de todas as classes sociais têm acesso a um celular hoje em dia”, complementou Zezé, afirmando que acredita que o *streaming* democratizou o acesso às produções audiovisuais brasileiras.

Existe aí uma certa “modéstia digital”, já que nos últimos anos a atriz guinou de “quase analógica” para uma usuária ativa e frequente das redes sociais. Durante os meses mais tensos da crise sanitária, Zezé Motta participou de 67 *lives* – o que a ajudou no isolamento –, e se em algum momento a senilidade foi sinônimo de inércia, a artista vai de encontro ao estereótipo quando é a personificação do entusiasmo. “Muita gente sentiu solidão durante a pandemia, mas eu não senti isso. Eu só fiz trabalhar mais. Também fiz terapia *on-line* e até voltei a estudar piano”, contou ela. “Quando eu era adolescente, minha mãe, que

era costureira, tinha uma cliente que dava aulas de piano. Ela me ofereceu uma bolsa de estudos e eu ia para a sua casa, aprender o instrumento. Mas eu não tinha piano nem tinha condições de ter um, então não rendi muito. Hoje em dia, eu tenho um piano meia cauda na sala de casa, mas sinto dificuldade porque tenho menos tempo para estudar e tenho mais preguiça”, confessou, aos sorrisos. Quando questionada se pretende comandar o piano em sua carreira musical, que atualmente roda o país com o show *Atendendo a Pedidos*, Zezé Motta solta mais um riso frouxo. “Ainda não. Só toco uma valsinha aqui, uma ali... Qualquer instrumento você precisa se dedicar e não existe a mesma facilidade de quando eu era adolescente. É, ‘sete ponto oito’... Não é brincadeira, não: 78 anos de idade”.

Zezé Motta verbaliza seus anos de vida com todo o orgulho que, inegavelmente, sua jornada lhe traz. São mais de 100 produções, entre filmes, minisséries e novelas, e uma carreira que nunca deixou de quebrar paradigmas, fossem eles em relação à sua pretitude, ao seu gênero ou à sua idade. “Tem uma parede da minha casa com vários personagens meus e é muito interessante como às vezes eu olho e reflito sobre tudo que vivi”. Ela, que já anseia pela chegada dos 80 anos, não para de fazer planos. “Pessoalmente, eu penso em dar uma desacelerada nas viagens, ficar um pouco mais com minhas filhas e netos. Eu sou canceriana, então amo ficar em casa”, brincou.

Zezé revelou que gostaria de encabeçar mais um projeto artístico mesmo na fase desacelerada que pretende entrar. “Profissionalmente, eu penso em investir em direção, não de grandes espetáculos ou no teatro, mas de artistas, cantores. Já dirigi pessoas como a Leci Brandão e o Jamelão, e amei a experiência. Gostaria muito de explorar mais esta vertente em breve”.

Protagonista de vanguarda

Exibido na abertura do Fest Aruanda na última quinta-feira (dia 1º), *Xica da Silva* é um marco no cinema nacional, uma comédia provocadora de Cacá Diegues que levantou polêmicas desde sua estreia, sendo considerada “politicamente incorreta” demais para a sua época. Mas as críticas, sejam quais forem, não atingem Zezé, a protagonista da obra, que diz continuar muito atual.

“Por exemplo, criticaram a cena da nudez, disseram que eu estava expondo o corpo de uma mulher negra e que isso não era interessante para o que se estava discutindo naquele momento – ou seja, a exploração da sexualidade da mulher negra. Eu discordo no sentido de que, a minha nudez, eu não considero algo vulgar”, disse a atriz fluminense.

Para Zezé Motta, o recurso narrativo no filme tinha a intenção de mostrar que Xica da Silva era uma mulher vanguardista e empoderada. “Eu me lembro de que na época teve gente que achou que contar a vida de Xica não era relevante, que ela não tinha feito benefício pra humanidade. Nós, atores, temos uma postura de defender o personagem que vivemos. E dizia para essas pessoas: ‘Não cobrem de Xica da Silva atitudes de Angela Davis’”, finalizou.

Aos 78 anos de idade, Zezé Motta continua na ativa atuando em filmes e séries, além de rodar o país com o show ‘Atendendo a Pedidos’

Artigo

Estevam Dedalus
Sociólogo | colaborador

O “capitalismo afetivo”

Todo mundo já deve ter passado pela situação embaraçosa de fingir interesse numa conversa, apenas para não parecer mal-educado. Uma interação meramente protocolar que é seguida por acenos de cabeça, interjeições de espanto, expressões faciais como careta e franzir de testa.

É praticamente certo que, nesses casos, os cínicos levem vantagem; suas performances teatrais costumam ser mais convincentes do que a da grande maioria das pessoas. O que daria um ar de espontaneidade à cena. A vida cotidiana é marcada por esses episódios que não devem ser compreendidos como uma farsa.

Sociólogos chamam esse tipo de comportamento de “atuação superficial”. A escolha do termo é compreensível, porque falamos de um controle expressivo que visa fazer com que os outros nos vejam como desejamos ou que pareçam os atender às expectativas sociais. Assim, damos sinais falsos sobre o que realmente estamos pensando ou sentindo – dissimulando nossas emoções – como quando tentamos parecer felizes numa festa.

A ideia a seguir deve resumir melhor o que pretendo dizer: do mesmo modo que um ator que se prepara para interpretar determinada peça pode seguir uma técnica de atuação típica à escola de teatro inglesa, mais preocupada com pequenos detalhes expressivos da personagem, também pode adotar uma técnica de “atuação profunda” como a da escola americana ou o método Stanislavsky. Ambas fornecem ao ator as condições essenciais para desenvolver, em si mesmo, os pensamentos e emoções da personagem.

A “atuação profunda” eleva o grau de exigência do gerenciamento emocional, pois não se limita a manipular aparências ao buscar interferir diretamente no que queremos sentir. Às vezes nossos sentimentos estão em desacor-

do com nossas crenças, valores morais e ideologias políticas. Como uma mãe que se sente culpada por não amar seu filho como a sociedade espera, e por isso tenta corrigir o problema procurando alimentar o afeto; ou quando defensores do amor livre sentem ciúme de suas parceiras e agem para controlá-lo.

Cada vez mais o setor de serviços, na atual economia capitalista, exige que seus empregados sejam capazes de oferecer emoções reais aos clientes, como forma de estabelecer uma relação mais duradoura e “sincera” com eles. É preciso que os trabalhadores acreditem no que fazem e que seus repertórios emocionais estejam verdadeiramente alinhados às estratégias das empresas. O que ajuda a entender o surgimento de um importante mercado de “*coaching* de inteligência emocional”. Espera-se, por exemplo, que um vendedor de planos de saúde tenha fé nos supostos benefícios que oferece aos clientes, que não seja algo “da boca pra fora” – uma mera “atuação superficial”.

Segundo a socióloga norte-americana Arlie Russel Hochschild, pelo menos desde a década de 1960 as emoções passaram a fazer parte do mesmo pacote que é vendido a força de trabalho no mercado capitalista. O que seria possível graças a uma reestruturação econômica que precipitou o surgimento de profissões marcadas pelo maior envolvimento emocional.

Esse, definitivamente, não foi um pré-requisito que os proletários do século 19 tinham que preencher; submetidos a um trabalho quantificável, pouco importava se sentiam-se bem ou estavam identificados com o que faziam – desde que cumprissem as metas de produção.

As empresas, no entanto, passaram a explorar os sentimentos dos seus empregados com a ajuda de psicólogos, responsáveis por criar técnicas de aprendizado emocional. São eles que ensinam os empregados a sorrir, controlar a rai-

va, reelaborar insatisfações, canalizar sentimentos para o melhor desempenho comercial e inculcar em seus corações o apego à organização; o que transformaria um “estilo afetivo” numa espécie de capital. Os sentimentos, desde então, se tornaram sinônimo de lucro e bom desempenho produtivo.

Entre os casos estudados por Hochschild, o da Delta Airlines é um dos mais curiosos. Ela observou como o processo de contratação e preparação das comissárias de bordo dessa empresa tinha como objetivo evitar a “atuação superficial” no atendimento aos passageiros. As mulheres mais bonitas e psicologicamente suscetíveis à manipulação eram o principal alvo na seleção de novos funcionários; após serem escolhidas, acabavam submetidas a treinamentos para despertar emoções “autênticas” e corporificar o “espírito empresarial”.

Podemos afirmar – como fez a socióloga israelense Eva Illouz – que a “competência afetiva” se tornou um capital e um critério para o recrutamento e promoção de pessoal nas empresas. O fenômeno surpreendente é que “as formas afetivas do capital podem ser convertidas em formas monetárias”. Os capitalistas não compram apenas a força de trabalho de seus empregados, mas também as suas emoções.

A “inteligência afetiva” assumiu papel de destaque e sem volta no capitalismo contemporâneo. Não é por acaso que grandes companhias como a L’Oréal medem o desempenho de seus funcionários com base na competência afetiva. De acordo com a empresa de cosméticos francesa, os empregados recrutados pelo novo critério possuem melhores índices produtivos e menor taxa de rotatividade que os contratados com base no critério antigo.

O capitalismo reduziu os afetos a “um simples valor de troca”, atirando-os às “águas gelidas do cálculo egoísta”.

Klebber Maux Dias
klebmaux@gmail.com | colaborador

Estética e Existência

Demências mental e social

Pensar a demência é criar uma análise sobre o “sujeito oculto da demência”. Diante disso, a “demência mental” apresenta um grupo de sintomas que são caracterizados por uma disfunção do cérebro, entre esses tem-se a perda da memória e do discernimento, entre tantas. Essas falhas criam dificuldades – no indivíduo – de exercer suas atividades do cotidiano. E tem suas causas nas circunstâncias de violência social, também das narcísicas convivências familiares, e de práticas religiosas psicóticas. Essas situações conduzem indivíduos a ficarem doentes coletivamente, que podem ter suas causas nas tensões sociais. Por isso, observa-se que um indivíduo – “demente sozinho” – não constitui um dano social. Entretanto, vários indivíduos débeis constituem um problema social muito grave, que se torna uma crise nas políticas de saúde pública. Essa grave situação torna vulnerável a insegurança pública, a péssima convivência familiar e a perda do senso crítico. Diante de tudo isso, a irritabilidade é um dos sintomas mais presentes dessa doença. A “demência social” é uma condição perturbadora da sociedade, nela, observa-se “grupos dominantes” sendo uma espécie de “deterioração da vida social”, por isso, esse transtorno é estudado como um fator de repressão e de mutilação da dignidade humana. A “demência social” sempre é rejeitada por indivíduos autoritários e cruéis, por não suportarem conviver com as próprias falhas psíquicas, tanto a mental quanto a social.

A “boa saúde mental”, por ser um bem-estar social, é estudada com a finalidade de preservar a harmonia no diálogo entre os interesses políticos e individuais, a fim de solucionar os conflitos associativos e dissociativos. Esses dois grupos se apresentam de forma associativa e dissociativa. Nos associativos tem-se a “cooperação”, “acomodação” e “assimilação”. Na “cooperação”, os indivíduos coope-



Carl Jung, fundador da psicologia analítica

ram entre si para alcançar um objetivo em comum. Na “acomodação”, um indivíduo se satisfaz com a situação que é imposta por um outro ou pela sociedade. Na “assimilação”, os indivíduos de grupos antagônicos se tornam semelhantes. Dentre os dissociativos estão a “competição” e o “conflito”. A “competição” é a disputa de interesses entre indivíduos ou grupos sociais, regulada por normas. O “conflito” é o processo que ocorre quando surge uma intensa tensão social, geralmente ocorre a violência ou o extermínio do outro.

A psicologia e a psicanálise nos ensinam que há um “inconsciente coletivo” dinâmico. Entende-se por inconsciente um estado mental que se encontram as forças sublimadas por algum agente repressor, que as impede de chegar ao nível da consciência. Pode-se observá-lo nestes sintomas: confusões mentais; esquecimentos; atos falhos nas palavras e tantos outros. Essas falhas revelam forças irracionais que a razão consciente não permite serem conhecidas.

Os estudos que apresentam uma contribuição aos fenômenos de transtornos, também é conhecido por “in-

consciente coletivo”, que surgiram através do psiquiatra, psicoterapeuta e fundador da psicologia analítica Carl Gustav Jung (1875-1961). Afirmava que o inconsciente é onde se encontram todos aqueles pensamentos ou memórias que já foram conscientes. Entretanto, não se tem acesso num determinado momento. E está – no consciente – as concepções que começam a se formar dentro de todo ser humano, porém, só serão percebidas, de forma consciente, pela razão num determinado futuro. O inconsciente de Jung apresenta estas duas características: no pré-consciente estariam conteúdos que estão a emergir à consciência a se tornarem claros para um indivíduo; o inconsciente não é acessado pela razão. As suas teses diferenciam dois tipos de inconscientes: o individual, que é pessoal e é formado a partir das experiências individuais; o coletivo, que é formado a partir de concepções herdadas da história humana, e é conservado pela coletividade.

As demências mental e social formam um “inconsciente coletivo”, que produz cidadãos acrítricos, e os conduzem a afirmarem que todos são loucos! Diante disso, o imperativo do fazer justiça com as próprias mãos... estimula a convicção paranoica coletiva de fazer a limpeza social, e de proteger a sociedade da ameaça dos seus “imaginários agressores”. Os desafios dos novos estudos das demências estão em responder, nos dias atuais, por que uma multidão é conduzida por um grito de comando de uma “mente demente e violenta”?

Sinta-se convidado à audição do 347º Domingo Sinfônico, deste dia 4, das 22h às 0h. Em João Pessoa-PB sintoniza FM 105,5 ou acesse através do aplicativo radiotabajara.pb.gov.br. Comentarei peças de compositores eruditos brasileiros que contribuem ao bem-estar social.

Kubitschek Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

Que será, será

Meu irmão Normando, o mais bonito da récuca de nove, tinha olho azul ou verde, não lembro. Normando teria feito 70 anos em setembro passado. Imagino ele, com 70, perguntando a si mesmo, o que seria daqui pra frente. Que será, será.

Meu irmão partiu com 30 e poucos anos, ele tinha Aids, num tempo em que não haviam coquetéis. A vida deixou de vesti-lo completamente. Quando era verão, ele vinha ficar uns dias perto do mar (na casa do mano WP) e, na imensidão do mar do Bessa, foi visto a pensar sobre coisas profundas.

Coisas que me fazem bater o coração depressa: a felicidade proporcionada, minha família, os amigos, as janelas abertas pela letra “A”, a luz atravessando o mosqueteiro de filô, o gozo das nuvens, as canções de filmes, um olhar na esquina, o rir, o som da chuva, os poemas de Drummond, viajar sem despedidas, falar em público, cafés e a melancolia.

Quando eu era jovem, falei com o crítico de cinema, João Batista de Brito, acho que ele não lembra, lá na Academia Paraibana de Letras, que eu estava escrevendo um romance sobre a mala do morto. O morto era meu irmão. Outro dia revi essas páginas e achei engraçadas.

Muitas coisas se transformam em função de outras, nunca incertas coisas que batem na porta da frente. Um “melro” canto sempre de determinada maneira, aqui ou noutros continentes, como se avisasse novidades. Não sei bem ao certo, mas viver é voltar de algum lugar, por isso que, às vezes, nos perdemos uns dos outros.

Eu estava tentando dormir quando escutei uma canção bonita, que define completamente o filme *O Homem que Sabia Demais*, de Alfred Hitchcock, de 1956, com Doris Day cantando ‘Que, será será’. Fazia tempo que eu não escutava essa canção. Me acordei, dei um pulo, algo semelhante me lembrou o Banquete de Platão, mas é muito difícil explicar.

Fui conferir a canção de Jay Livingston e Ray Evans na voz de Doris Day, a música encheu a casa e o sono se foi. Chorei. Não pela voz, sequer pela ocasião, e certamente, porque é a cena mais bonita do filme, ou o filme não seria bom sem a beleza da canção. Quem viu o filme sabe da cena do piano.

A tradução da canção diz que uma menina perguntava a sua mãe, o que ela seria, serei bonita? Serei rica? E a mãe disse, “Que será, será”...

O futuro não existe. Aliás, nada é nosso, por mais que gente use e abuse das comidas, de um cigarro, para quem fuma, ou algo assim como Paris.

Lembrei do meu irmão – Normando, porque foi ele quem mandou de Brasília uma televisão pra mim, quando eu só tinha uma cama de campanha, uma frigideira e o mergulhão de fazer café.

Tarde da noite a TV chuveirava sem antena e eu consegui assistir ao filme de Hitchcock pela primeira vez. Era o homem que sabia demais.

A saudade de uma pessoa que teve vida mínima, surge-me, por outro ângulo, como a presença de uma possibilidade efêmera de luz que chega pelas janelas do carro, e o seu símbolo maior, o farol, cenas sincrônicas que nos permite o vislumbre de outra canção, que guia no sentido contrário daquele que era meu irmão e outros amores, que perdemos por aí. Que será, será.

Kapetadas

- 1 - Há algo em comum entre os que comemoram a dor do Neymar. Não vou falar aqui porque tenho mais o que fazer no domingo;
- 2 - Tudo vai correr bem. Mas antes haverá muita correria;
- 3 - Som na caixa – “O que será que será / Que dá dentro da gente e que não devia”, Chico e Milton Nascimento.



Doris Day canta ‘Que será, será’ em ‘O Homem que Sabia Demais’

Colunista colaborador

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | colaborador

Evento sequer expõe o selo da APC

Nas promoções da cultura e das artes, ao não se observar e considerar bem seus “retrovisores”, ficam espaços a serem preenchidos de indagações, essencialmente. Mais ainda, quando continuam à margem das discussões, na elaboração dos programas, o apoio de entidades consideradas formalmente representativas, como é o caso de cinema.

Tem sido frequente e notoriamente estranho, nesses últimos anos, uma não participação de direito e de fato da Academia Paraibana de Cinema (APC) no preparo da programação do Fest Aruanda do Audiovisual Brasileiro. Evento esse de inegável representatividade no cenário nacional, este ano já na décima sétima versão, aberto esta semana e com término na próxima quarta-feira (dia 8).

Mais estranho, ainda, é o fato de seu flagrante desdém à existência de uma entidade que, institucional e culturalmente, queira-se ou não, deve ser representante, também, de qualquer atividade que articule respeito à arte cinematográfica; como deve ser a Academia Paraibana de Cinema.

Busca-se a cada ano, e não encontrado na página (site) do Fest Aruanda, visual-institucionalmente, uma citação formal sobre a APC; sequer a marca, o selo da entidade. Fato observado, não só por esta coluna, naquilo que vem sendo creditado como “parceiros: Fortalecendo o cenário do au-



Atriz é tema do curta ‘Zezita, Artes e Nuvens’

diovisual...”; e olhe que são muitos os sinetes ali creditados pela organização do certame; até reconhece-se, necessários à realização do evento.

Indagado por esta coluna, verifica uma clara omissão da participação mais efetiva da APC na organização do Fest Aruanda, membros da APC são da seguinte opinião: “...quando vão parar de chamar a Academia apenas para as fotos...”, durante o “é... vento”?

Contudo, é bom registrar aqui a efêmera participação de integrantes da di-retoria da APC no evento deste ano. A

nota divulgada no site pelo jornalista Lúcio Vilar, ocupante da cadeira 24 da Academia Paraibana de Cinema, que é fundador e produtor executivo do Fest Aruanda, registra que haverá uma “entrega do Troféu Aruanda 8.0, de Dedicção e Amor ao Teatro e ao Cinema”, à atriz (e presidente da APC) Zezita Matos, também exibição do curta-metragem *Zezita, Artes e Nuvens*, de João de Lima Gomes e Everaldo Vasconcelos (com o devido registro fotográfico, claro!), que acontecerá na Sala 9 do Cinépolis, no Manaíra Shopping, em João Pessoa, nessa terça-feira (7), às 14h.

Retornando à questão da falta de participação formal da Academia Paraibana de Cinema nas instruções do Fest Aruanda, isso lembra a afirmação feita por um dos integrantes da APC e secretário de Estado, ao comentar sobre a importância da cultura quilombola no Talhado: “...a cultura brasileira seria amorfa sem a influência da cultura africana”. O que é uma verdade absoluta. Que persistam, pois, as tradições!

E buscando plagiar a assertiva acima, do parceiro de academia, diria que, qualquer iniciativa paraibana sobre “nosso” cinema, ou meramente audiovisual, sem uma participação da APC, mesmo que simbolicamente, dentro e/ou fora do estado, seria considerada “amorfa”. – Mais “Coisas de Cinema”, acesse nosso blog: www.alexasantos.com.br.



Autores lançam ‘De Gadanho a Closes’

Os professores João de Lima Gomes e Pedro Nunes, membros da Academia Paraibana de Cinema, ocupantes das cadeiras 14 e 28, respectivamente, estão lançando o livro digital *De Gadanho a Closes: memória, cinema Super-8, apagamentos e resistência cultural na Paraíba*. Segundo Nunes, um dos organizadores da obra, ela “traz uma série de olhares interpretativos sobre o cinema Super-8, na fase final da ditadura militar...”. A presidência da APC e seus demais integrantes se congratulam com os autores, por mais essa retomada à história do cinema paraibano. O livro já está disponibilizado na internet, bastando acessar o seguinte endereço: geminisufscar.com.br/grupo/2022/11/22/seminario-de-lancamento-do-livro-de-gadanho-a-closes-organizado-por-joao-de-lima-gomes-e-pedro-nunes/.

Em cartaz

ESTREIA

ATÉ OS OSSOS (Bones and All. EUA. Dir: Luca Guadagnino. Drama. 18 anos). Baseado no romance de Camille DeAngelis, acompanhamos Maren Yearly (Taylor Russell), uma jovem que quer ser alguém que as pessoas admiram. Ela vai à procura do pai que nunca conheceu e o amor floresce quando conhece um vagabundo marginalizado (Timothée Chalamet) enquanto eles embarcam numa odisseia pelas estradas secundárias da América. CINÉPOLIS MANAÍRA 11 - VIP (dub.): 14h30 (exceto sex. e seg.) - 17h30 (exceto sex. e seg.) - 20h30 (exceto sex. e seg.).

CREPÚSCULO (Twilight. EUA. Dir: Catherine Hardwicke. Suspense e Romance. 12 anos). Começo da série vampiresca de 2008 baseada nos romances de Stephenie Meyer retorna aos cinemas. CINÉPOLIS MANAÍRA 8 (leg.): 19h; CINÉPOLIS MANGABEIRA 2 (leg.): 19h.

A MALDIÇÃO DO QUARTO 203 (Room 203. EUA. Ben Jagger. Terror. 14 anos). Depois que as amigas de longa data Kim (Francesca Xuereb) e Izzy (Viktória Vinyarska) se mudam para o quarto 203, um apartamento peculiar com um vitral medieval assustador, Kim lentamente se convence de que sua nova casa pode ser assombrada. CINÉPOLIS MANAÍRA 3 (dub.): 17h (exceto de sex. a seg.) - 21h40; CINE SERCLA TAMBIA 2 (dub.): 18h30 - 20h30; CINE SERCLA PARTAGE 4 (dub.): 18h30 - 20h30.

O MENU (The Menu. EUA. Mark Mylod. Terror. 16 anos). Um casal (Anya Taylor-Joy e Nicholas Hoult) viaja para uma ilha costeira para comer em um restaurante exclusivo, onde o chef (Ralph Fiennes) preparou um cardápio com supresas chocantes. CINÉPOLIS MANAÍRA 2: 14h15 (dub., exceto sex. e seg.) - 16h45 (leg., exceto sex. e seg.) - 19h15 (dub., exceto sex. e seg.) - 21h50 (leg., exceto sex. e seg.).

NA RÉDEA CURTA (Brasil. Dir: Ary Rosa e Glenda Nicácio. Comédia. 12 anos). Quando Júnior descobre que a namorada está grávida, ele percebe que sua maior insegurança é a falta de referências, pois nunca conheceu seu próprio pai. Assim, ele convence Mainha e os dois partem de Salvador até o Recôncavo da Bahia para descobrir o paradeiro de seu genitor. CINÉPOLIS MANAÍRA 1: 20h45; CINE

SERCLA TAMBIA 3: 17h - 19h - 21h; CINE SERCLA PARTAGE 5 (dub.): 17h - 19h - 21h.

NOITE INFELIZ (Violent Night. EUA. Dir: Tommy Wirkola. Ação e Comédia. 16 anos). Na noite da véspera de Natal, um grupo de criminosos liderados por um mercenário ambicioso decide executar um plano de assalto para roubar 300 milhões de dólares em um condomínio familiar. No entanto, eles dão de cara com o próprio Papai Noel (David Harbour) chegando para entregar os presentes. Agora o Bom Velhinho entrará em uma batalha para defender essas pessoas inocentes. CINÉPOLIS MANAÍRA 4: 13h45 (dub., exceto sex. e seg.) - 16h15 (leg., exceto sex. e seg.) - 18h45 (dub., exceto sex. e seg.) - 21h15 (leg., exceto sex. e seg.); CINÉPOLIS MANGABEIRA 3 (dub.): 15h30 (exceto sex. e seg.) - 18h (exceto sex. e seg.) - 20h; CINE SERCLA TAMBIA 5 (dub.): 16h05 - 18h10 - 20h15; CINE SERCLA PARTAGE 1 (dub.): 16h05 - 18h10 - 20h15 (exceto qui.).

TUBARÃO: MAR DE SANGUE (Shark Bait. Reino Unido. Dir: James Nunn. Suspense. 16 anos). Um grupo de amigos aproveitam um fim de semana e roubam alguns jet skis para ir para o mar, mas acabam em um terrível acidente. Eles lutam para encontrar o caminho de casa carregando um amigo gravemente ferido enquanto terríveis predadores os perseguem no mar. CINÉPOLIS MANAÍRA 3 (dub.): 17h15 (exceto sex. e seg.) - 22h10; CINÉPOLIS MANGABEIRA 4 (dub.): 17h (exceto sex. e seg.) - 21h40; CINE SERCLA TAMBIA 4 (dub.): 16h45 - 18h45 - 20h45; CINE SERCLA PARTAGE 3 (dub.): 16h45 - 18h45 - 20h45.

CONTINUAÇÃO

ADÃO NEGRO (Black Adam. EUA. Dir: Jaume Collet-Serra. Ação. 12 anos). A origem do grande antagonista de Shazam!, super-herói do Universo DC. Quase 5 mil anos depois de ter sido agraciado com os poderes onipotentes dos deuses egípcios – e preso com a mesma rapidez –, Adão Negro (Dwayne Johnson) é libertado de sua tumba terrena, pronto para lançar sua forma única de justiça no mundo moderno. CINÉPOLIS MANAÍRA 8 (dub.): 21h45; CINÉPOLIS MANGABEIRA 2 (dub.): 21h45.

MUNDO ESTRANHO (Strange World. EUA. Dir: Don Hall e Qui Nguyen. Animação. Livre). A família

Clade não é muito igual as outras. Eles são exploradores que desbravam novas terras e estão em uma missão para explorar um mundo estranho e não conhecido. Porém, as diferenças entre os membros da família podem por sua nova missão em risco. CINÉPOLIS MANAÍRA 1 (dub.): 13h15 (exceto sáb. e dom.) - 15h45 (exceto sex. e seg.) - 18h15 (exceto sex. e seg.); CINÉPOLIS MANAÍRA 8 (dub.): 14h (exceto sex. e seg.); CINÉPOLIS MANGABEIRA 2 (dub.): 14h15 (exceto sex. e seg.) - 16h40 (exceto sex. e seg.); CINÉPOLIS MANGABEIRA 4 (dub., 3D): 14h45 (exceto sex. e seg.) - 19h15; CINE SERCLA TAMBIA 2 (dub.): 14h30 - 16h30; CINE SERCLA PARTAGE 4 (dub.): 14h30 - 16h30.

NADA É POR ACASO (Brasil. Dir: Márcio Trigo. Drama. 14 anos). Marina (Giovanna Lancellotti) volta de uma viagem com R\$ 5 milhões em sua conta. Agora, ela só quer seguir em frente sem olhar para trás e encerrar o que fez. Porém, ao longo do tempo, Marina percebe que seus encontros com Maria Eugênia (Mika Guluzian), Henrique (Tiago Luz) e o filho do casal param de parecer meras coincidências. As mulheres percebem que estão conectadas por um laço muito mais poderoso. CINÉPOLIS MANAÍRA 8: 16h30 (exceto sex. e seg.).

PANTERA NEGRA: WAKANDA PARA SEMPRE (Black Panther: Wakanda Forever. EUA. Dir: Ryan Coogler. Aventura. 14 anos). Em Wakanda, a Rainha Ramonda, Shuri, M'Baku, Okoye e as Dora Milaje lutam para proteger a sua nação de potências mundiais, na sequência da morte do rei T'Challa. Enquanto os Wakandianos se esforçam para abraçar o próximo capítulo, os heróis unem-se com a ajuda de War Dog Nakia e Everett Ross para descobrirem um novo caminho para o reino de Wakanda. CINÉPOLIS MANAÍRA 6 (dub.): 14h10 (exceto sáb. e dom.) - 17h40 (exceto sex. e seg.) - 21h; CINÉPOLIS MANAÍRA 7 (leg.): 15h15 (exceto sáb. e dom.) - 18h40 - 22h15; CINÉPOLIS MANAÍRA 10 - VIP (leg.): 15h (exceto sáb. e dom.) - 18h30 - 22h (3D); CINÉPOLIS MANGABEIRA 1 (dub., 3D): 15h (exceto sex. e seg.) - 18h30 - 22h; CINÉPOLIS MANGABEIRA 5 (dub.): 14h (exceto de sex. a seg.) - 17h15 (exceto de sex. a seg.) - 20h45; CINE SERCLA TAMBIA 6 (dub.): 14h - 17h - 20h; CINE SERCLA PARTAGE 1 (dub.): 20h15 (apenas qui.); CINE SERCLA PARTAGE 2 (dub.): 14h - 17h - 20h (exceto qui.).

Letra Lúdica

Hildeberto
Barbosa Filho

hildebertopoesia@gmail.com

Poeta e leitor

Sérgio de Castro Pinto acaba de publicar, pela Amibaça (PB), *O leitor de si mesmo*, reunião de textos críticos extraídos de sua coluna em **A União**. A considerar os títulos anteriores, *O leitor que sou* (2015) e *O leitor que escreve* (2020), quero crer que me vejo diante de uma trilogia que tem, no exercício ensaístico, seu objetivo e caracterização. A propósito, disposição iniciada com *A casa e seus arredores* (2006), a que prefaciei.

Leitor de si mesmo é qualquer poeta. E diria, leitor crítico, uma vez que a elaboração de um poema também se perfaz como um ato crítico. Um ato de sondagem, de investigação, de escolha e de medida. Se o lirismo às vezes brota e se expande pelo complexo emocional, aquilo que Mário de Andrade via como o primeiro momento da criação, é necessário, numa segunda instância, a inflexão da técnica, a tarefa crítica, a disciplina metalinguística, no escopo de que o poema possa se consumir na harmonia do som e do sentido, do conteúdo e da forma.

Quem acompanha, por exemplo, a criação poética de Sérgio sabe perfeitamente que o autor de *A ilha na ostra*, desde seu primeiro livro de poemas, *Gestos lúcidos*, de 1967, vem como que fazendo a antologia de si mesmo, na medida em que, aos novos e inéditos textos junta aqueles que, na sua leitura crítica, devem permanecer como valores fundamentais de sua trajetória poética.

Aí está, penso eu, o germe primordial da sua postura analítica e exegética. O poeta, portanto, com o habitual domínio da linguagem, com a intimidade que mantém com o sigilo dos vocábulos, com a experiência de suas leituras estéticas e literárias, como que preside o olhar desse leitor “que sou”, diz ele, e que escreve. Quero assinalar com isto que o poeta se imiscui pela aventura do ensaísta, captando por dentro os meandros da fenomenologia literária, ao mesmo tempo em que se exercita na liberdade de pensar, pesar e avaliar a variedade de material expressivo que lhe chama a atenção na mágica rotina da leitura. Seguindo a mesma estratégia das obras anteriores, talvez com a diferença de que nesse volume parece privilegiar mais os autores locais, Castro Pinto dialoga analiticamente com seus pares, entre novos, consolidados e canônicos, dentro do nosso microssistema literário.

Em geral, são textos curtos, porém, detentores de uma mirada crítica que toca sempre no essencial do problema, isto é, nesse ou naquele aspecto que, temática ou formalmente, constitui a garantia estética das obras abordadas. Em Aline Cardoso, por exemplo, ressaltava a heterodoxia do lirismo, destacando seu despojamento e sua tática antirretórica naquilo que resume como “flores de aço”, uma vez que são flores “que vergastam como chicotes, que cortam como lâminas, mas que possuem uma temura implícita, oculta nas entrelinhas”. Face aos haicais de Paulo Sérgio Vieira se atém, entre outras marcas, à alogicidade do lirismo, na sua concepção, um tipo de “rebeldia quando ele passa a afirmar incisiva e peremptoriamente que uma coisa é outra, que isso é aquilo, aproximando o próximo do aparentemente distante, celebrando uma espécie de núpcias dos contrários”. Acerca de *O feudo do morto*, obra de estreia de Elmano Menezes, salienta o toque de maturidade, afirmando que não se trata “de um livro de estreante, de quem se inicia nas lides literárias, mas de um poeta cuja estreia tardia contribui para que ele melhor terçasse e esgrimissem os seus instrumentos de trabalho”.

E por aí vai, trazendo à tona, em suas considerações, nomes como: W. J. Solha, Maria de Fátima Barros, Vital Conrêa de Araújo, Antônio Mariano, Walter Galvão, Pedro Américo de Farias, Fernando Monteiro, José Rodrigues de Paiva, Carlos Newton Jr., Vitória Lima e tantos outros.

Poderia citar e citar mais exemplos de seus percursos exegéticos e demonstrar, a largo, o modo de proceder do poeta diante da criação alheia. Satisfazco-me, no entanto, com os exemplos referidos, para meditar a respeito de duas notações que me parecem se sobressair no discurso crítico do autor de *O cerco da memória*. A primeiro reside na própria epígrafe do livro, tomada à Proust, e na ideia de que “todo leitor é, quando lê, o leitor de si mesmo”. A obra alheia funciona como um “instrumento óptico” a revelar coisas que, sem ela, o autor “não teria certamente visto em si mesmo”. Perfeito! Acredito que, quando Sérgio fala dos poetas, e principalmente dos poetas, fala também, nas entrelinhas e por atalhos oblíquos, de seu ideário específico diante da poesia, de suas ferramentas peculiares diante da composição do poema, da estética particular e ética possível que regem o andamento das palavras na consecução do texto poético.

A segundo concerne ao comportamento estilístico e seus desdobramentos. Em que pese a natural prevalência da função referencial nos textos que escreve, no ensaísmo que expõe, na crítica que faz, Sérgio de Castro Pinto não esquece, em nenhum momento, o poeta que é. E por isto, a sua palavra crítica também é palavra poética, na medida em que o brilho da frase, o calor dos vocábulos, a riqueza figurativa, a economia de meios chamam a atenção para si mesma.

É ler e conferir.

Colunista colaborador

‘ASSIM PROCEDI’

Ex-gestão da APLJ torna-se livro

Advogado Alberto Jorge Dantas Sales lança obra sobre sua passagem na presidência da Academia Jurídica

José Nunes
Especial para A União

Quando se conclui uma administração, em órgão público ou privado, normalmente se exige a prestação de contas, um relatório onde constam tudo o que foi realizado no período. Assim se deu com a gestão da Academia Paraibana de Letras Jurídicas (APLJ), período de 2020/2022, fez publicar livro com essa finalidade.

Com o livro *Assim procedi*, o advogado Alberto Jorge Dantas Sales, que administrou a APLJ e o colégio de presidentes das Academias Jurídicas do Brasil, transcreve atas, ofícios, expedientes, pronuncia-mentos e agendas da presidência correspondendo ao período de dois anos, que sobressaem como documento para o registro da História dessa entidade que tem sede na cidade de João Pessoa.

O jurista e escritor Eitel Santiago de Brito Pereira, que sucedeu Alberto Jorge Dantas Sales na Academia Paraibana de Letras Jurídicas, escreveu que a propagação das peças oratórias do ex-presidente da APLJ oferece “uma ideia da verve e do labor do nosso ilustre confrade, na condução dos destinos de nossa agremiação, cujo o primordial objetivo é o de perpetuar a memória jurídica, literária e artista de grandes vultos paraibanos”.

Entre as realizações do Conselho Diretor da entidade liderado por Alberto Jorge Dantas Sales, são destaques as participa-

ções em simpósios e outros eventos jurídicos e culturais realizados na Paraíba e em outros estados, além da publicação do livro *Augusto dos Anjos – Tributo à sua memória* (Sal da Terra Editora, 2021, 184 páginas), que teve boa repercussão juntos aos meios culturais da Paraíba.

Durante a sua gestão, aconteceram a admissão de três novos acadêmicos, eleitos sócios efetivos: Onaldo Rocha de Queiroga, Ademar Azevedo Regis e Solon Henriques de Sá e Benevides. Ocorreram homenagens póstumas para os juristas Fla-

Poeta do Eu

Entre as realizações da gestão 2020-2022, estão as participações em eventos jurídicos e culturais, além do lançamento da obra ‘Augusto dos Anjos – Tributo à sua memória’

marion Tavares Leire e João Nunes da Castro.

Também merece destaque, a organização de um livro virtual com as biografias resumidas dos acadêmicos e acadêmicas e seus respectivos patronos e patronesses. Durante o período, mensalmente, era publicado um boletim informativo das atividades acadêmicas, mantendo, com isso, todos informados que estava acontecendo na instituição.

A Academia Paraibana de Letras Jurídicas contribuiu para o lançamento de alguns livros editados pelos sócios, entre outras atividades.



Membros da instituição (foto maior) e o ex-presidente Alberto Jorge Dantas Sales (ao lado)



Fotos: APLJ/Divulgação

SHOW

Projeto ‘Gafieira’ recebe a banda Pagode do Meu Agrado

Da Redação

A Fundação Espaço Cultural da Paraíba (Funesc) realiza, hoje, mais uma edição do projeto ‘Gafieira’. A atração será o grupo paraibano Pagode do Meu Agrado. Apresentação gratuita começa às 18h, na pracinha do estacionamento do Espaço Cultural José Lins do Rego, no bairro de Tambauzinho, em João Pessoa. Comum nos subúrbios cariocas, a ga-

fieira é associada aos bailes populares, tendo o samba, o arrasta-pé e a boemia como raízes.

Um ponto de destaque da iniciativa é o incentivo para que a população possa conhecer o Espaço Cultural, além de ocupar a área externa, oferecendo uma atração ao público que frequenta o local nos finais de semana. As edições revezam personalidades do samba ou forró, além de escolas de dança convidadas para

promover interação entre dançarinos profissionais e o público.

O Pagode do Meu Agrado foi criado por Walber Serrano e Daniel Braz em 2019. Atualmente, é formado por Dyego Miguel (vocal principal), Marcos Andrade (cavaquinho e vocal), Eduardo Fidelis (pandeiro), Pablo Moreno (bateria), Walber Serrano (percussão geral), Ítalo Viana (baixo elétrico) e Ítalo Veloso (violão).

O grupo acaba de gravar um DVD, batizado de *Cabelo, barba e bigode*, que foi registrado na Bro Barber, em Cabedelo, e teve participação de Victor Santos (em uma homenagem póstuma ao compositor Louro Santos). Os integrantes do Pagode do Meu Agrado prometem uma apresentação com a autenticidade das rodas de samba.

O projeto ‘Gafieira’ foi iniciado em outubro deste ano e já rece-

beu nomes como Os Fulano, Maria Sem Vergonha, Helton Souza e Escola de Samba Unidos do Róger. Uma edição especial festejou os 90 anos de Zé Katimba, no dia 11 de novembro, com um show do artista paraibano. Essa mesma edição contou com a participação de Mirandinha Sambista, Zé Inácio, Coco de Oxum, Ana do Coco e Vó Mera, além da Escola de Samba Império do Samba.



Grupo acaba de gravar o DVD ‘Cabelo, barba e bigode’ e promete na apresentação a autenticidade das rodas de samba

Foto: Funesc/Divulgação

NO LEGISLATIVO

LOAs têm prazo final para votação

Assembleia e Câmaras Municipais podem apreciar Lei Orçamentária até o último dia antes do recesso

Pettronio Torres
pettroniotorres@yahoo.com.br

Dezembro chegou e com ele a reta final dos trabalhos nas Casas Legislativas dos 223 municípios paraibanos e na Assembleia Legislativa da Paraíba. Os últimos passos culminam com o avanço da Lei Orçamentária Anual (LOA), último projeto que é votado no ano nos respectivos plenários destas casas. Mas afinal, o que é a LOA? Como ela surge? Em quanto tempo fica pronta? Qual objetivo? Para responder estas e outras questões, além dos desdobramentos deste documento nas principais Casas Legislativas, ou pelo menos nas maiores, A União traz um retrospecto do que reserva o conteúdo destas peças para os pessoenses e paraibanos.

A Câmara Municipal de João Pessoa, por exemplo, através da Comissão de Finanças, Orçamento, Obras e Administração Pública, começou a formatar a LOA realizando no último dia 2 de junho, a primeira audiência pública para apresentação do Projeto de Lei de Diretrizes Orçamentárias, a LDO, que serve como uma espécie de bússola na elaboração do orçamento financeiro do próximo ano. A relatoria do documento ficou a cargo do vereador Bosquinho (PV).

Na ocasião, o encontro na Casa Napoleão Laureano contou com a participação de todas as secretarias da Prefeitura Municipal de João Pessoa. Além delas, também participaram a Secretaria Executiva da Transparência Pública, Controladoria Geral do Município, Coordenadoria Municipal de Proteção e Defesa Civil, Autarquia Especial Municipal de Limpeza Urbana (Emlur) e Fundação Cultural de João Pessoa. Basicamente, as mesmas que participaram da última reunião da LOA, esta semana.

Acrescida, apenas, de personagens da sociedade civil.

A Lei de Diretrizes Orçamentárias (LDO) é o instrumento utilizado pelo Poder Executivo para estabelecer nas principais diretrizes da Administração Pública as suas metas e prioridades no que se refere aos programas que o Governo pretende executar no exercício seguinte, principalmente para a elaboração do Orçamento. Ela antecede e orienta a elaboração da Lei Orçamentária Anual (LOA).

Em João Pessoa, por exemplo, o orçamento detalhado, previsto na LOA de 2023 é de R\$ 3,7 bilhões. O secretário de Planejamento da capital detalhou a distribuição dos valores destinados para cada pasta.

“Recursos destinados da Câmara Municipal da ordem de R\$ 83.402.000,00. Recursos ordinários, que são de fontes próprias do município, R\$ 1.956.481.217,00. Recursos para educação, de transferências federais e outras, nós temos R\$ 589.353.000,00 e, de recursos próprios do município, R\$ 300.000.000,00 totalizando, para a educação, R\$ 889.353.000,00. Para a saúde, de SUS, convênios e os demais, R\$ 645.845.724,00 e, de recursos próprios, R\$ 400.000.000,00 totalizando R\$ 1.045.845.724,00. Com recursos do Fundurb, temos R\$ 8.800.000,00”, detalhou o secretário.

Esse montante possibilitará à capital realizar, por exemplo, obras como a proteção das falésias de quatro praias, as reformas de vários mercados públicos, a implantação de parques e entre eles o Cuiá e o Parque Cidade, 14 novas escolas, 23 novas creches, novas habitações, 150km de asfalto nos bairros, Hospital Veterinário e mais de R\$ 1 bilhão só para a área de saúde são algumas das centenas de ações que serão executadas pela Prefeitura Municipal no próximo ano.



Câmara Municipal intensifica processos de apreciação da LOA, que este ano prevê receita de R\$ 3,7 bilhões para João Pessoa

ALPB e Governo também alinham ações

Secretário de Estado de Planejamento garantiu transparência no debate da LOA 2023

Já em âmbito estadual, o Governo da Paraíba, assim como a Prefeitura de João Pessoa no plano municipal, participou efetivamente em todas as audiências para o debate sobre a LDO e LOA, respectivamente.

O secretário de Estado de Planejamento, Orçamento e Gestão, Gilmar Martins, o timoneiro do Executivo nas peças garantiu transparência e segurança aos outros personagens na elaboração final dos documentos.

Segundo ele, este é o momento no qual o Governo do Estado apresenta à população, aos demais Poderes e autarquias, os objetivos financeiros traçados pelo Executivo para o ano seguinte.

“É o momento para discutirmos as diretrizes, as linhas principais que irão nortear a elaboração da Lei Orçamentária Anual para o ano de 2023. Esta lei vai contemplar as diretrizes que, por exemplo, devam ser alocadas em ações de serviços públicos. Trata-se de um texto que disciplina as metas fiscais que o Estado almeja alcançar em 2023, a despesa com pessoal, a aplicação mínima de recursos nas áreas da Educação, Saúde. Até o mês de setembro o Governo do Estado encaminha à Assembleia o Projeto de Lei Orçamentária Anual visando orçar o orçamento para o ano de 2023”, explicou o secretário Gilmar Martins.



Martins: momento para discutir diretrizes e acertar detalhes

Orçamento do Estado prevê uma receita acima de R\$ 17 bi

A exemplo da Câmara Municipal de João Pessoa, a Casa Eptácio Pessoa acelerou o processo para votação final da LOA 2023. O último encontro, durante a semana, foi híbrido e reuniu representantes dos três Poderes, além de membros de autarquias e de entidades da sociedade civil organizada. A peça estadual está orçada em pouco mais de R\$ 17,6 bilhões.

O presidente da Comissão de Orçamento, Fiscalização, Tributação e Transparência, Branco Mendes (Republicanos) afirmou que a audiência com os demais Poderes foi de extrema relevância para que seja possível concluir e votar a LOA 2023.

“Temos um orçamento com o incremento de um aumento de 22,7% na estimativa para o ano de 2023, um acréscimo significativo, mostrando o equilíbrio financeiro e fiscal do Estado. Esse aumento fará com que o Estado tenha condições de aumentar seus investimentos, principalmente, nas



Branco Mendes destacou realização de audiência com Poderes

áreas da Saúde, Educação e Infraestrutura”, afirmou o deputado Branco Mendes.

Em números exatos, a LOA estima a receita e fixa a despesa para o exercício financeiro de 2023 em R\$ 17.635.592.015,00 (dezessete bilhões, seiscentos e trinta e cinco milhões, quinhentos e noventa e dois mil e quinze reais).

Branco Mendes lembrou que o próximo passo da LOA 2023 será apreciação novamente pela Comissão de Orçamento para receber o parecer definitivo e logo em seguida irá ao plenário para ser apreciada até o dia 20 de dezembro, conforme o Regimento Interno da Casa.

O secretário Gilmar Martins apresentou números e argumentou que o aumento de 22,7% na previsão de receita para 2023 é motivado, principalmente, pelo aumento da inflação.

“Esse percentual de reajuste é influenciado pelo efei-

“Esse percentual de reajuste é influenciado pelo efeito inflacionário

Branco Mendes

to inflacionário. A inflação neste ano de 2022 deverá fechar na casa dos 10%. Temos esse componente inflacionário que faz com que a gente projete a arrecadação considerando esse efeito”, explicou o secretário Gilmar Martins.

O titular da pasta de Planejamento, Orçamento e Gestão lembrou que a mudança

na alíquota do ICMS sobre os combustíveis, comunicações, transportes públicos e energia elétrica, aprovada pelo Congresso Nacional e sancionada pelo presidente Jair Bolsonaro (PL), em junho deste ano, também foi um dos fatores relevantes para a reelaboração da peça orçamentária, de forma rara, para o próximo ano. O secretário Gilmar destacou que a padronização da alíquota trará impacto financeiro negativo para 2023.

“Comparando a arrecadação do ICMS nos últimos meses do segundo semestre deste ano com o mesmo período de 2021 é possível perceber que, em valores nominais, nossa arrecadação este ano está a quem do que foi arrecadado no ao anterior e isso é muito preocupante. Teremos esse impacto durante todo o ano de 2023, salvo seja feita alguma revisão dessa regra imposta pelo Congresso Nacional”, finalizou o secretário Gilmar Martins.

PODER JUDICIÁRIO

Após 16 anos, juízes voltam a receber “penduricalho”

Aumento automático de 5% a cada cinco anos voltará a cair nos contracheques

Luiz Vassallo
Agência Estado

Órgão administrativo e de fiscalização, o Conselho da Justiça Federal (CJF) restabeleceu para magistrados desse ramo do Poder Judiciário um benefício salarial extinto há 16 anos. Conhecido como quinquênio, o aumento automático de 5% nos vencimentos a cada cinco anos voltará a cair nos contracheques de quem ingressou na carreira federal até 2006. A medida prevê ainda o pagamento retroativo do penduricalho com correção pela inflação.

O conselho afirma não ter a estimativa do impacto financeiro da decisão tomada no dia 16 deste mês. São contemplados apenas integrantes da Justiça Federal - Ministério Público, Justiça do Trabalho e Justiças Estaduais não respondem ao órgão. Segundo projeção do consultor legislativo do Senado, Luiz Alberto dos Santos, feita a pedido do Estadão, um juiz empossado em 1995, por exemplo, poderá receber mais de R\$ 2 milhões em atrasados.

O adicional por tempo de serviço (ATS) e uma série de vantagens que ficavam de fora do teto foram eliminados pelo Conselho Nacional de Justiça (CNJ) - órgão de controle de todo o Judiciário. Na época, o vencimento da magistratura fora limitado a R\$ 21 mil, equivalentes ao que recebiam os ministros do Supremo Tribunal Federal (STF). Hoje, o teto é de R\$ 39,3 mil e, se aprovado no Congresso o reajuste de 18% pedido pela Corte, chegará a R\$ 46,3 mil.

Em maio deste ano, o Senado retomou o debate para ressuscitar o ATS acima do teto nas folhas de pagamento de juízes e também procuradores. Foi uma nota técnica de Santos que alertou os impactos da proposta de emenda à Constituição (PEC) que recria o benefício de forma mais abrangente - R\$ 7,5 bilhões anuais. Deixado de lado na via legislativa, o adicional agora volta para parte



Presidente do STJ e do CJF, Maria Thereza Moura votou contra o pedido

Teto

Hoje, o teto é de R\$ 39,3 mil e, se aprovado no Congresso o reajuste de 18% pedido pela Corte, chegará a R\$ 46,3 mil

da magistratura federal pela via administrativa.

O CJF atendeu a um pedido da Associação dos Juizes Federais (Ajufe). A entidade argumenta que o adicional não podia ter sido cancelado para juízes que tivessem o alegado direito adquirido antes da decisão do CNJ. A enti-

dade usou como base precedente do STF que beneficiou servidores e considerou que o bônus deveria continuar a valer para aqueles que já o recebiam.

Julgamento

Responsável por julgar a demanda, o CJF é um colegiado formado em parte por integrantes da própria Justiça Federal. Compõem o órgão ministros do Superior Tribunal de Justiça (STJ) e desembargadores federais.

Relatora do caso e presidente do STJ e do CJF, Maria Thereza de Assis Moura votou contra o pedido. Segundo a ministra, no processo citado como precedente “o autor era um servidor estadual aposentado que não recebia seu benefício pelo regime de subsídio”, que, adotado na magistratura, prevê pagamento em parcela única, sem gratificações e adicionais.

A presidente do Tribunal

Regional Federal da 6ª Região (TRF-6), Mônica Sifuentes, por sua vez, abriu divergência. A desembargadora afirmou que a implementação do regime de subsídio não devia eliminar o adicional, apontado por ela como um dos “direitos adquiridos e atos jurídicos formal e materialmente” vigentes desde o modelo anterior.

A tese de Sifuentes venceu por sete a quatro. Conforme a decisão, ficou estabelecida a “reintrodução” do adicional à “folha de pagamento, em parcela separada, sujeita à correção pelos mesmos índices de reajuste do subsídio, e o pagamento, respeitando o teto remuneratório do serviço público”. Em uma nota distribuída aos magistrados logo após o fim da sessão no conselho, a entidade autora do pedido afirma que o caso é uma “vitória histórica da Ajufe e da magistratura federal”.

Benefícios a magistrados recebem críticas

Benefícios concedidos por vias administrativas são alvo de críticas. Como mostrou o Estadão em abril, as associações recorrem aos órgãos de controle para obter vantagens financeiras. Pesquisador do sistema de Justiça na Fundação Getúlio Vargas (FGV), Rafael Viegas afirmou que as entidades atuam em uma “zona cinzenta, que não separa o interesse público - o Estado - do que é o interesse privado - seus associados”.

Segundo Viegas, quando o lobby das entidades não dá certo no Congresso, elas provocam os conselhos ou a própria Justiça, “uma estrutura” que tentam “controlar por meio de sua composi-

ção”. “Não raro (as entidades) obtêm decisões favoráveis ao reconhecimento do pagamento de indenizações. Ou seja, reconhecem a si mesmos um direito e a forma de satisfazê-lo”, disse.

Ao Estadão, o CJF afirma, em nota, que “não haverá efeito econômico nos meses em que o magistrado estiver acumulando acervo”. A medida, porém, abre precedente. “Na forma como a decisão foi proferida, eu a vejo como ilícita. Tem caráter meramente administrativo. E ela tende a ser estendida aos magistrados do Trabalho, pelo órgão equivalente da Justiça do Trabalho (o Conselho Superior da Justiça do Trabalho)”, disse

Santos, consultor legislativo do Senado.

Igualdade

Em nota, a Ajufe afirma que o pedido “teve por base o entendimento do STF de que todos os juízes brasileiros devem ter igual tratamento”. “Poresse entendimento, ficam assegurados aos juízes federais todos os direitos garantidos aos magistrados da Justiça Estadual, assim como o contrário”, diz a associação. A Ajufe afirma que qualquer vencimento na magistratura se limita ao teto. “Ademais, os valores devidos aos beneficiários estarão sujeitos a todos os tributos devidos, especialmente contribuição para a Previdência e Imposto de Renda”.

“

Na forma como a decisão foi proferida, eu a vejo como ilícita. Tem caráter meramente administrativo

Rafael Viegas

Toca do Leão

Fábio Mozart
mozartpe@gmail.com / Colaborador

O profeta e o general da banda podre

Reginaldo Bispo, de São Paulo, tascou na mosca: “Quando o povo descer do morro e não for carnaval, pode ter certeza de que é a revolução”. Ou a vitória da Seleção. Enquanto isso, vamos para o retiro espiritual, ler a Bíblia, estudar o “livro santo” para fins de purificação e orientação neste mundo de ilusões e sacanagens. Nesses tempos em que a chamada grande mídia carrega no tema “corrupção” para fazer o caminho de outros corruptos que não estão mais no plantão e esperam sua vez, abra-se o sagrado livro em Reis II, capítulo 5º, que conta a história de um general sírio chamado Naamã. Esse milico tinha lepra e o profeta Eliseu o orientou para se banhar no rio Jordão, mergulhar sete vezes para se curar do mal. Deu-se então o prodígio: o general acreditou e acabou por se curar. Agora, vem a parte mais edificante do enredo. O general Naamã ficou muito grato ao profeta Eliseu. Como era um sujeito rico, mandou seu servo chamado Geazi levar ao Eliseu uma pequena fortuna em dólares mediterrâneos, letras de câmbio, ações da Petrobras, cheques pré de prefeitinhos safados, verbas extraordinárias e obscuras do Orçamento Secreto e fundos imobiliários com isenção do imposto de renda, além de joias roubadas dos povos conquistados. Eliseu, sendo um sujeito simples e honesto, recusou o presente, a chamada peita.

Foi então que o servo Geazi viu a oportunidade realmente de ouro para tirar o pé da matéria fecal. Embolsou os presentes e disse ao general que Eliseu ficou muito agradecido e coisa e tal, na maior cara de pau. Sabendo da fraude, o profeta Eliseu ficou muito irritado. Orou ao Deus e recebeu orientação para exemplar o tal subordinado pelo desvio de recursos. Deus então foi claro: “A sentença é que esse servo pegue a mesma lepra que consumia o general pelo seu ato de ganância”. Não satisfeito, Eliseu pediu e foi atendido, para estender o castigo a todos os parentes vivos ou por viver, do azarado corrupto. De modo que, até a terceira geração, os descendentes de Geazi já nasciam com hanseníase.

“Tudo bem que Geazi pagasse pelo seu ato de desonestidade, mas, o que os seus descendentes tinham a ver com isso? Os filhos de Geazi pegaram lepra por causa do erro de seu pai, consegue ver justiça nisso?”, diz o comentarista no Facebook. Outro comentarista lembra a história de Adão e Eva. Só porque Adão vacilou e Eva abriu as pernas para a cobra, até hoje a humanidade nasce com o tal “pecado venial”, caminho para os pecados mortais ou capitais, entre eles a luxúria, muito em voga nesses tempos de relacionamentos abertos. De modo que Geazi, o malsucedido corrupto, foi vítima da delação premiada do tal Eliseu. Sua divindade pegou pesado e avisou: “No meio de ti aceitam-se subornos para se derramar sangue; recebes usura e lucros ilícitos, e usas de avareza com o teu próximo, oprimindo-o. E de mim te esqueceste, diz o Senhor Deus. Eu certamente baterei as mãos contra o lucro desonesto que ganhastes...” Ezequiel 22:12-13.

Portanto, senhores banqueiros e grandes financistas do mundo, pastores voadores, padres avarentos, fariseus e filhos do Diabo, políticos de resultado e ratos afins, tratem de preparar o lombo que os castigos da divindade estão a caminho.

Mas, aqui pra nós e mudando de assunto: não fica essa sensação de que você desperdiçou sua vida se passou a semana vendo futebol de qualidade duvidosa, só porque é Copa do Mundo? No meu retrovisor imaginário, vejo mestre Limeira se maldizendo porque não foi convocado para a maravilhosa seleção de 82, por isso perdemos para a Itália. Nesta Copa, obrigo-me a olhar para dentro de mim mesmo, nessa batalha constante contra meus marcadores, eu, um simples centroavante camisa nove genuíno, batendo de frente com beques secretos e encobertos com camisas de um amarelo diarreia em meio tom de opróbrio. E segue o jogo, que “enquanto há bambu, há flecha”, como enuncia o narrador superficial.

ANALFABETOS NO BRASIL

Foram 100 anos sem direito a voto

Apenas em novembro de 1985 os brasileiros que não sabiam ler e escrever puderam ir às urnas nas eleições

Ricardo Westin
Agência Senado

Apesar da incompatibilidade ideológica, João Goulart e Castello Branco concordavam em um ponto. Papéis históricos sob a guarda do Arquivo do Senado mostram que tanto o presidente de esquerda derrubado pelos militares quanto o marechal de direita alçado pelo golpe à Presidência tentaram dar aos analfabetos o direito de votar.

Eles não tiveram sucesso. Os iletrados só depositaram o voto na urna em novembro de 1985, na primeira eleição após a ditadura, para escolher prefeitos de capitais, estâncias hidromineiras e cidades em área de segurança nacional.

Nestas três décadas, entre as eleições municipais de 1985 e as do mês passado, o total de brasileiros incapazes de ler e escrever caiu de 19 milhões para 13 milhões — de 25% para 8% da população adulta.

Na mensagem presidencial enviada ao Congresso em março de 1964, Jango escreveu: “Considerando-se que mais da metade da população é constituída de iletrados, pode-se avaliar o peso dessa injustiça. O qua-

dro de eleitores já não representa a nação”.

Castello recorreu a outro argumento na proposta que apresentou aos congressistas em junho do mesmo ano: “Em nossos dias, pelas novas técnicas da comunicação e da convivência, o analfabeto já se informa, já tem consciência de colaborar na existência coletiva pelo seu trabalho e já pode participar da vida cívica”.

Não era contraditório que o primeiro presidente do regime militar defendesse o sufrágio universal. No início, os artífices do golpe não pretendiam eliminar a eleição direta nem implantar a ditadura. O plano era afastar o perigo comunista e devolver o poder aos civis em 1966.

O desejo de Jango não vingou porque ele foi destituído duas semanas após enviar a mensagem. O Congresso rejeitou a proposta de Castello.

Os analfabetos votaram durante a maior parte da história do Brasil. Na Colônia, as Ordenações Filipinas diziam que, não sabendo os eleitores escrever, “ser-lhes-á dado um homem bom que com eles escreva” e “que não descubra o segredo da eleição”.



Eleitora analfabeta exibe orgulhosa o polegar marcado com tinta após votar pela primeira vez nas eleições do ano de 1986

Principal requisito para ser eleitor era a renda de 100 mil réis por ano

Após a Independência, continuaram votando. Isso não quer dizer que os pobres fossem aceitos na vida política do Império.

O principal requisito para ser eleitor era dispor de uma renda líquida de pelo menos 100 mil réis por ano.

De qualquer forma, seria um absurdo estabelecer a alfabetização como exigência, porque até a elite seria impedida de ir às urnas.

Mais de 90% dos brasileiros eram iletrados no início do Império.

A guilhotina caiu sobre os analfabetos em 1881, depois que a Câmara e o Senado aprovaram a Lei Saraiva, com a exigência do letramento.

“A ignorância, porque se generaliza, adquire o direito de governar? Argumentou o ministro da Justiça, Lafayette Rodrigues Pereira, em 1879.

Se há no Império oito décimos de analfabetos, direi que eles devem ser governados pelos dois décimos que sabem ler e escrever”.

O projeto que deu origem à Lei Saraiva foi redigido pelo jovem advogado e deputado geral Ruy Barbosa (BA).

Ruy dizia que escravos, mendigos e analfabetos não deveriam votar porque careciam de ilustração e patriotismo e não sabiam identificar o bem comum, diz Walter Costa Porto, ex-ministro do Tribunal Superior Eleitoral e autor de A Mentirosa Urna.

Entre 1881 e 1985, todas as tentativas de acabar com a exclusão dos iletrados naufragaram. A proposta feita por Castello Branco em 1964 era cautelosa.

Para vencer a resistência, liberava o voto do analfabeto só nas eleições municipais. Não adiantou.

“Jamais se deve premiar o analfabeto, argumentou o senador Miguel Couto (PSD-RJ).

Antes de se consentir que o ignorante decida os destinos do Brasil, mesmo que restrito ao pleito municipal, com todas as forças deve-se obrigá-lo a ler e escrever, tirá-lo das trevas da ignorância.

Liberação figurou entre as primeiras medidas do Congresso após a ditadura

Os analfabetos só tornariam a votar graças a uma emenda à Constituição aprovada por deputados e senadores em maio de 1985. A histórica liberação figurou entre as primeiras medidas democratizantes tomadas pelo Congresso após a ditadura. Fazia três semanas que Tancredo Neves morrera.

Na votação, o deputado Ronan Tito (PMDB-MG) disse:

“Precisamos dar ao analfabeto escola, mas também força para que reivindique escola para si e para os seus. Como passará a ser cidadão pleno e ter direito? Quando tiver acesso ao voto. Aí passará a ter forças inclusive para reivindicar, exigir escola. Hoje é cidadão de segunda classe”.

O deputado Gerson Peres (PDS-PA) lembrou que

o Código Civil via o iletrado como totalmente capaz:

“O analfabeto é responsável pelo pátrio poder, presta serviço militar, fecha contrato de compra e venda, testamenta antes de morrer. A legislação até lhe permite votar e ser votado no sindicato. Por que não pode votar nas eleições para o poder público?”

Muitos parlamentares reclamaram que a emenda aprovada deu ao analfabeto só metade do direito. Ele votaria, de forma facultativa, mas não se candidataria. A Constituição de 1988 manteve os termos da decisão de 1985.

As cédulas foram adaptadas. Como os analfabetos têm mais familiaridade com números do que com letras, a votação passou a ser por meio de algarismos.

O cientista político José Carlos Brandi Aleixo, autor de O Voto do Analfabeto, cita uma razão para que os iletrados tenham demorado tanto para recuperar o voto e até hoje não possam disputar eleições:

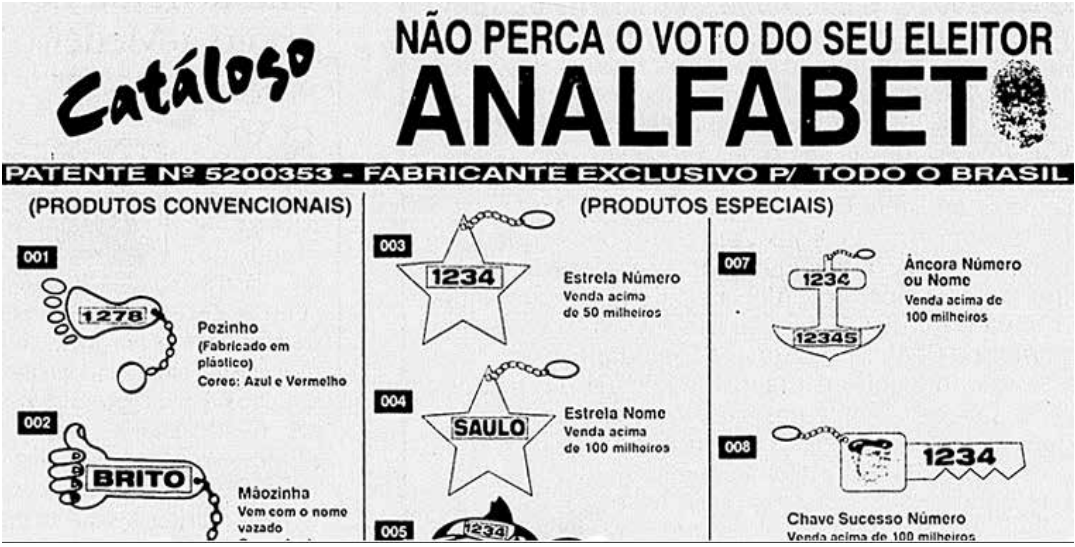
“Eles têm vergonha da sua condição, se escondem e, por isso, têm dificuldade para se unir e lutar por direitos. Aos olhos do país, são invisíveis”.

Oportunidade de emprego

A TESS Indústria, seleciona Pessoas com Deficiência (PCD) os interessados deverão enviar o currículo para o site jobs. kenoby.com/tess.”



Era a foto comum nos jornais da época, eleitores exibindo o polegar



Em 1994, empresa criou chaveiros vazados para que analfabetos pintassem o nome na cédula



Jean Patrício (na foto/montagem com a presidente do Arquivo Afonso Pereira, Daniella Pereira e com a ex-reitora do Unipê, Ana Flávia Pereira), escritor e historiador que preside o Instituto Histórico e Geográfico Paraibano (IHGP), prestigiou o evento de lançamento do livro “Cápsulas do tempo- mensagem e arte em cartões”, livro idealizado pela saudosa arquivista e acadêmica, Clemilde Torres Pereira.

IMOBILIÁRIA

PARAIBA PROPERTY

www.paraibaproperty.com.br

+55 83 99302-7071

CRECI 0362-J

O advogado e professor Ricardo Sérvulo, um nome de destaque nos meios jurídicos e acadêmicos paraibanos, foi agraciado com o título de cidadão recifense, durante sessão solene que aconteceu no plenário da Casa José Mariano, na capital pernambucana, na última quarta-feira (30). O autor da propositura foi o atuante vereador Fabiano Ferraz.



Laurence César, Anne Palmeira, Fátima Ermelinda Palmeira, José Valdério Pinto, Isabela Marinho Barros, João Laércio Fernandes, são os aniversariantes da semana.

Iago França, cearense, que tem escrito a sua bela trajetória pelo Brasil afora, realizou o evento Seletion, no John's Grill, badalado restaurante localizado no térreo do Complexo Tour Genève, no Altiplano Nobre. Na ocasião, por conta da minha trajetória profissional, fui uma das pessoas homenageadas da noite. Claro que, sem deslumbramentos e com muito pé no chão, agradeço o carinho, dividindo-o com minha querida mãe, a escritora Balila Palmeira.

A comunidade integrada por cajazeirenses e cajazeirados, residentes na capital, deverá participar do lançamento do livro “Dom Zacarias Rolim de Moura – Fé e Espiritualidade. Educação e Cultura”, de autoria do odontólogo Helder Ferreira de Moura, sobrinho do quinto bispo daquela comuna sertaneja. O evento ocorrerá nessa quarta-feira, dia 7, às 18h, na Livraria do Luiz / MAG Shopping, e a apresentação será do Prof. Francelino Soares, que supervisionou a edição, esta a cargo da editora “arribacá”.



Nely Braga, empresária que dirige a cafeteria Santa Clara, no Manáira Shopping, recepcionou amigas que fazem parte do grupo Chá da Tarde, na tarde da última quarta-feira (30). Durante o evento, as amigas se confraternizaram, trocaram presentes e festejaram a festa maior do cristianismo, o Natal. O grupo, liderado por Roberta Aquino, vai se encontrar, mais uma vez, durante almoço a realizar-se no restaurante adega.



Um grupo de turistas (foto), liderado por Marluce Almeida e por mim, que tenho formação de guia de turismo, realizou passeio a nossa Roliúde Nordestina.



O prefeito de Cabaceiras, Tiago Castro, e a secretária de Turismo do município, Mércia Farias (na foto entre Ezilda Melo, Daniella Pereira e Marcelia Leal) recepcionaram turistas e esta colunista em interessante evento no Centro da cidade, que é conhecida, nacionalmente, como a Roliúde Nordestina.

A capital paraibana, precisamente a orla do Cabo Branco, vai abrigar neste domingo (4), a 21ª Parada LGBT+. A concentração, que acontece em frente ao Sesc Cabo Branco, a partir das 14h, segue para o Busto de Tamandaré, palco das seguintes atrações: cantoras Val Donato, Arquiza e Helô Uehara, Banda Açoite (Samba de terreiro) e cerca de oito Djs.

Governo do Estado, por intermédio da Empresa Paraibana de Turismo S/A PBTUR, encerrou, na quinta-feira (10), o RoadShow por quatro cidades da Argentina (Rosário, Mendoza, Buenos Aires e Córdoba) e, a depender do interesse dos agentes de viagens, o voo entre a capital argentina e João Pessoa será um sucesso. Ao todo, 550 agentes de viagens participaram do RoadShow, organizado pela GOL Linhas Aéreas, que está retomando os voos nesta alta temporada de verão 2022/2023, aos sábados. O voo será retomado no dia 3 de dezembro e fará o trecho Buenos Aires/João Pessoa/Natal/Buenos Aires.

Selic Fixado em 26 de outubro de 2022 13,75%	Sálário mínimo R\$ 1.212	Dólar \$ Comercial +0,34% R\$ 5,215	Euro € Comercial +0,46% R\$ 5,493	Libra £ Esterlina +0,86% R\$ 6,412	Inflação IPCA do IBGE (em %) Outubro/2022 +0,59 Setembro/2022 - 0,29 Agosto/2022 - 0,36 Julho/2022 - 0,68 Junho/2022 +0,67	Ibovespa 112.145 pts +1,10%
--	---	--	--	---	---	--

CRIPTOMOEDAS

Ativos virtuais atraem os investidores mais ousados

Sem regulação por governos, negócio é considerado de grande risco

Thadeu Rodrigues
thadeu.rodriguez@gmail.com

Aquisição de criptomoeda é um investimento arriscado, devido à grande volatilidade de preços. O bitcoin, principal criptomoeda, custava menos de um centavo de dólar quando foi criada, em 2008, e chegou a 69 mil dólares em novembro de 2021. Em meados de março de 2020, quando ocorreu o distanciamento social ocasionado pela pandemia de Covid-19, o valor do bitcoin caiu mais de 35% em um dia e chegou a 50% de desvalorização em uma semana. Apesar do risco, investidores mais arrojadados escolhem as moedas digitais como forma de aumentar seu capital.

O bitcoin foi criado durante a crise econômica global de 2008. A criptomoeda não é regulada por governos ou bancos e tem um estoque limitado de bitcoins em 21 milhões de unidades, diferente das demais moedas, que são injetadas na economia conforme decisões da política econômica. A moeda virtual pode ser utilizada sem nenhum tipo de intermediação, determinada pelo livre mercado.

Os usuários podem comprar criptomoedas com as corretoras de investimentos. O



Thaner Cardoso orienta clientes sobre as alternativas de investimento em criptomoedas

assessor de renda variável de uma corretora de João Pessoa, Thaner Cardoso, afirma que a operação é parecida com a compra de ações na bolsa de valores. “Nossa orientação ao cliente é que ele deve ser cauteloso, não devendo concentrar em criptomoedas mais de 5% do valor destinado aos investimentos, sobretudo, aos mais conservadores”.

Ele exemplifica que, se o cliente tem R\$ 10 mil e investe R\$ 500 em criptomoedas, há possibilidade de, em meses, a criptomoeda só valer R\$ 100.

Ao mesmo tempo em que pode chegar a R\$ 5 mil. “Se há grande desvalorização, o cliente não vai sentir impacto. E, se valorizar muito, vai aumentar seu capital rapidamente e sem sofrer grandes riscos”.

O bitcoin foi criado como um ativo sem relação com outros, e sua valorização ocorria por mera especulação de ganhos futuros, sem fato concreto que influencie, diferente das ações de empresas, que são influenciadas pelo comportamento do empreendimento. Após receber investimentos de gran-

des bancos e corretoras de valores, o ativo está relacionado com as bolsas de valores americanas.

Se por um lado, o investimento em criptomoeda é volátil, ele é seguro em termos de tecnologia. As criptomoedas podem ser armazenadas em criptocarteiras. As “carteiras quentes” armazenam a criptomoeda por meio de um *software* on-line, que são acessadas por meio de uma chave digital. Já as “carteiras frias” são *hardware* (como um *token*), dispositivos off-line que armazenam as criptomoedas.

Tributação e custo de transferência menores

A tributação para quem opera com bitcoins é menor do que para quem investe no mercado de ações. Sobre negociações a partir de R\$ 35 mil mensais, há incidência de Imposto de Renda sobre o lucro. Há tributação de 15% sobre o ganho líquido mensal no valor de até R\$ 5 milhões. Para ganhos acima de R\$ 5 milhões e até R\$ 10 milhões, o índice é de 17,5% sobre os ganhos. Já para ganhos acima de R\$ 10 milhões, é ne-

cessário pagar até 20% sobre o líquido mensal.

A incidência do imposto de renda para a venda de ações varia de 15% a 20% sobre o lucro, de acordo com o tipo de operação realizada. Há isenção para movimentações de até R\$ 20 mil ao mês.

O assessor de investimentos, Thaner Cardoso, afirma que no escritório onde trabalha poucos clientes aguentam a volatilidade das criptomoe-

das, mas os que resolvem aventurar-se, escolhem um ETF (fundo negociado em bolsa, na tradução), que é uma mistura de bitcoin com ethereum, a segunda moeda mais popular. “Entretanto, no país, já temos mais investidores em criptomoedas do que na Bolsa de Valores brasileira”, indica.

O custo de transações com criptomoedas é irrisório. “Não tem como mandar um Pix para o Japão, por exemplo,

mas é possível transferir valores em bitcoins praticamente sem custo. Por isso, a moeda ganhou tanta popularidade, tornando-se o terceiro maior meio de transações, atrás apenas do Visa e do Master”, comenta o assessor. Conforme matéria da Exame, publicada em maio deste ano, um investidor transferiu o equivalente à quantia de 333 milhões de dólares e pagou 12 centavos de dólar.

Investidor mira em rendimentos no futuro

O contabilista Rafael Paulino começou a investir em bitcoin, há dois anos. Na época, a cotação estava em tendência de alta. Para o investidor, a escolha pelo ativo financeiro foi motivada pelo potencial de valorização no longo prazo, no período de cinco anos à frente ou mais. Mas antes de decidir investir na criptomoeda ele comprou livros, estudou sobre o tema e gostou dos fundamentos.

“Tenho uma carteira de investimentos diversificada. Destinei em torno de 9% do capital disponível para investimento em bitcoin”, conta. Ele afirma que, apesar da grande oscilação de cotações da

moeda, não fica apreensivo. “O meu perfil de investidor é um pouco mais agressivo. Como não preciso dos recursos agora, não fico preocupado”.

Os valores do investimento do contabilista em bitcoins estão menores do que o investimento inicial, segundo ele. “Na verdade, caiu pela metade”, frisa. Rafael Paulino também investe no mercado de ações, o que, segundo ele, oscila bem menos. “O mercado de bitcoin é especulativo, mas tem robustez, diferente de outras criptomoedas”.

Meio de pagamento

A primeira transação com bitcoin foi na compra de piz-

za. Hoje, a criptomoeda é utilizada na compra de bens móveis e imóveis, sendo aceita por grandes empresas mundo afora. Contudo, Thaner Cardoso chama a atenção para a possível disparidade de valores na relação comercial, em razão da volatilidade da cotação da moeda.

“Imagine um contrato de compra e venda de um imóvel no valor de R\$ 1 milhão, o que equivale a uma determinada quantia de criptomoeda. Se durante o dia, houve uma queda de 5% no ativo digital, o vendedor vai receber menos. Isto é, a quantidade de criptomoeda vai ser a mesma, mas o valor estará menor. Como moeda de transação para bens e serviços, seu uso é bem criticável”, explica.

O município do Rio de Janeiro pretende criar uma moeda digital própria e dar descontos de 10% no Imposto Predial e Territorial Urbano (IPTU) para quem utilizar o meio de pagamento. No projeto, uma empresa faz o câmbio da criptomoeda em real, única moeda permitida no Brasil. A conversão em real eliminaria o risco de volatilidade da criptomoeda.

No dia 29 de novembro, a Câmara dos Deputados aprovou o projeto de lei que prevê que a prestação de serviços de ativos virtuais (criptomoedas) seja regulamentada por um órgão do Governo Federal.

Economia em Desenvolvimento

Amadeu Fonseca
amadeujrsilva@gmail.com | Colaborador

Comércio puxa alta e João Pessoa registra 779 novas contratações formais em outubro

João Pessoa abriu 779 vagas formais de trabalho em outubro, segundo o Caged Geral de Empregados e Desempregados (Caged), divulgado na última quarta-feira pelo Ministério do Trabalho e Previdência. O comércio (+466) da capital mais uma vez liderou o saldo de vagas, seguido da indústria (137), construção (+91) e serviços (87). Apenas a agropecuária (-2) contabilizou saldo negativo no mês de outubro.

Além de outubro (+779), os meses de fevereiro (+908), março (+581), abril (+870), maio (+1.099), junho (+1.008), julho (+431), agosto (+265) e setembro (+457) também haviam registrado saldo positivo. No acumulado de janeiro a outubro, João Pessoa acumula saldo positivo de 6.261 postos, diferença de 68.759 admissões, contra 62.498 desligamentos. A capital paraibana acumula um estoque total de 180.618 empregos formais, que representa o número total de vínculos com carteira assinada ativos contabilizados a partir da declaração do Novo Caged. Esses números não incluem servidores públicos e trabalhadores autônomos mesmo com CNPJ.

A Prefeitura de João Pessoa, por meio do prefeito Cícero Lucena, anunciou no dia 30 a injeção de R\$ 360 milhões no mês de dezembro. O montante corresponde ao pagamento dos servidores municipais, que impactam a economia de João Pessoa. Além disso, o prefeito anunciou a liberação de R\$ 2,5 milhões, através do Microcrédito Social “Eu Posso”, para os pequenos negócios da cidade e R\$ 3,6 milhões do Programa Pão e Leite, que começa atendendo seis mil famílias neste mês de dezembro.

O mercado de trabalho na capital paraibana segue em expansão, sendo o 9º mês consecutivo com saldo positivo. Este ano, a ênfase continua com o setor de serviços, seguido da construção e indústria. O desempenho positivo segue em linha com o resultado do país. Apesar da nova alta da inflação registrada em outubro, a expectativa para o fim de ano é positiva, principalmente, para o setor de serviços e o comércio da cidade, que durante esse mês de dezembro devem abrir mais vagas de emprego à medida que se aproximam as festividades.

Contudo, o aperto monetário, que elevou a taxa de juros da economia para 13,75% ao ano, atua desacelerando a atividade econômica. Na prática, quando a taxa básica sobe, os juros cobrados em financiamentos, empréstimos e no cartão de crédito ficam mais altos e isso desencoraja o consumo, reduzindo a atividade econômica. Na quinta-feira (1º), o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulgou que o PIB brasileiro cresceu 0,4% no 3º trimestre deste ano, abaixo das expectativas, que eram 0,7%. Com o dado abaixo do esperado, é notória a diminuição do ritmo da economia brasileira, e consequentemente, reflete sobre o desempenho do mercado de trabalho. O cenário segue desafiador à medida que o mercado prevê mais aumentos da Selic para 2023. Com as incertezas sobre o futuro da economia e o aumento da dívida pública, o crescimento econômico pode estar com os dias contados.

ADEGA DO ALFREDO

Trajetória que começou em Angola

Restaurante tradicional da gastronomia portuguesa, há mais de 40 anos conquista paladares na Paraíba



Thadeu Rodrigues
thadeu_rodriguesz@gmail.com

Uma tradição que passou de pai para filho e neto. Na família Ferreira, o ramo da gastronomia despertou o interesse de três gerações. Natural de Angola e naturalizado por-

tuguês, Alfredo Ferreira veio para o Brasil em 1975, com a família, no período da revolução da independência do país africano. Apesar de, na época, não saber cozinhar, ele montou o primeiro restaurante de gastronomia portuguesa de João Pessoa, em 1979, a Adega do Alfredo, que foi consolidado na preferência da sociedade local. Embora já conte com 43 anos de atividades, a história da Adega do Alfredo começou com o pai dele, ainda em Angola, produzindo vinhos e aguardentes de abacaxi. Por ser colônia, não era permitido em Angola plantar uvas vinícolas. Alfredo lembra que, em 1973, uma comitiva de empresários pernambucanos, junto com o governador do estado, visitou a Angola. “Um português que morava no Recife era primo de um contador de uma das fábricas do meu pai.

Como ele e o meu tio ficaram entusiasmados, viemos para o Nordeste”. Alfredo Ferreira destaca que Sapé era a maior produtora de abacaxi do Brasil, na época. “Vim por causa do abacaxi e estou descascando até hoje”, diverte-se. Ele fez faculdade de Economia e, ao fim do curso, surgiu a ideia de abrir um bar ou um restaurante com a namorada. “Só havia, no estado, um restaurante de cozinha portuguesa em Campina Grande. Inclusive, para abrir a Adega contratei um cozinheiro de lá”. O restaurante foi aberto com pratos da cozinha portuguesa e da cozinha internacional. Até hoje, peixe ao molho de camarão, filé à Chateaubriand e filé Adega do Alfredo ainda estão no cardápio. A primeira sede do restaurante foi em Tambaú, uma casa

antiga com varanda, ao lado de onde é a Empresa Paraibana de Turismo (PBTur). Inicialmente, o prédio era alugado, mas o empresário adquiriu o terreno, posteriormente. Alfredo abriu a Adega muito jovem. No início, muitos clientes não acreditavam que ele era o proprietário. “Uma vez, um cliente procurou o dono do restaurante e, quando eu apareci, ele pediu para eu chamar meu pai. Acho que ele esperava ver um português gordo e com bigode. Mas eu era magro e sem bigode”, brinca. Apesar de ele não ter o estereótipo popular, o nome do restaurante segue a cultura portuguesa. “O nome adega lembra comida. Todo restaurante português é precedido pelo nome ‘adega’. É uma tradição. Quanto a Alfredo, é o meu nome”, explica.



Alfredo Ferreira é o dono da Adega



Primeiras instalações do restaurante que vem conquistando, há décadas, o público paraibano e visitantes



Funcionando no LS Hotel, em Manaíra, a Adega do Alfredo possui um espaço mais moderno e sofisticado

Ser chef é “fazer um pouco de tudo”

Alfredo Ferreira é o nome responsável pelo sucesso e longevidade do restaurante. Mas ele conta com o apoio de uma grande equipe. Ele é o chef oficial da Adega, cria os pratos e supervisiona o trabalho dos colaboradores treinados por ele, mas no dia a dia, há outros chefs. “Há pouco tempo lançamos uma série de pratos novos e reformulamos os cardápios e as receitas. Então, nos primeiros 15 dias ou um mês, eu fico mais tempo na cozinha. Vou para a frigideira, para a montagem do prato e encosto a barriga no fogão”. Mas o trabalho não para aí. Ele vai à mesa dos clientes para ver se foram bem atendidos e verifica se o pedido está saindo no prazo correto. “Quando os clientes chegam todos de uma vez, eu coloco a mão na massa para agilizar. Eu sou o coringa, faço um pouco de tudo”, comenta. O trabalho é muito dinâmico na

cozinha, que funciona como uma linha de montagem. O pedido chega à cozinha, o funcionário pega a comanda, distribui as proteínas, divide o que vai para a chapa ou frigideira e depois monta o prato, sob a supervisão do chef, que também faz o gerenciamento de alimentos e bebidas. Ele verifica os estoques de produtos, o abastecimento da cozinha e a armazenagem. “Não adianta ficar na cozinha se o serviço for ruim. Se o cliente for mal atendido, ele não volta. O chef tem que saber fazer tudo e coordenar a cozinha. Se tem um pedido de cinco pratos numa mesa e só dois estão prontos, não vai funcionar. É um trabalho com pressão do garçom e do cliente. Você não está fazendo a receita numa zona de conforto”. Para que o atendimento seja rápido, não é possível fazer tudo na hora. Segundo o português, a maioria dos molhos é feita previa-

mente. O arroz já está cozinhado e a massa, pré-cozida, senão não dá tempo. Todas as verduras devem estar cortadas e os ingredientes, devidamente armazenados e à mão para montagem. Apenas as proteínas estão cruas. “Um molho madeira demora 12h para ficar pronto. É devidamente acondicionado já na quantidade certa do prato, congelado. O molho do dia é retirado no dia anterior, respeitando o processo de descongelamento. Trabalhamos com uma previsão de abastecimento para não haver problemas”, relata. O funcionário mais antigo da Adega do Alfredo é o chef Levi Bezerra, que começou no restaurante 15 dias após a inauguração do restaurante. O profissional conta que, apesar de ter trabalhado em outros estabelecimentos, todo seu conhecimento gastronômico aprendeu com Alfredo.

Aprendendo gastronomia

Já que estava no ramo, o empreendedor começou a aprender a cozinhar com a equipe do restaurante. Em 1981, ele foi para Lisboa, em Portugal, fazer o curso de hotelaria e gastronomia, onde passou dois anos mergulhando na cultura portuguesa e aprendendo sobre o gerenciamento de estabelecimentos de alimentação. O empresário conta que o negócio deu certo desde o início. “Estávamos no governo de Ernesto Geisel e as pessoas tinha um bom poder aquisitivo. Havia pouca concorrência na cidade e o restaurante era um ponto de referência entre a classe A”, recorda. Ele conta que, para abrir o restaurante, o pai emprestou metade do dinheiro. A outra metade foi obtida pela sua namorada e sócia, por meio do pai dela. “Em cinco meses, tirei o investimento e paguei meu pai. Os custos eram me-

nores, as atividades eram mais informais e havia menos impostos”, relembra. Em 1987, o português foi morar em Maceió para montar uma cozinha industrial e abriu uma Adega do Alfredo lá. Em 1990, ele vendeu e voltou a João Pessoa para inaugurar o novo prédio do restaurante, no mesmo bairro do anterior, onde ficou até 2018. “O cardápio era mais amplo e o ambiente mais sofisticado, com ar-condicionado e piano bar”. Alfredo realizou vários empreendimentos na Paraíba ligados ao entretenimento. Em 1985, montou uma “forroteria”, uma dance-teria onde tocava forró e música disco. Em 1993, montou a boate Casabalanca e, em 2001, a boate Zodíaco. No segmento de hospedagem, inaugurou, em 1996, o Royal FlatService, hoje sob o nome de Manos Royal Hotel.

Cada prato é como um filho

O cardápio da Adega do Alfredo tem mais de 90 itens, entre entrada, prato principal e sobremesas. “Cada prato que crio é como um filho, então é difícil tirar do cardápio. Fazemos isso quando a matéria-prima está muito cara. Às vezes, mesmo fora do menu, o cliente pede para preparar e, se tivermos os ingredientes, fazemos”. Para o empresário, o importante é conservar a clientela, que é bastante diversificada, mas conta com um público fiel e longo. “Temos clientes de 50 anos que se dizem frequentadores desde crianças, quando vinham com os pais. Há os casais jovens que vêm para um jantar romântico, aqueles que pedem sempre os mesmos pratos e até os que pedem para ser surpreendidos com a produção de um prato na hora”. Segundo Alfredo Ferreira, o tino para a gastronomia foi passado para seus filhos. Um deles estava insatisfeito com a atividade que desempenhava e foi trabalhar com o pai. Começou descascando cebola até aprender a arte de cozinhar. Alfredo sugeriu a outro filho que trabalhava na parte administrativa do restaurante a abrir um novo negócio com o irmão e assim João Pessoa recebeu uma nova pizzaria. O português não acredita em concorrência. Em sua opinião, “os bons não concorrem, se completam. Havendo dinheiro no bolso, as pessoas criam hábito de sair para jantar, o que é benéfico para todos”. Para ele, há muitas referências gastronômicas de qualidade em João Pessoa,

na linha de cozinha tradicional. Em sua avaliação, a capital da Paraíba é um polo gastronômico, o que fortalece o destino turístico em âmbito nacional e internacional. Permanecer em atividade durante tantas décadas, não é fácil. Há determinadas fases, quando um restaurante novo é aberto na cidade, que o movimento diminui. Mas é preciso reinventar-se. O chef explica que já teve a época do prato para compartilhar e do self-service no peso, como opção ao à la carte, sempre adequando-se ao mercado. “A cozinha tradicional sempre vai ter lugar. Tivemos a cozinha *fusion*, de moda, que era uma mistura da cozinha oriental com francesa, com pratos enfeitados. Implantei a cozinha mediterrânea e contratei um profissional para passar 30 dias no restaurante, com quem aprendi essa gastronomia e criei novos pratos”, reitera.

Modernização

Em 2018, a Adega do Alfredo deixou seu endereço de quase 30 anos e mudou para o LS Hotel, em Manaíra, um espaço mais moderno e sofisticado. A novidade não ficou apenas no ambiente e no cardápio. O restaurante realiza momentos musicais durante a semana, às terças e quintas-feiras. Para o próximo ano, o plano de Alfredo Ferreira é criar uma área reservada para pequenos eventos, a exemplo de um espaço para reuniões e mini *weddings*. “O objetivo é aumentar nossa capacidade de venda”, enfatiza o empreendedor.

INOVAÇÃO

PB investirá R\$ 3,3 mi em *startups*

Recursos serão aplicados por meio do Programa Centelha, que acaba de contemplar 41 projetos de 11 municípios

Márcia Dementshuk
Assessoria SEC&T

De acordo com o Mapa das *Startups* da Paraíba publicado pelo Centro de Inovação e Tecnologia Telmo Araújo (CITTA), 116 *startups* atuam no estado (até 2021). A principal forma de incentivo na Paraíba (e neste mercado, em geral) para criação de empresas com características de base tecnológica provém de instituições públicas, por intermédio de editais. “Só em 2020 e 2021, por exemplo, editais da Fapesq-PB, como Centelha, Tecnova e Programa Primeiros Projetos - PPP, e o edital de Economia Criativa do Sebrae foram responsáveis por uma distribuição de recursos superior a R\$ 8,75 milhões para fomentar as *startups* inovadoras e/ou de base tecnológica”, informa o documento.

Na última semana foi divulgado pela Fapesq-PB o resultado final das propostas selecionadas no edital Centelha 2 Paraíba: 41 Projetos de Fomento foram aprovados, de 11 municípios paraibanos. Serão contemplados, cada um, com até R\$ 60 mil em subvenção econômica. São potenciais empreendimentos a ampliar o mapa paraibano das *startups*.

O Programa Nacional de Apoio à Geração de Empreendimentos Inovadores - Programa Centelha 2 Paraíba combina o recurso financeiro ao desenvolvimento empresarial de uma ideia promissora que pode nem ter saído do papel ainda. O edital Centelha 2 (Edital Nº 01/2022 - Fapesq-PB) prevê investimen-

Estado possui, atualmente, 116 *startups*, modelo de empresa que tem características de base tecnológica



Foto: Divulgação/Fapesq

Empreendedores selecionados pelo edital Centelha 2 Paraíba vão receber, cada um, até R\$ 60 mil em subvenção

tos no valor global de mais de R\$ 3,3 milhões, sendo R\$ 1,1 milhão do Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FNDCT/FINEP), R\$ 570 mil de contrapartida estadual e R\$ 660 mil de acordo firmado entre Sudene e Fapesq. E, ainda, o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) vai entrar com mais de R\$ 1 milhão em bolsas de pesquisa.

O edital é fruto de parceria entre o Governo do Estado da Paraíba, por meio da Secretaria de Estado da Educação e da Ciência e Tecnologia (SEECT) e executado pela Fapesq, Financiadora de Estudos e Projetos (Finep), Conselho Nacional do Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e a Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (Sudene), com apoio do Sebrae-PB, Conselho Nacional das Fundações de Amparo à Pesquisa (Confap) e Fundação Certi.

Para o presidente da Fapesq-PB, Roberto Germano, o Programa Centelha já demonstra os frutos semeados na primeira edição, iniciada em 2019. “O arranjo institucional em torno do Programa Centelha vem evoluindo e para a Paraíba firmamos um acordo importante entre a Sudene e o CNPq, o que nos permitiu um acréscimo em números de projetos aprovados. Além disso, durante a execução os empreendedores contarão com acadêmicos trabalhando junto à equipe, remunerados por meio de bolsas de pesquisa”, explica Roberto Germano.

Edital Tecnova atende empresas já estruturadas

A metodologia aplicada pelo Programa Centelha, relativa às capacitações, acompanhamentos por especialistas, o compartilhamento de experiências entre os integrantes das equipes tem resultado em êxito. É possível detectar através dos resultados da primeira edição do Centelha. Em 2019/2020, 31 Projetos de Fomento foram selecionados. Destes, 26 projetos executados até o final.

No ato da contratação, os estágios de desenvolvimento dos empreendimentos variavam: dois estavam na fase da ideia; quatro tinham um produto em busca de comercialização pioneira; nove chegaram a um protótipo conceitual; um alcançou um protótipo finalizado e 15 atingiram o protótipo testado.

Com uma vivência adquirida no Centelha, o coordenador de Inovação e Empreendedorismo da Fapesq-PB, Silvio Rossi, identifica as principais dificuldades para darem andamento aos seus projetos até o produto ser inserido no mercado através de relatos dos participantes:

“Mesmo que alguns dos produtos ou processos inovadores, resultantes de projetos

aprovados no Centelha 1 PB, tenham conquistado o mercado ou contribuído para ampliar a participação da empresa no mercado, dentre os que ainda não o conseguiram podem ser destacadas, dentre outras, as seguintes dificuldades: acesso a novas oportunidades de natureza financeira (subvenção econômica, financiamento, investimento) para dar seguimento ao projeto, com necessária ampliação de escala; e manter a equipe executora do projeto na empresa para as próximas etapas da trilha da inovação, subsequentes ao Centelha, que contribuem para acesso ao mercado.”, observa Rossi.

Atualmente, seis projetos iniciados no Centelha 1 PB alcançaram sucesso no Edital Nº 47/2021- Tecnova 2 PB. Este é um Programa de Subvenção Econômica voltado para empresas já estruturadas, com o objetivo principal de promover aumento das atividades de inovação e o incremento da competitividade das empresas e da economia do país. Desta forma, este edital visa apoiar projetos de inovação que envolvam significativo risco tecnológico associado a oportunidades de mercado.

Propostas de tecnologias sociais são maioria

O Programa Centelha abre portas para pessoas que acreditam em soluções sustentáveis, não importando a área em que estejam inseridas: tecnologias sociais, biotecnologia, inteligência artificial, geoengenharia... O programa destaca 18 áreas diversas. Silvio Rossi, coordenador de Inovação e Empreendedorismo da Fapesq-PB, ressalta: “Para quem tem alguma ideia inovadora para buscar solucionar qualquer problema ou demanda relevante da sociedade, o Programa Centelha é uma excelente oportunidade para iniciar a ‘Trilha da Inovação’. Na fase da ‘ideação’, não é preciso ainda ter empresa constituída. Apenas após a divulgação do resultado dos projetos aprovados, ao longo de três fases de seleção, é que a empresa, caso ainda não exista, precisará ser criada, pois é a empresa que será contratada”, explica Rossi.

Os 41 projetos selecionados passaram por 10 meses e três fases de capacitações, workshops e ações relacionadas ao sucesso de uma *startup*, com especialistas de diversas áreas abordadas. Concorreram com 287 ideias inovadoras, submetidas na Fase 1- Ideias Inovadoras. Destas, 200

foram habilitadas para a Fase 2- Projeto de Empreendimento e 187 participaram de qualificações; e destas, 100 foram habilitadas para a Fase 3 - Projeto de Fomento, seguindo a trilha de aprendizado.

Dentre as 18 áreas temáticas às quais poderiam se encaixar os 41 projetos selecionados, a área de tecnologias sociais dominou em 29,3% as preferências; 14,6% dos projetos foram em automação e 12,2% foram para a área de segurança, privacidade e dados. João Pessoa concentra o maior número das propostas, com 18 selecionadas. Foram 13 ideias vindas de Campina Grande, duas de Patos. Uma de Cabe-

delo, uma do Conde e outras seis de municípios do Agreste, da Borborema e do Sertão.

A presença das mulheres na função de coordenação dos projetos aprovados aponta para um crescimento, considerando as estatísticas apresentadas no Mapa das *Startups*: “A desigualdade no quadro societário é algo visto no ecossistema brasileiro como um todo, porém o quadro na Paraíba é consideravelmente pior. Enquanto no Brasil vemos uma média de 29,5% das sociedades sendo compostas por mulheres, no Estado são apenas 16%”. No Centelha 2 Paraíba, 37% dos projetos são coordenados por

mulheres - 15 projetos no total. E na primeira edição do Centelha, em 2019/2020, as mulheres representaram 32% do total.

“Como a maioria dos integrantes das equipes executoras estejam, talvez, iniciando-se nessa ‘Trilha da Inovação’, é compreensível que dificuldades surjam no meio do caminho, e a superação, pelas equipes, dos novos desafios constitui-se em uma excelente oportunidade de novos conhecimentos, novas experiências. Para inovar é preciso sonhar e acreditar no sonho. Batalhar, seguir em frente... Desistir, jamais!”, incentiva Silvio Rossi.



Foto: Divulgação/Fapesq

Projetos selecionados passaram por três fases de capacitação, ao longo de 10 meses de trabalho

e r o s ã o

Radar Ecológico

A UNIÃO — João Pessoa, Paraíba - DOMINGO, 4 de dezembro de 2022

20

Quando o mar avança

Lucilene Meireles
lucilenemeireles@epc.pb.gov.br

Os efeitos do mar no Litoral paraibano vão muito além da barreira do Cabo Branco. A erosão causada pelas águas do oceano e pela força dos ventos pode ser vista em várias áreas de falésias pelas praias do Estado. Pesquisadores afirmam que em alguns pontos é possível reverter os danos, mas em outros há apenas a possibilidade de retardar os efeitos desse processo. Na Paraíba, quase 50% da linha de costa está ameaçada pela erosão, conforme o professor, consultor ambiental e presidente da ONG Grupo Amigos da Barreira (GAB), Williams Guimarães. “A Paraíba está localizada numa região que apresenta tendência, em longo prazo, vulnerável à erosão costeira”, observa.

O professor Saulo Vital, coordenador do Grupo de Pesquisa em Geomorfologia e Gestão dos Riscos Naturais (Genat) do Departamento de Geociências da UFPB, afirma que o grupo está desenvolvendo um projeto de pesquisa financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), que pretende percorrer todo o Litoral da Paraíba, identificando os pontos mais críticos de erosão costeira. No entanto, de forma preliminar, aponta alguns casos, como Carapibus, falésia do Cabo Branco, Praia do Bessa - onde considera o problema crítico, devido à forte urbanização -, e Baía da Traição. Segundo ele, esses pontos são considerados mais críticos e preocupam.

Geógrafo e doutor em Geociências, Vital lembra, inclusive, que o Genat e o Grupo de Estudos e Pesquisas sobre o Espaço Costeiro (Gepec) da UFPB têm desenvolvido seus trabalhos no Laboratório de Geologia e Estudos Ambientais (Legam) do Departamento de Geociências, voltados ao tema.

De acordo com análise do geógrafo e mestre em Geodinâmica e Geofísica, Williams Guimarães, em aproximadamente 40% dos quase 140 km de praias ao longo do Litoral paraibano ocorre recuo da linha e poucas se encontram equilibradas, ou seja, estabilizadas por obras de engenharia costeiras, conforme estudos realizados por professores e pesquisadores com expertise na área, entre eles Silvana Moreira Neves, da Universidade Federal de Pernambuco; José Maria Landim Dominguez e Abílio Bittencourt, ambos da Universidade Federal da Bahia (UFBA). “É importante que estas obras de intervenção possam estar amparadas por estudos científicos”, ressalta.

Mas, o que estaria causando a erosão provocada pelo mar? O professor Saulo Vital afirma que ela ocorre em razão de dois fatores. Um deles é o avanço do nível do mar devido ao aquecimento global; o outro é o aumento da ocupação em áreas indevidas, na faixa de praia. “Ou seja, o mar avança rumo ao continente e o homem avança para a linha de costa”, observa.

“Se for levado em consideração que quase 50% da linha de costa do nosso Estado está ameaçada pela erosão costeira, boa parte é por conta do déficit de sedimentos, ou seja, de areia. Com efeito, tende, em longo prazo, para a erosão costeira”, emenda Williams Guimarães, ressaltando que devem ser considerados outros fatores, como a ocupação desordenada da zona costeira, citada por Vital, e retenção de sedimentos, de areais fluviais em decorrência da construção de barragens que devem, igualmente, ser consideradas quando se trata das causas da erosão costeira.



Fotos: Roberto Guedes

As praias de Cabo Branco e Seixas são algumas das mais afetadas pela erosão; quase metade da costa paraibana está ameaçada

Erosão costeira preocupa pesquisadores da área

Embora seja um fenômeno natural, a erosão preocupa os pesquisadores. Conforme o professor Saulo Vital, o ser humano tem acelerado esse processo através da urbanização, e a erosão gera alerta. Em decorrência desse processo erosivo ocorre a redução na largura da faixa de areia, perda e desequilíbrio de habitats naturais, aumento na frequência de inundações por conta das ondas de ressacas, aumento da intrusão salina nos aquíferos costeiros, entre outros fenômenos.

O pesquisador Williams Guimarães afirma que o aumento do nível do mar e as alterações nas bacias hidrográficas, além das causas antropogênicas - aquelas causadas pelo homem, como a retirada de areia para atividades de obras de engenharia civil - e a supressão vegetal também contribuem para aumentar a erosão.

Saulo Vital reforça que a urbanização promove a impermeabilização dos solos, provocando o aumento do escoamento das águas, e esse é o processo responsável pelo aumento da erosão na maioria dos casos.

Nas últimas décadas, segundo Guimarães, o Litoral da Paraíba apresentou um cresci-

mento populacional bastante significativo, basicamente por conta do crescimento imobiliário, desenvolvimento do turismo e abertura de novas estradas que ocasionou acesso a áreas que não eram habitadas.

Ele analisa que a ocupação e/ou instalação de estruturas fixas, as obras de engenharia em locais inadequados, ocorrem sem a observância dos limites de oscilação do perfil praiar e das áreas fontes de sedimentos. A erosão de falésias também contribui para o agravamento da erosão costeira natural, destruição de imóveis, praias recreativas e vias urbanas. “Toda essa situação pode ser evitada com a elaboração de estudos científicos que apontam as fragilidades físicas e bióticas da área que deverá passar por intervenção”, destaca.

Na Paraíba, os pontos críticos de erosão estão localizados na região metropolitana de João Pessoa, principalmente no Litoral Sul, mais precisamente na Praia do Seixas e falésia do Cabo Branco. “Existem outros pontos críticos de erosão. No Litoral Norte, por exemplo, a Praia da Baleia e Baía da Traição. No Litoral Norte, Praia Bela, Carapibus e Jacumã”, elencou Saulo Vital.

Riscos para a população e de perdas materiais

Toda essa conjuntura pode trazer riscos para a população, entre eles, perdas e danos materiais e até vidas ceifadas, dependendo do caso. “Mas, na maioria das vezes, são danos materiais porque a erosão, em grande parte, é um processo lento quando comparado a um movimento de massa, por exemplo, que é diferente”, comenta Saulo Vital.

Para o pesquisador Williams Guimarães, o principal é que a erosão coloca em risco a integridade física dos usuários que frequentam essas áreas. “Além disso, altera a linha da costa gerando danos econômicos e sociais, conforme já presenciado em nosso Litoral quase que cotidianamente”.

Ele afirma, no entanto, que existem várias técnicas para diminuir o problema. As obras de contenção de erosões mais praticadas em âmbito nacional para reter o sedimento na praia estão associadas a instalação de espigões, enrocamento aderente, quebra-mares e a utilização de recifes artificiais.

O importante, conforme continua Guimarães, é identificar os fatores que devem ser levados em conta na es-

colha de uma solução mais adequada entre as diversas possibilidades existentes. Antes de qualquer tipo de intervenção na zona costeira, ele diz que é necessário conhecer o comportamento, em médio prazo, da linha de costa numa escala de décadas, utilizando fotografias aéreas em escala temporal e buscando identificar as zonas que apresentam quadro crítico de erosão nos últimos anos.

“Após essa identificação à área que deverá sofrer intervenção se faz necessário definir as condicionantes locais para a escolha do tipo de obra de intervenção, pois uma escolha incorreta ou até mesmo uma obra mal dimensionada pode causar mais danos que o esperado ou simplesmente não apresentar nenhuma funcionalidade. Exemplo atual em nosso Litoral foram as intervenções promovidas pela Prefeitura de João Pessoa na falésia do Cabo Branco no ano de 2020”, pontua.

Para Saulo Vital, a forma de evitar que isso aconteça é promovendo o reordenamento territorial do uso do solo urbano, através do reflorestamento de áreas de preservação permanente e outras áreas suscetíveis à erosão.

Como recuperar os locais afetados pelas águas

Uma vez constatado o problema, dependendo do caso, existem formas de recuperar as áreas afetadas. O professor Saulo Vital afirma que onde a erosão tem um componente natural, como o caso da falésia, é possível apenas retardar o processo. Mas, se esse componente é completamente antrópico, é possível conter a erosão

e recuperar a área afetada.

O pesquisador Williams Guimarães concorda que há situações em que é possível recuperar as áreas que sofrem com o processo de erosão. E cita o exemplo de Boa Viagem, em Recife (PE), com a instalação de enrocamento aderente. “Todavia, se deve manter o monitoramento desta ou qualquer

técnica que for adotada, bem como a manutenção da obra”, recomenda.

Para saber qual o melhor método de intervenção, é necessária a elaboração de estudos científicos desenvolvidos para a área. Segundo ele, a melhor forma de reduzir futuros problemas ocasionados pela erosão costeira é a implementação de

programas sérios de gerenciamento costeiro nos municípios litorâneos, buscando controlar a urbanização, estabelecendo zonas de não edificação. Ou seja, também é importante o monitoramento de segmentos costeiros e ainda expansão e manutenção de redes para medições contínuas de longa duração das marés e ondas.

OITAVAS DE FINAL



Foto: Neil Hall/ EFE

O Brasil inicia, amanhã, a fase mais difícil da Copa do Mundo, onde somente uma vitória alimenta o sonho do hexacampeonato

Amanhã tem Brasil x Coreia do Sul

Retrospecto mostra um amplo favoritismo brasileiro sobre os coreanos, com seis vitórias contra uma derrota

Laura Luna
lauraluna@epc.pb.gov.br

A partir de amanhã, às 16h, no Estádio 974, contra a Coreia do Sul, o Brasil começa a jornada rumo às quartas de final da Copa do Mundo do Qatar e de volta com o seu time titular, já que na sexta-feira passada utilizou o reserva diante de Camarões e acabou

sendo surpreendido ao perder de 1 a 0. A derrota não abalou a Seleção porque já estava classificada e agora está focada na Coreia, confiante em poder utilizar Neymar, em boa recuperação. O Brasil era a última seleção invicta. A equipe segue como uma das favoritas do Mundial, já que outras grandes seleções, como Alemanha e Bélgica, ficaram pelo caminho ainda na primeira fase. Esperava-se Uruguai ou Gana como adversário do Brasil nas oitavas de final, mas a Coreia surpreendeu na última rodada ao vencer Portugal por 2 a 1 e levou a melhor nos gols marcados (4 a 2), já que empatou em pontos e no saldo de gols em relação ao Uruguai, que derrotou Gana por 2 a 0. A Seleção Brasileira enfrentou a Coreia, este ano, em junho, quando venceu por 5 a 1, em amistoso marcado

Mata-mata

Jogos das oitavas não podem terminar empatados. Se isso acontecer, haverá prorrogação de 30 minutos. Persistindo a igualdade, decisão será nos pênaltis

como preparativo para Copa do Mundo no Catar. O gols foram marcados por Richarlison, Neymar duas vezes de pênalti, Coutinho e Gabriel Jesus. Hwang Ui-Jo balançou a redes para os coreanos. No retrospecto, são sete jogos com seis vitórias do Brasil e uma dos coreanos, não havendo nenhum empate entre os preliantes. Se houver igualdade, amanhã, a decisão será na prorrogação, persistindo, vai para os pênaltis. Na primeira fase, disputando pelo Grupo G, o Brasil venceu a Sérvia por 2 x 0, em seguida passou pela Suíça com o placar de 1 x 0 em uma partida emocionante com direito a um gol anulado do atacante Vinícius Júnior e na última sexta-feira perdeu para Camarões por 1 a 0. O retrospecto mostra que o Brasil é a única seleção que disputou todas

as edições das oitavas de final desde que o Mundial passou a ter essa fase, em 1986, sendo eliminada apenas uma vez pela Seleção da Argentina em 1990 com o placar de 1 x 0. Até 1982, quando apenas 24 seleções participavam da competição, o formato tinha a fase de grupos, quartas de final, semifinal e final. Há 10 Copas, com 32 equipes, o Mundial passou a realizar as oitavas de final, com 16 seleções disputando oito vagas sendo os confrontos entre o primeiro colocado de um grupo, contra o segundo lugar do grupo subsequente. A Seleção é a única a participar de todas as edições da Copa do Mundo e a maior vencedora da competição, com cinco títulos. Na edição atual se classificou às oitavas com uma rodada de antecedência. O outro jogo de amanhã será Japão x Croácia, às 12h.

NÃO HOUVE CRIME Ministério Público da Espanha arquiva inquérito sobre ofensas racistas contra Vinicius Júnior

O Ministério Público de Madri, na Espanha, divulgou na última sexta-feira ter arquivado o inquérito sobre as ofensas racistas contra o meia-atacante Vinicius Júnior em setembro deste ano, considerando que, apesar de incorretas, “duraram alguns segundos” e aconteceram em contexto de “máxima rivalidade”. O órgão abriu procedimento dias depois de insultos proferidos contra o jogador pela torcida do Atlético de Madrid, antes de clássico com o Real Madrid, disputado no Estádio Wanda Metropolitano. O objetivo da ação era identificar se houve cometimento de crime. Em 18 de setembro, antes do duelo, cerca de 500 torcedores ‘colchoneros’ estavam na área de acesso aos jogadores, entoaram canto em que chamavam Vinicius Júnior de “macaco”. Na época, os dois clu-

bes, diversas entidades e a Comissão Antiviência da Espanha condenaram os insultos racistas. **Autores**
Investigação concluiu que não foi possível identificar as pessoas que teriam cometido crime contra a dignidade do jogador no jogo Atlético de Madrid x Real Madrid
Segundo comunicado divulgado pelo Ministério Público de Madri, as ofensas não representariam um “cri-

me contra a dignidade” do brasileiro e, além disso, considera que não podem ser atribuídas a uma pessoa determinada. Isso porque, depois da análise feita pela polícia das imagens obtidas pelas câmeras de segurança do estádio, não foi possível reconhecer nenhum dos autores dos insultos, “por se tratar de um número grande de pessoas ali reunidas”. Na ocasião, os agentes somente puderam averiguar as imagens, não os áudios, “pois o sistema de gravação do estádio não capta som”. De acordo com a argumentação do promotor responsável pelo caso, os cantos racistas ocorreram duas vezes, “duraram alguns segundos” e ocorreram durante a realização de um jogo “de máxima rivalidade”, junto com outras “provações e gozações” no contexto esportivo.



Foto: EFE / Tolga Bozdoglu

Vinicius, que está na Copa do Qatar, chegou a ser chamado de macaco pelos torcedores do Atlético antes de jogo pelo Espanhol

BOTAFOGO

Elenco reformulado, aposta em novo técnico e o sonho da Série B

Belo faz planos para se destacar nas quatro competições que vai disputar em 2023, com maior atenção na Série C

Fabiano Sousa
fabianogool@gmail.com

Um elenco reformulado e com a missão de conseguir os objetivos na próxima temporada. Essa é a cara do novo Botafogo que vai disputar quatro competições em 2023: Campeonato Paraibano, Pré-Copa do Nordeste, Copa do Brasil e Campeonato Brasileiro da Série C. A diretoria do clube aposta na chegada de novos nomes para a formação do elenco e no comando técnico a confiança num treinador que chega pela primeira vez para comandar uma equipe do futebol nordestino.

Moisés Egert, treinador de 45 anos, é a bola da vez. O gaúcho chega com a missão de comandar o clube na nova casa depois de passagens por XV de Piracicaba, Paulista de Jundiaí, Linense, Portuguesa Santista e Mirassol. No Botafogo, ele espera contribuir com o planejamento de conseguir êxito durante a disputa das principais competições do calendário esportivo de 2023.

“O desafio profissional é o que me move, o nosso objetivo é construir um 2023 com desempenho e resultados positivos para o clube. Quando se fala em Botafogo é preciso ter a consciência de que o clube entra em qualquer competição em condições de disputar grandes feitos, no entanto não podemos priorizar competições. Ao todo, teremos a disputa em quatro competições na próxima temporada, a princípio a prioridade é formar um elenco competitivo e que mantenha um padrão no momento que for exigido ao longo da temporada”, comentou o novo comandante.

Ao todo, 26 atletas formam o atual elenco do clube para o início das disputas da temporada 2023, os goleiros: Elias, Arthur Gazze e Wallace; laterais direitos: Erick, Lucas Barboza e Lucas Mendes; zagueiros: Daciel,

Eduardo Grasson, Ramon Baiano e Gabriel Yanno; laterais esquerdos: Leocovick, Lucas Gabriel e Léo Campos; volantes: Natan Souza, Evandro e Eduardo; meias: Renatinho, Vitor Braga e Miller, além dos atacantes: Rodrigo Fumaça, Davi Ceará, Leilson, Igor Goularte, Miullen, Lucas Reis e Tiago Reis.

Uma das novidades no setor de meio campo é Vitor Braga. O atleta de 27 anos que veio do XV de Piracicaba será o responsável pelas jogadas de transição ao ataque, nos pés dele é que podem surgir passes ou até mesmo gols. O próprio atleta se diz preparado em ter a responsabilidade de criar oportunidades para os seus companheiros do setor ofensivo.

“Me considero um meia mais clássico que cadencia o jogo e procura encontrar o companheiro melhor colocado para finalização ao gol. Tive a oportunidade de ajudar as equipes por onde passei, jogando dessa forma, dando passes, finalizando e fazendo gols. Aqui no Botafogo espero também poder explorar as minhas qualidades da melhor forma possível para contribuir com os objetivos do clube”, disse.

Visando as disputas da temporada 2023, o alvinegro iniciou a pré-temporada com treinos no CT da Maravilha do Contorno, desde o último dia 21. Logo no dia 5, o alvinegro da estrela vermelha terá a disputa de sua primeira competição oficial da temporada de 2023. O time enfrenta o Retrô-PE, no Estádio Almeidão, em João Pessoa, pela Pré-Copa do Nordeste. O vencedor do duelo estará classificado para a segunda fase eliminatória e enfrenta o vencedor do confronto entre Santa Cruz-PE e Caucaia-CE.

A partida será o primeiro passo para a diretoria testar as apostas para o elenco de 2023. Para o presidente Alexandre Cavalcanti, a expectativa é de que na pró-

“
O desafio profissional é o que me move, o nosso objetivo é construir um 2023 com desempenho e resultados positivos para o clube

Moisés Egert

xima temporada a juventude do grupo possa fazer a diferença e que na temporada que simboliza os 10 anos da conquista do Campeonato Brasileiro da Série D, o clube consiga campanhas expressivas e tão sonhado acesso para a Série B do Brasileiro, em 2024.

“Sabendo das responsabilidades que temos logo no início da temporada com as disputas da Pré-Copa do Nordeste, Campeonato Paraibano, Copa do Brasil e o Campeonato Brasileiro da Série C no segundo semestre do ano, foi montado um elenco mais jovem que proponha intensidade e condições de jogo durante momentos críticos e favoráveis. Confiamos que jogadores e comissão técnica possam atingir as nossas metas durante a disputa de nosso calendário esportivo”, finalizou.

Campinense e Treze

Os clubes de Campina Grande também já articulam os preparativos visando a s disputas das com-

petições na temporada de 2023. A diretoria do Campinense confirmou os dois primeiros amistosos de pré-temporada, a Raposa enfrentará a equipe do Santa Cruz/PE, em jogos de ida e volta. O primeiro duelo será no próximo dia 23, às 16h, no Estádio Arruda, em Recife. Já o duelo da volta, será no dia 30, às 16h, no Estádio Amigão, em Campina Grande.

O rubro-negro realizou, na última quinta-feira, no CT do Renatão, a apresentação oficial do elenco e as avaliações físicas dos 20 atletas que foram anunciados oficialmente. O campeão paraibano de 2022, além do Campeonato Estadual, vai disputar em 2023 a Copa do Nordeste, a Copa do Brasil e o Campeonato Brasileiro da Série D. A estreia oficial do Campinense na temporada 2023 acontece no dia 7 de janeiro, contra a Queimadense pelo Campeonato Paraibano.

Já o Treze deve contar com 26 jogadores no elenco. O clube já

anunciou 21 contratações, deve promover alguns atletas das categorias de base e pretende anunciar mais duas contratações até o início das disputas das competições de 2023.

Anunciado como treinador pela diretoria do Galo, desde o mês de setembro, William de Mattia foi apresentado oficialmente como técnico do Treze e falou em entrevista coletiva, sobre os desafios que terá sobre o comando do alvinegro.

“Sabemos que o Treze não está no lugar que deveria estar, e estamos aqui para conquistar esses grandes objetivos. O que posso prometer é que a torcida vai ver uma equipe muito organizada e competitiva”, disse.

O novo treinador pretende observar os jogadores em dois amistosos nos próximos dias 18 e 22 de dezembro, com adversários ainda a serem definidos. O Galo faz estreia no Estadual no dia 7 de janeiro contra o São Paulo Crystal.



O técnico Moisés Egert encara novos desafios no Botafogo-PB

Fotos: Cristiano Santos



Jogadores já estão trabalhando normalmente na Maravilha do Contorno, visando as disputas das principais competições, entre elas, o retorno à Copa do Brasil depois de dois anos

MESMO COM APAGÕES

Ucrânia vê a Copa, apesar da guerra

Mundial parece ocorrer em uma “realidade paralela” aos efeitos devastadores que ucranianos sofrem diariamente



EFE

Os apagões causados pelos ataques de mísseis russos dificultam a vida dos ucranianos que querem acompanhar os jogos da Copa do Mundo, enquanto o ambiente político em torno do torneio ganha protagonismo e os torcedores voltam a se concentrar no campeonato nacional. Iryna Koziupa, jornalista do “Tribuna”, um dos maiores portais esportivos da Ucrânia, disse à Agência Efe que a Copa do Mundo seria normalmente assistida como uma festa em todo o país, especialmente se a seleção ucraniana também estivesse jogando.

A Ucrânia eliminou a Escócia nas Eliminatórias, apesar de a maioria dos jogadores ucranianos ter ficado meses sem jogar, mas não se classificou para a Copa do Mundo no Qatar, ao perder a repescagem contra o País de Gales.

O futebol tem ocupado um lugar secundário em meio à tragédia diária no país, com ataques de mísseis russos complicando a existência de ucranianos como um todo e ataques intensos no leste.

Ainda assim, Koziupa se mostrou confiante de que o torneio traria pelo menos algum respiro e que os ucranianos poderiam assistir aos jogos na emissora pública gratuita “Suspilne”. Mas os cortes de energia de emergência estão deixando os ucranianos sem eletricidade durante horas.



Foto: EFE/Juan Ignacio Roncoroni

Alguns ucranianos que conseguem acompanhar o Mundial torcem pela Polônia, que tem jogo decisivo contra a França

Muitos estão perdendo a maior parte do torneio pela primeira vez na vida.

“Às vezes, alguém planeja assistir a um jogo e acaba vendo os minutos finais de outro, se tiver sorte”, exemplificou.

Para Koziupa, a Copa do Mundo parece ocorrer em uma “realidade paralela” aos efeitos devastadores da guerra que os ucranianos sofrem diariamente.

Uma lente política é inevitavelmente aplicada ao torneio, de modo que o público torce por equipes de países que apoiam a Ucrânia, como a Polônia. Koziupa se alegrou pelo atacante Robert Lewandowski, que marcou o seu primeiro gol em Copas

do Mundo na vitória de 2 a 0 sobre a Arábia Saudita. Neste domingo, a Polônia joga contra a França

Os ucranianos têm dificuldade em simpatizar com o Irã, por causa dos drones de Teerã são utilizados pela Rússia para bombardear a Ucrânia e até vibraram com a eliminação. No entanto, Koziupa afirma que os manifestantes contra o regime iraniano são apoiados. A recusa dos jogadores de futebol iranianos em cantar o hino nacional também foi reconhecida na Ucrânia.

Na opinião de Koziupa, a pura animação do jogo continua sendo uma grande fonte de alegria, já que todo o torneio é uma celebração de

diferentes estilos e culturas de futebol.

“Aqueles que podem assistir à Copa do Mundo provavelmente não percebem a sorte que têm de estar lá”, frisou.

A própria jornalista tem andado de café em café em Ternopil para tentar ver uma transmissão de televisão, enquanto os seus colegas em Kiev tentam se conectar a redes Wi-Fi nas estações de metrô que também servem de abrigo antibombas.

“Às vezes, rezo para que os árbitros não deem acréscimos às partidas. Tenho receio de que a eletricidade possa ser cortada a qualquer momento sem que eu tenha concluí-

“
Aqueles que podem assistir à Copa do Mundo provavelmente não percebem a sorte que têm de estar lá

Koziupa

do o meu trabalho”, confessou.

Apesar da guerra em andamento, uma nova temporada de futebol da primeira divisão do Campeonato Ucraniano está em curso no país.

Os jogos estão sendo disputados, embora sem multidões, no oeste relativamente mais seguro do país e na capital. As partidas são frequentemente interrompidas durante horas, à espera que o alarme de ataque aéreo seja suspenso nos abrigos antibombas. Mas todos os jogos foram concluídos, ressaltou Koziupa.

A qualidade do jogo diminuiu, já que muitos jogadores estrangeiros deixaram o país. Em troca, jovens ucranianos ganharam mais oportunidades para mostrar potencial.

A mudança mais importante diz respeito à atitude dos jogadores de futebol, que costumavam ser apolíticos apesar de a guerra com a Rússia ter realmente começado há mais de oito anos, após a anexação da Crimeia.

“Eles costumavam se apegar ao mantra de que o futebol estava além da política, mas esta guerra afetou tudo e todos, incluindo o futebol”, declarou a jornalista.

RECONHECIMENTO

Jornalistas que cobriram mais de oito Copas do Mundo são homenageados

Reconhecendo o papel que a mídia desempenha em tornar o futebol o esporte mais popular, a Fifa homenageou no último dia 29 a longevidade e o comprometimento dos jornalistas que cobriram oito ou mais torneios da Copa do Mundo da Fifa. Uma cerimônia especial foi realizada em conjunto com o AIPS para os cerca de 70 jornalistas que alcançaram esse marco, trazendo dedicação, conhecimento e visão tanto para sua profissão quanto para o futebol, e transmitindo as emoções do torneio para torcedores de todo o mundo.

Com a Copa do Mundo Fifa 2022 sendo disputada em uma única cidade em Doha, foi uma oportunidade única de aproximar a mídia e fazer com que todos os jornalistas pudessem comparecer e receber seus prêmios - uma mini-réplica do troféu da Copa do Mundo Fifa - de Ronaldo, duas vezes vencedor da Copa do Mundo no Brasil, um dos maiores jogadores que já disputou o torneio. Ronaldo, que chegou à final com o Brasil em 1998, é o segundo maior artilheiro da história da Copa do Mundo da Fifa, com 15 gols marcados em 19 jogos distribuídos em três torneios. Entre os jornalistas estava o argentino Enrique Macaya Márquez, que cobriu todas as Copas do Mundo da Fifa desde o torneio de 1958 na Suécia e agora está trabalhando na 17ª Copa do Mundo como comentarista de rádio - uma conquista descrita como “incrível” pelo presidente da Fifa, Gianni Infantino.



Foto: Divulgação/Fifa

Jornalistas receberam uma mini réplica do troféu da Copa na última terça-feira

“Sou, como presidente da Fifa, eternamente grato a todos vocês. Gostaria de cumprimentá-los e parabenizá-los”, disse o presidente da Fifa, Gianni Infantino, em uma mensagem de vídeo. “É um dia muito especial porque vocês reconhecem, nós reconhecemos, elogiamos, recompensamos alguns de vocês que têm um histórico muito, muito especial.” Hartmut Scherzer lembrou que, na Copa do Mundo de 1966, foi possível conversar com os jogadores no vestiário após o jogo. “Você tem que imaginar isso hoje”, disse ele. “Depois do jogo final, eu estava no vestiário e conversei com Franz Beckenbauer. Ele tinha apenas 20 anos e era muito tímido. Perguntei como foi e ele respondeu: “Eu tinha a tarefa de assistir e tirar Bobby Charlton e acho que fiz um ótimo trabalho, principalmen-

te porque Bobby Charlton é um jogador muito talentoso”.

Jorge Da Silveira também comentou sobre as grandes mudanças que sua profissão sofreu ao longo de seus 60 anos de carreira. “Por um lado, a tecnologia facilitou muito as coisas para quem trabalha como jornalista, mas, ao mesmo tempo, tornou-se tão popular que temos cada vez mais jornalistas, e o estilo de cobertura de um evento como este é diferente”, ele disse. “Antes, você podia entrevistar treinadores e jogadores cara a cara, fazendo perguntas, mas hoje em dia tudo se resume a coletivas de imprensa.” O AIPS já havia homenageado a mídia nos Jogos Olímpicos e esta foi a primeira vez que o fez na Copa do Mundo da Fifa. Os jornalistas incluíam imprensa escrita, fotógrafos, comentaristas de rádio e televisão.

VOLUNTÁRIOS

Fifa destaca ação de pessoas para o sucesso do Mundial

O Qatar 2022 provou mais uma vez que os voluntários são parte integrante de qualquer torneio. O mesmo acontecerá em 2023 com a Austrália e a Nova Zelândia co-organizadora da Copa do Mundo Feminina da Fifa. As inscrições para voluntários já estão abertas em [FIFA.com/volunteers](https://www.fifa.com/volunteers). Segundo a Entidade, participar do programa de voluntariado da Fifa significa fazer algo memorável. Significa ser capaz de dizer: “Eu fiz isso acontecer”. Significa fornecer uma cente-

lha e ajudar a criar experiências como nenhuma outra, cheias de memórias incríveis que durarão a vida inteira para os voluntários, sem falar nos fãs, no Catar e no mundo. Mas “incrível” não acontece por si só - acontece por causa de pessoas que nos unem de maneiras que nunca imaginamos ser possíveis, criando memórias que as pessoas nunca esquecerão. Criando um legado do qual se orgulhar. Seja o coração do jogo - agora é a hora de você brilhar, diz a nota da Fifa.

Foto: Divulgação/Fifa



Voluntários em momento de descontração na Copa do Mundo

OITAVAS DE FINAIS

Duas campeãs mundiais em campo

França enfrenta a Polônia, a partir das 12h, em Doha, enquanto a Inglaterra joga contra Senegal, às 16h, em Al Khor

Fabiano Sousa
fabianogool@gmail.com

O calendário dos jogos do Mundial do Qatar deste domingo chega ao seu 15º dia de disputa com mais duas partidas que definem mais duas seleções que avançam para as quartas de final e seguem na disputa pelo título. Nos jogos de hoje, duas campeãs mundiais entram em campo, teoricamente como favoritas para avançar na competição.

A atual campeã mundial, França, encara a Polônia no Estádio Al Thumama, em Doha, a partir das 12h. O duelo coloca à frente duas das principais estrelas do futebol mundial, Kyllian Mbappé do lado francês e Robert Lewandowski representando as cores polonesas.

Mbappé foi campeão do mundo em 2018, e neste Mundial marcou três gols em três jogos na primeira fase, metade dos gols marcados pelos franceses na primeira fase. Lewandowski conseguiu encerrar o jejum e marcar o seu primeiro gol em Copas, também sendo responsável pela metade dos gols marcados pela Seleção Polonesa no torneio.

Apesar do favoritismo, o técnico Didier Deschamps exalta as qualidades da Polônia e não acredita em jogo fácil no confronto que vale uma vaga para as quartas de final.

“Não subestime essa Seleção Polonesa. É uma equipe que tem uma organização muito boa, além da presença de um dos melhores atacan-

tes do mundo. É um jogo que obviamente será fundamental para as nossas pretensões, por isso faremos tudo que pudermos para avançar de fase”, comentou a agência EFE.

A Polônia chega novamente a uma fase de oitavas de final pela primeira vez em 36 anos, desde que foi eliminada para o Brasil no Mundial de 1986 no México. Comandada pelo astro Robert Lewandowski, a Seleção tenta alcançar a sua melhor campanha quando ficou com a 3ª colocação no Mundial de 1974 na Alemanha.

Já os ingleses conquistaram, em casa, o Mundial de 1966. Desde então, as melhores performances foram em 1990 nos Estados Unidos e em 2018 na Rússia, quando chegou às semifinais, terminando na 4ª colocação. O grupo comandado pelo treinador Gareth Southgate tenta superar as duas últimas melhores participações do país quando enfrentar Senegal às 16h, no Estádio Al Bayt, em Al Khor, para seguir buscando o título.

Senegal chega pela segunda vez à fase de mata-mata da competição. Na sua primeira participação em Mundiais, conseguiu a façanha de ir até as quartas de final, quando acabou sendo eliminada pela Turquia, em 2002, na Copa Japão/Coreia.

Se houver empate, prorroguação de 30 minutos, persistindo, decisão nos pênaltis



O craque francês Mbappé já marcou três gols na Copa e é a maior esperança para a França avançar, hoje, diante da Polônia

TABELA - COPA DO MUNDO 2022

Grupo A	Grupo B	Grupo C	Grupo D
domingo, 20/11 - 13h	segunda-feira, 27/11 - 16h	terça-feira, 22/11 - 7h	terça-feira, 22/11 - 16h
Qatar 0 X 2 Equador	Inglaterra 6 X 2 Irã	Argentina 1 X 2 A. Saudita	Dinamarca 0 X 0 Tunísia
segunda-feira, 21/11 - 13h	segunda-feira, 27/11 - 16h	terça-feira, 22/11 - 13h	terça-feira, 22/11 - 16h
Senegal 0 X 2 Holanda	EUA 1 X 1 País de Gales	México 0 X 0 Polônia	França 4 X 1 Austrália
sexta-feira, 25/11 - 10h	sexta-feira, 25/11 - 7h	sábado, 26/11 - 10h	sábado, 26/11 - 7h
Qatar 1 X 3 Senegal	País de Gales 0 X 2 Irã	Polônia 2 X 0 A. Saudita	Tunísia 0 X 1 Austrália
sexta-feira, 25/11 - 13h	sexta-feira, 25/11 - 16h	sábado, 26/11 - 16h	sábado, 26/11 - 13h
Holanda 1 X 1 Equador	Inglaterra 0 X 0 LUA	Argentina 2 X 0 México	França 2 X 1 Dinamarca
terça-feira, 29/11 - 12h	terça-feira, 29/11 - 16h	quarta-feira, 30/11 - 16h	quarta-feira, 30/11 - 12h
Holanda 2 X 0 Qatar	País de Gales 0 X 3 Inglaterra	Polônia 0 X 2 Argentina	Tunísia 1 X 0 França
terça-feira, 29/11 - 12h	terça-feira, 29/11 - 16h	quarta-feira, 30/11 - 16h	quarta-feira, 30/11 - 12h
Equador 1 X 2 Senegal	Irã 0 X 1 EUA	A. Saudita 1 X 2 México	Austrália 1 X 0 Dinamarca
Grupo E	Grupo F	Grupo G	Grupo H
quarta-feira, 23/11 - 10h	quarta-feira, 23/11 - 7h	quarta-feira, 24/11 - 7h	quinta-feira, 24/11 - 10h
Alemanha 1 X 2 Japão	Marrocos 0 X 0 Croácia	Suíça 1 X 0 Camarões	Uruguai 0 X 0 Coreia do Sul
quarta-feira, 23/11 - 13h	quarta-feira, 23/11 - 16h	quinta-feira, 24/11 - 16h	quinta-feira, 24/11 - 13h
Espanha 7 X 0 Costa Rica	Bélgica 1 X 0 Canadá	Brasil 2 X 0 Sérvia	Portugal 3 X 2 Gana
domingo, 27/11 - 7h	domingo, 27/11 - 10h	segunda-feira, 28/11 - 7h	segunda-feira, 28/11 - 10h
Japão 0 X 1 Costa Rica	Bélgica 0 X 2 Marrocos	Camarões 3 X 3 Sérvia	Coreia do Sul 2 X 3 Gana
domingo, 27/11 - 16h	domingo, 27/11 - 13h	segunda-feira, 28/11 - 13h	segunda-feira, 28/11 - 16h
Espanha 1 X 1 Alemanha	Croácia 4 X 1 Canadá	Brasil 1 X 0 Suíça	Portugal 2 X 0 Uruguai
quinta-feira, 01/12 - 16h	quinta-feira, 01/12 - 12h	sexta-feira, 02/12 - 16h	sexta-feira, 02/12 - 12h
Japão 2 X 1 Espanha	Croácia 0 X 0 Bélgica	Camarões 1 X 0 Brasil	Coreia do Sul 2 X 1 Portugal
quinta-feira, 01/12 - 16h	quinta-feira, 01/12 - 12h	sexta-feira, 02/12 - 16h	sexta-feira, 02/12 - 12h
Costa Rica 2 X 4 Alemanha	Canadá 1 X 2 Marrocos	Sérvia 2 X 3 Suíça	Gana 0 X 2 Uruguai

Oitavas de final

1	3/12, sábado, 12h		
	HOLANDA	x	EUA
	1º do grupo A		2º do grupo B
2	3/12, sábado, 16h		
	ARGENTINA	x	AUSTRÁLIA
	1º do grupo C		2º do grupo D
3	4/12, domingo, 16h		
	INGLATERRA	x	SENEGAL
	1º do grupo B		2º do grupo A
4	4/12, domingo, 12h		
	FRANÇA	x	POLÔNIA
	1º do grupo D		2º do grupo C

Semifinal

I	13/12, terça-feira, 16h
	x
	Vencedor jogo A Vencedor jogo B
II	14/12, quarta-feira, 16h
	x
	Vencedor jogo C Vencedor jogo D

Terceiro lugar

17/12, sábado, 12h	

5	5/12, segunda-feira, 12h	
JAPÃO	x	CROÁCIA
1º do grupo E		2º do grupo F
6	5/12, segunda-feira, 16h	
BRASIL	x	COREIA DO SUL
1º do grupo G		2º do grupo H
7	6/12, terça-feira, 12h	
MARROCOS	x	ESPANHA
1º do grupo E		2º do grupo F
8	6/12, terça-feira, 16h	
PORTUGAL	x	SUÍÇA
1º do grupo H		2º do grupo G

Final

18/12, domingo, 12h

x

Vencedor jogo I

Vencedor jogo II

Quartas de final

A	9/12, sexta-feira, 12h	
	x	
Vencedor do jogo 5		Vencedor do jogo 6
B	9/12, sexta-feira, 16h	
	x	
Vencedor do jogo 1		Vencedor do jogo 2
C	10/12, domingo, 12h	
	x	
Vencedor do jogo 7		Vencedor do jogo 8
D	10/12, domingo, 16h	
	x	
Vencedor do jogo 3		Vencedor do jogo 4

SELEÇÃO CAMPEÃ
EPC NA COPA, É VOCÊ NO CATAR

A UNIÃO

Apoio:

TVBET.COM

Casa das 14 mulheres

Em 75 anos de história da Câmara Municipal de João Pessoa, a partir do processo de redemocratização, ocorrido em 1947, pouquíssimas vereadoras assumiram o mandato no Legislativo pessoense, e a pioneira foi a professora e advogada Ofélia Gondim, em 1973

Lucilene Meireles
lucilenemeireles@epc.pb.gov.br

Muito se fala sobre a necessidade de mais participação das mulheres na política e é certo que a presença delas hoje é maior do que algumas décadas atrás. Houve, sim, evolução com o passar do tempo, mas a fatia ocupada pelas representantes do sexo feminino nesse cenário ainda é pequena. Em João Pessoa, Ofélia Gondim Pessoa de Figueiredo foi pioneira, conseguindo o feito de ser eleita vereadora numa época em que as mulheres não tinham vez. Ela deixou seu nome marcado na história da Paraíba como a primeira vereadora da Câmara Municipal de João Pessoa (CMJP), há quase meio século, em 1973, pelo extinto partido da Aliança Renovadora Nacional (Arena).

Para chegar à conquista, Ofélia se dedicou com afinco aos estudos, sendo aluna da primeira turma da Faculdade de Direito de João Pessoa. Ao concluir sua formação, na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), ela atuou também dando aulas. A paixão pela área rendeu frutos e, entre 1974 e 1995, foi professora do curso. Lecionou, ainda, em cursinhos particulares e no Centro Universitário de João Pessoa (Unipê), onde trabalhou até os 86 anos de idade.

Em agosto de 2019, Ofélia Gondim foi homenageada na Assembleia Legislativa da Paraíba (ALPB) durante sessão solene em comemoração aos 70 anos da Faculdade de Direito da Paraíba. Na mesma ocasião, foram celebrados os 30 anos de Centro de Ciências Jurídicas (CCJ) e uma década do Departamento de Ciências Jurídicas no Estado, numa sessão proposta pelo deputado estadual Tovar Correia Lima (PSDB).

Foi a partir da eleição de Ofélia Gondim que as mulheres começaram a ocupar espaço na CMJP. Depois dela, assumiram o mandato como titulares ou suplentes nomes como Magdalena Alves, Sônia Germano, Creusa Pires, Paula Frassinete, Nadja Palitot, Sandra Marrocos, Raissa Lacerda, Eliza Virgínia, Vera Lucena, Helena Holanda, Fabíola Rezende, Rebeca Sodré e Cris Furtado. Ou seja, em 75 anos de história da Câmara pessoense (depois do processo de redemocratização, ocorrido em 1947), apenas 14 mulheres assumiram o mandato na Casa Napoleão Laureano.

Mesmo afastada da vida



Ilustração: Tônio

pública, o legado da ex-vereadora permanece e, inclusive, está nas páginas do livro ‘CMJP 75 Anos - Liberdade, Transparência, Democracia’, lançado recentemente pelo jornalista Edmilson Lucena, durante as comemorações do aniversário de 75 anos da Câmara de João Pessoa.

Hoje, aos 91 anos de idade, a ex-vereadora se mantém reclusa em casa, protegendo-se da Covid-19. À reportagem, ela preferiu não conceder entrevista, porque está com um familiar em tratamento de saúde. Ressaltou apenas que, em razão da idade avançada, não sai mais e que tem tomado todas as precauções para não ser contaminada pelo novo coronavírus, que provoca a doença.

Ofélia era avessa a excesso de homenagens

Na publicação ‘CMJP 75 Anos - Liberdade, Transparência, Democracia’, Edmilson Lucena conta outras curiosidades sobre Ofélia Gondim e, num dos trechos, relata que a ex-parlamentar defendia, com muita ênfase, as questões que envolviam a educação, já que, além de advogada, atuava como professora. “Como vereadora, ela criticava muito o excesso de homenagens que eram prestadas, medalhas, comendas de um modo geral, pelo estabelecimento de critérios”, relata.

Nessa linha, ainda na década de 1970, a então vereadora votou contra a proposição e fez um pronunciamento na Câmara da capital quando foi concedido um Título de Cidadão Pessoaense ao ex-jogador Pelé. Segundo o jornalista, Ofélia Gondim não via nenhum trabalho importante feito pelo atleta em benefício da cidade de João Pessoa. “Contrariou muita gente naquela época, mas ela não se intimidou. Era a única mulher na Câmara, que era um ‘Clube do Bolinha’”, acrescenta Edmilson.

A ex-vereadora, também advogada, chegou ainda a assumir, interinamente, a presidência da Ordem dos Advogados do Brasil na Paraíba (OAB-PB), na década de 1990, substituindo o então deputado Vital do Rêgo, que estava à frente da instituição.

O atual presidente da OAB paraibana, Harrison Targino, afirma que Ofélia Gondim é uma referência da advocacia e da luta das mulheres. “Foi conselheira da OAB-PB, teve uma participação atuante e forte no movimento da advocacia e na articulação da representatividade da mulher. Foi uma das pioneiras, uma mulher firme e atuante, que deixa registros de sua passagem por onde esteve”, concluiu.

Foto: Secom-CMJP



Em mais de sete décadas de redemocratização, CMJP registra pouca participação feminina

Ofélia se dedicou com afinco aos estudos, sendo aluna da primeira turma da Faculdade de Direito de João Pessoa

Diogo Velho

Monarquista paraibano, amigo de Dom Pedro 2º, abraçou o abolicionismo

Hilton Gonyça
araujagonyca74@gmail.com

Os biógrafos do paraibano Diogo Velho afirmam que ele era defensor da abolição dos escravos, embora tenha permanecido amigo fiel do imperador Dom Pedro 2º, até 1889, quando a família imperial deixou o Brasil para exilar-se em Paris. O segundo imperador do Brasil concedeu-lhe o título de visconde, justificando essa atitude de que o beneficiário “possuía uma respeitável folha de serviços prestados à pátria”.

Sua interferência política foi estratégica para a construção do ramal da Estrada de Ferro Conde D’Eu, ligando Cabedelo, no litoral norte paraibano, a Alagoa Grande, na Região do Brejo. Também teve papel importante na implantação da linha telegráfica que uniu Recife a João Pessoa. Colaborou com a revista literária Alva, a primeira do gênero criada na Paraíba e que circulava no Rio de Janeiro, então capital federal.

O jornalista, político, escritor e professor Diogo Velho Cavalcanti de Albuquerque nasceu em 9 de novembro de 1829, na antiga Fazenda Chaves, no município de Pilar (local hoje pertencente a Gurinhém), no Agreste paraibano, e morreu aos 70 anos, em 14 de junho de 1899, na cidade de Juiz de Fora, em Minas Gerais.

Era filho do casal Diogo Velho Cavalcanti de Albuquerque e de Ângela Sofia Cavalcanti de Albuquerque. Exerceu a promotoria pública em Areia, onde participou da vida política como membro do Partido Conservador, pelo qual foi eleito para a Assembleia Provincial no biênio 1854-1855, sendo reeleito posteriormente.

Elegeram-se, também, representantes da Paraíba na Câmara dos Deputados, para a legislatura 1857-1860. Depois foi morar no Rio de Janeiro. Destacou-se como integrante do gabinete presidido pelo Visconde de Itaboraí, defensor da abolição da escravatura; foi presidente das Províncias do Piauí (1859), Ceará (1868) e Pernambuco (1870); ministro da Agricultura, Comércio e Obras Públicas; ministro da Justiça; diretor do Ministério dos Estrangeiros; deputado provincial; deputado-geral; senador vitalício pelo estado do Rio Grande do Norte; e membro do Conselho do Estado.

Representou o Brasil na Exposição Universal de Paris, como comissário-geral. Mesmo após a República, Diogo permaneceu em Paris, sempre leal ao imperador Dom Pedro 2º, só retornando ao Brasil após a morte do soberano. Uma rua situada no Centro de João Pessoa foi batizada com o seu nome.

Além de relatórios e pareceres, elaborou um trabalho intitulado ‘Notice general esurles principales lois promulgués au Brésil de 1891 a 1894’. Essa monografia apresentava um resumo histórico dos primeiros anos do Brasil República. Redigiu Alva, a primeira revista literária da Paraíba, publicada no Rio de Janeiro.

Fundador e redator de revista

De acordo com José Ozildo dos Santos, pesquisador da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Diogo Velho foi o último senador norte-rio-grandense no período Imperial. Bacharelou-se em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Olinda, em 1852. Ainda acadêmico de Direi-

to, juntamente com Olinto José Meira (futuro presidente do Rio Grande do Norte), integrou o corpo redacional da revista Alva, a primeira revista literária que circulou na Cidade da Paraíba do Norte (atualmente João Pessoa).

Diplomado, iniciou suas atividades profissionais como promotor público da Comarca de Areia, no Brejo paraibano, nomeado em princípios de 1853. Lá, ingressou na política, elegendo-se deputado provincial para a legislatura de 1854 a 1855, pelo Partido Conservador, do qual tornou-se seu dirigente na Paraíba.

Reeleito em 1856, deixou a Assembleia Legislativa Provincial no ano seguinte após ter sido eleito deputado-geral (1857-1860), representando o distrito eleitoral, sediado em Areia, derrotando no pleito Joaquim Henriques da Silva, renomado professor de língua latina. Reeleito para as legislaturas de 1861-1864, 1867-1870 (dissolvida a 18 de julho de 1868) e 1873-1876. Ao transferir-se para a Corte, passou a chefia do Partido Conservador na Província para Anísio Salatiel Carneiro da Cunha, seu antigo colega de turma conluente na Faculdade de Direito, em Olinda, a quem, em 1871, associou-se num empreendimento de utilidade pública.

Na Assembleia Geral, Diogo Velho teve uma atuação elogiável. Por carta imperial de 8 de março de 1862, foi nomeado segundo-vice-presidente da Província da Paraíba. Encontrava-se ainda no exercício de suas funções parlamentares quando foi escolhido por Dom Pedro 2º para governar o Piauí, tendo administrado aquela província de 5 de novembro de 1859 a 12 de julho de 1860.



Jornalista, político, escritor e professor, Diogo Velho colaborou com a revista literária Alva, a primeira do gênero criada na Paraíba e que circulava no Rio de Janeiro, então capital federal

Ilustração: Tháin

Presidente de três províncias do Brasil

Homem probo, presidiu também, além do Piauí, as Províncias do Ceará (de 27 de agosto de 1868 a 25 de julho de 1869) e Pernambuco (de 30 de outubro de 1870 a 26 de outubro de 1871). No exercício da presidência dessa última província, lançou a pedra fundamental para a construção do Liceu de Artes e Ofícios, que tornou-se uma das maiores instituições do ensino profissionalizante no país.

Na Paraíba, foi diretor da Instrução Pública, em 1861. Em junho de 1876, morrendo Francisco de Sales Torres Homem (Visconde de Inhomirim), que representava o Rio Grande do Norte no Senado do Império, Diogo Velho teve seu nome incluído em lista triplíce, juntamente com Tarquínio Bráulio de Souza Amaranto e Francisco Gomes da Silva.

Escolhido a 4 de janeiro de 1877, tornou-se o sexto senador da Província do Rio Grande do Norte, tomando posse a 6 de março do mesmo ano, permanecendo no Senado até

a Proclamação da República. Como senador, defendeu a regularização da propriedade literária no Brasil e a concessão de patentes de invenção. Por seus relevantes serviços prestados ao Império, foi agraciado com as Comendas da Ordem de Cristo, Grão Cruz da Vila de Viçosa de Portugal e da Coroa Real da Prússia, tendo ainda recebido das mãos de Dom Pedro 2º o título de visconde de Cavalcanti.

Em 1889, foi designado comissário-geral do Império à Exposição Universal de Paris e ali encontrava-se quando foi proclamada a República. Fiel à Monarquia, exilou-se voluntariamente naquela cidade, onde permaneceu com sua família por quase 10 anos. À sua esposa, deve-se a fundação do Asilo de Mendicidade do Rio de Janeiro. Mulher de rara beleza, dona Amélia era profunda estudiosa da Numismática e publicou vários trabalhos sobre as moedas brasileiras e estrangeiras.

Homem culto, Diogo Velho era versado no idioma francês e nele publicou vários livros, abordando temas jurídicos, entre eles ‘Aperçu Politique - Droit Administration Paris, Librairie Collignon’ (1896), abordando as leis publicadas no Brasil, durante o período de 1891 a 1896, além de uma novela, intitulada ‘Mariana’.

Como jornalista, atuou como redator de A Imprensa, jornal político, literário e noticioso, dirigindo pelo Barão de Abiaí, na capital paraibana, que circulou de 1857 a 1862.

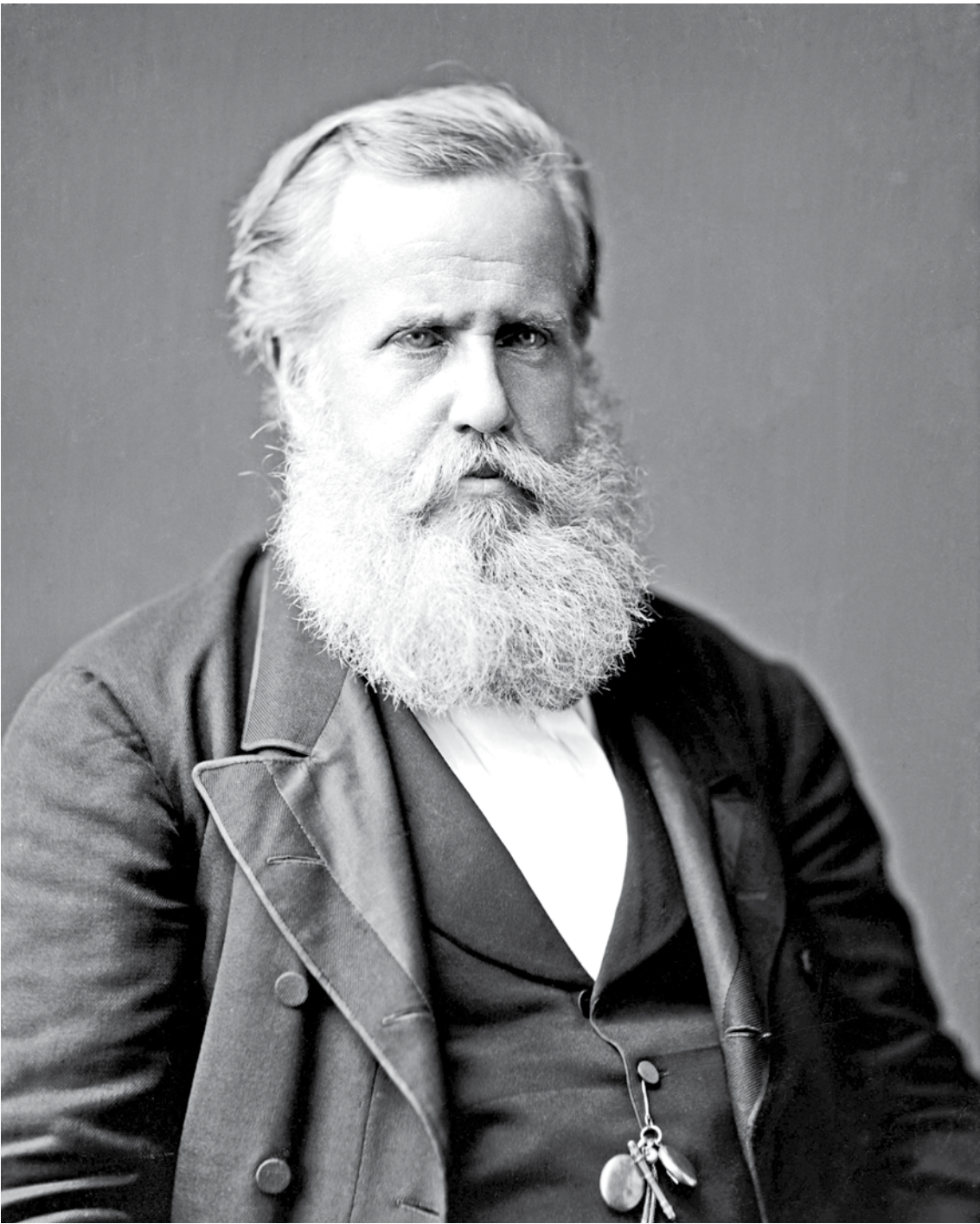


Foto: Domínio Público

Imperador Dom Pedro 2º, retratado por Mathew Brady, em 1876, teve em Diogo Velho um aliado

Ângela Lúcio

Alfabetização midiática para todos nós por favor

Quais competências são necessárias para que uma pessoa possa analisar de maneira crítica as informações a que tem acesso? Questionei-me sobre isso ao ler matérias recentes que citavam a adoção da alfabetização midiática como estratégia do governo da Finlândia no combate às fake news.

Atualmente, a Finlândia ocupa o primeiro lugar no mundo no ranking que mede a resiliência à desinformação, segundo estudo anual do Instituto Open Society. Em 2016, o currículo do sistema escolar finlandês foi adaptado para ensinar às crianças as habilidades necessárias para identificar notícias falsas. O tema é tratado em matemática, artes, línguas, enfim, todas as disciplinas.

Para obter sucesso no combate às notícias mentirosas, o governo da Finlândia desenvolveu duas políticas: o Programa Governamental da Sociedade da Informação (Government Information Society Programme, 2007-2011); e o Programa de políticas para o bem-estar de crianças, jovens e famílias, as quais enfatizam objetivos e medidas envolvidos na segurança de ambientes midiáticos, alfabetização midiática e serviços on-line.

Segundo a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), outros países têm ações de Alfabetização Midiática e Informacional (AMI) que merecem destaque. A Índia montou uma força-tarefa para desenvolver um consenso nacional entre todas as bibliotecas sobre as iniciativas de desenvolvimento de políticas



Foto: Unesco

para tornar o país uma sociedade alfabetizada em informação; e o governo da Argentina criou uma política nacional sobre alfabetização midiática com múltiplos atores, como associações midiáticas (estações de rádio, canais de tv, cinemas e revistas nacionais), empresas privadas e o sistema educacional.

No Brasil, o Instituto Palavra Aberta, uma entidade sem fins lucrativos, é um importante agente no combate não apenas à

desinformação, mas também no fomento à educação midiática e informacional como instrumento de empoderamento dos cidadãos. Desde 2019, o instituto desenvolve o programa EducaMídia, que atua na formação e no engajamento de professores no processo de educação midiática de jovens. Mais recentemente, também foi lançado o EducaMídia60+, para que pessoas com mais de 60 anos de idade possam desenvolver as habilidades necessárias para parti-

cipar plenamente da sociedade conectada.

A Alfabetização Midiática e Informacional, como conceitua a Unesco, compreende o “conjunto de habilidades para acessar, analisar, criar e participar de maneira crítica do ambiente informacional e midiático em todos os seus formatos – dos impressos aos digitais”. Para a população, os benefícios da AMI podem ser resumidos da seguinte forma: 1. Maior participação ativa e democrática; 2. Conscientização sobre as responsabilidades éticas da cidadania global; 3. Permitir o diálogo intercultural, a tolerância e a compreensão cultural.

E quais competências os indivíduos devem ter para consumir conteúdos com criticidade? A Unesco aponta: compreender a importância e o ambiente necessário para mídia, internet e outros provedores de informação, avaliar e usar as informações com senso crítico para compartilhar cultura, desenvolvimento, democracia e paz etc. Acrescente-se a isso, definir as necessidades informacionais, localizar, avaliar, organizar, usar de maneira ética, comunicar a informação e produzir conteúdo. Mais: melhorar o acesso à informação, a pesquisas, a estudos, à aprendizagem e à vida pessoal.

Proporcionar Alfabetização Midiática e Informacional a todos nós – e não apenas a quem hoje está nos bancos físicos ou virtuais das escolas – é essencial. Urgente até. E os levantes golpistas na frente dos quartéis no Brasil (inflados pela propagação de fake news) são uma prova disso.

Tocando em Frente

Orlando Silva – O Cantor das Multidões – Conclusão

Após idas e vindas, e altos e baixos na vida pessoal, Orlando Silva nos legou um repertório digno de quem foi chamado de “O Cantor das Multidões”, cognome que lhe foi atribuído pelo conhecido animador/locutor Oduvaldo Cozzi, por ocasião de uma sua apresentação em praça pública, em São Paulo, quando arregimentou um público que foi estipulado em cerca de cem a 150 mil pessoas. Um fenômeno, para a época. Ainda hoje ele é considerado a melhor voz masculina da Era de Ouro do Rádio.

Voltando ao período em que sofreu o terrível acidente, após um período de internamento por cerca de seis meses, ele ainda permaneceu recluso em casa, usando muletas, período em que se limitava a passar o dia ouvindo pelo rádio os cantores da época, memorizando os sucessos e cantando-os à sua maneira.

Um dia, mesmo ainda andando com dificuldade, o seu irmão mais idoso, Edmundo, levou-o à Rádio Cajuti, no intuito de conseguir que fizesse um teste. Malvestido, moreno, sempre apoiado no irmão, sua presença nem foi notada. Os dois, então, buscaram a pequena Rádio Phillips onde, ouvido em um programa de calouros, sem haver sequer ensaiado, foi reprovado.

Foi quando, quase milagrosamente, em 1934, apareceu em sua vida e a seu favor o respeitado compositor Bororó (Alberto de Castro Simões da Silva – carioca, 1898-1986) – que, após ensinar-lhe os elementos básicos da técnica vocálica e o uso do microfone, apresentou-o a Chico Alves. Este concordou em ouvi-lo no seu próprio automóvel, quando Orlando cantou vários sucessos de Sílvio Caldas. A impressão foi a melhor possível, e fez



Foto: Reprodução



levar o garoto, duas semanas depois, ao seu programa na mesma Rádio Cajuti, onde Orlando fora ignorado. Chico conseguiu apresentá-lo, fato ocorrido em junho daquele ano.

Sucesso instantâneo! Começava ali a trajetória de um cantor excepcional que, mesmo alcançando os píncaros da glória, sucumbiu, sofrendo o gosto amargo de um imprevisível declínio a que foi conduzido pelo uso da bebida e das drogas.

Diante do sucesso de sua primeira apresentação em uma emissora, ele foi convidado a fazer parte do coro de estúdio da RCA Victor. Após o Carnaval de 1935, foi conduzido a gravar o seu primeiro disco. Foram, então, registrados dois fonogramas – ‘Lágrimas’ e ‘Última Estrofe’, ambas de Índio (Cândido das Neves), anteriormente gravadas por Vicente Celestino, porém cujas gravações, inexplicavelmente, haviam passado despercebidas. Como o próprio Orlando deixou registrado, “com este disco [um 78 rpm] ganhei o contra-

to na Victor e conheci, com dezenove anos, um sucesso imediato”.

Fato singular: participou da inauguração da Rádio Nacional, em 12 de setembro de 1936, tendo sido o primeiro cantor a apresentar-se na nova emissora. Na ocasião, cantou ‘Caprichos do Destino’ (Pedro Caetano/Claudionor Cruz): Se Deus um dia olhasse a terra/ e visse o meu estado,/ na certa compreenderia/ o meu trilhar desesperado.../ Igualmente, foi o primeiro cantor a ter um programa exclusivamente seu, que ia ao ar no horário nobre do domingo, das 18h às 18h30. Vem dessa época o hábito de as fás, beirando o fanatismo, arrancarem-lhe gravata, lenço ou acessório, algumas vezes estragando-lhe a roupa, costume incorporado, nos anos de 1950, pelas admiradoras de Cauby Peixoto e até de Orlando Dias: só que dizem, nos casos destes, tratar-se de um ato forjado (e remunerado) pelos respectivos empresários.

A partir do sucesso meteórico, ele já não tinha que andar à procura de bons compositores; esses é que o buscavam, oferecendo-lhe suas criações. Isso o tornou excessivamente seletivo na escolha do seu repertório. Um exemplo claro foi a gravação, em 1937, em um mesmo disco (78 rpm) de dois megassucessos: ‘Carinhoso’ (Meu coração não sei por quê/ bate feliz quando te vê...) e ‘Rosa’ (Tu és divina e graciosa/ estátua majestosa.../), ambas de Pixinguinha, com letras de Braguinha e de Otávio de Souza, respectivamente.

Em sua pequena, porém profícua carreira, ele gravou, entre 1935 e 1942, 152 fonogramas.

Os problemas se agravaram pelo uso incontido da bebida e das drogas (morfina), fazendo-o perder parte da potência vocal. O

declínio de sua carreira atingiu o auge entre 1942 e 1945. Em 1949, já na Odeon, a gravadora rescindiu o seu contrato, levando-o ao fundo do poço. Com a interferência do amigo Chico Alves, em 1951 ele ainda foi levado à RCA, com a ideia de concretizar um projeto: regravar os seus 32 maiores sucessos. O resultado, porém, ficou a desejar para ambas as partes.

Durou apenas sete anos – de 1935 a 1942 – o período áureo do que constituiu a brilhante carreira do “Cantor das Multidões”, tempo em que ele gravou o melhor do seu repertório. Além dos hits já mencionados, ele imortalizou inúmeros sucessos: ‘Juramento Falso’ e ‘Lábios que Beijei’, 1937 (ambas de J. Cascata/Leonel Azevedo); ‘Nada Além’, 1938 (Custódio Mesquita/Mário Lago); ‘Dá-me Tuas Mãos’, 1939 (Roberto Martins/Mário Lago); ‘Naná’, 1940 (Custódio Mesquita/Jardel/Geyza Bóscoli), as três últimas, possivelmente as primeiras gravações brasileiras autênticas de fox, estilo musical dançante, advindo dos Estados Unidos, por volta de 1910; ‘Meu Consolo é Você’, 1938 (Nássara/Roberto Martins); ‘Aos Pés da Cruz’, 1942 (Marino Pinto/José Gonçalves); ‘Mágoas de Caboclo’, 1942 (Leonel Azevedo e J. Cascata).

Nelson Gonçalves admitia que, no início de carreira, sofrera influência de Orlando Silva, tanto na escolha do repertório, quanto nos aspectos de vocalização, razão pela qual, não fosse, como já foi dito em coluna anterior, o advento da tevê, como do rock n’roll, da Jovem Guarda e da Bossa-Nova, talvez aquele tivesse sido o quinto componente da chamada Era de Ouro do Rádio.

Prato do dia

Guacamole



Foto: Divulgação

Modo de preparo:

Amasse o abacate com um garfo, acrescente o alho socado, o suco de limão, sal e azeite a gosto e misture como um purê. Pique a cebola, o tomate e o coentro. Pique bem a pimenta. Acrescente os ingredientes picados ao “purê” de abacate. Sirva com chips, crackers, tacos, no burrito ou mesmo junto com arroz e feijão.

Ingredientes:

- 1 abacate brasileiro médio (ou quatro avocados – fruto “parente” do abacate)
- 1 tomate grande sem sementes
- 1 cebola pequena
- 2 dentes de alho bem socados
- 1/2 maço de coentro
- 1 pimenta malagueta sem sementes
- Suco de um limão grande
- Azeite extra virgem
- Sal

Tempero a gosto

A segunda edição do Festival Terroá, maior festival gastronômico do Nordeste, que aconteceu no último final de semana no Lovina Beach, em Cabedelo, foi um grande sucesso. Cerca de cinco mil pessoas viveram experiências incríveis na gastronomia, com oficinas de artes, talks, degustações, atrações musicais e atividades especialmente desenvolvidas para o público infantil.

O Terroá cumpriu sua proposta de apresentar um Nordeste ainda inexplorado: contemporâneo, autêntico e originário. Com o talento e a criatividade dos chefs e profissionais da região, o evento levou ao público experiências diversificadas, gastronomia autoral, cultura, arte, histórias, conteúdo, inovação e desenvolvimento.

Ao todo, mais de 400 pessoas da organização do evento, equipes dos restaurantes e expositores

estiveram envolvidos no festival. Uma experiência grandiosa, com grandes resultados também de negócios: foram mais de R\$ 470 mil faturados durante os três dias do Terroá.

O festival também tem o viés social e ambiental. Ao final de cada dia, os resíduos do local foram recolhidos, separados e destinados à reciclagem pela Cooperativa de Reciclagem de Marcos Moura (Coorem).

QUENTINHAS

Na última terça-feira (29), fomos conhecer as nova Casa Loca Como Tu Madre, em um local super charmoso e lindo, em uma rua do Bairro do Miramar, que está virando um espaço cultural e gastronômico em casas lendárias e especiais. E tivemos o privilégio de comer o nhoque da fortuna que já é tradição todo dia 29 no local, além de ter um cardápio variado e especial da cozinha mexicana, e pratos especiais da própria casa.

E provamos um menu todo especial que você não pode deixar de provar também. Parabéns à empresária e proprietária do local, Giovanna Maia, que toca o restaurante e toda equipe de super profissionais, sem falar que a música é perfeita.

O cardápio: salada grega de melancia (melancia, limão, cebola roxa, tomates cereja, azeitonas pretas, hortelã, azeite e pimenta); Tábuas Mielo



(pera, physalis, morangos, brotos, pólen e favo de mel Miel-O); Halumi de Coalho e Dukkah (queijo coalho empanado com farofa árabe de castanhas e especiarias); Focaccia (pão artesanal feito na casa); nhoque (pomodoro, camarão, funghi); e churros (produzidos na casa também).



Foto: Divulgação

Walter Ulysses

Investir nunca é pouco!

Este é o momento. O mercado está em baixa e turbulento em alguns setores e isso pode significar oportunidades de negócios para sua empresa e rentáveis.

Sabemos que a crise causada por toda essa insegurança política nacional pegou todos de surpresa em um momento onde se esperava que o comércio e o mercado iriam esquentar, mas vamos entrar em um novo governo que vem para mudar tudo que hoje está virado. E vamos esperar o retorno de toda parte da área de hotelaria, onde entram hotéis, bares, restaurantes... Então, está na hora de começar a rever seus conceitos, valores, consultorias e essa é uma forma de investimento com um retorno a curto prazo.

Este momento não é motivo para ficar desanimado. Pelo contrário. Tenho visto empresários corajosos fazendo investimentos e sabendo que irão colher os frutos plantados. É uma nova fase de um novo normal. É juntar sua equipe de trabalho, fazer os treinamentos necessários, adequar as normas de segurança, tanto de seus funcionários quanto também de seus clientes; e estabelecer metas a serem batidas durante a semana, e melhorar mais o aquecedor de suas redes sociais.

Aprenda a entender seu negócio, vamos controlar as emoções e voltar a acreditar em um Brasil melhor. Entenda sua situação financeira. Se é hora de buscar uma linha de crédito com seu banco para esse investimento. Veja a oportunidade que seu consultor poderá lhe mostrar para ter um resultado mais rápido e não tenha medo de arriscar, essas são as formas mais simples de reabrir para o novo Brasil mais uma vez e de maneira segura.

Neste momento, o ramo de hotelaria está em alta e vamos buscar o retorno no verão que está por vir.

O cenário é totalmente novo para todos. Por isso, a melhor forma de escolha e de não errar é agora nas suas ações de negócios e investimentos.

Claro que não tem como ficar totalmente tranquilo, mas procure controlar suas emoções diárias, sabemos que o seu patrimônio vale muito.

Não tenha medo de investir, afinal temos que ser gananciosos neste momento onde todos têm medo. O que temos a perder? Se o que está perdido só voltará com o esforço de nosso trabalho.

Quero deixar uma palavra de coragem para você. O período de crise é normal em qualquer local do mundo e o empresário que é inteligente sabe que tão logo o resultado virá.

Vamos à luta e mudemos este novo Brasil que surgirá no dia 1º de janeiro.

Walter Ulysses - Chef formado no Curso de Gastronomia no antigo Lynaldo Cavalcante (João Pessoa) e tem Especialização na Le Scuole di Cucinadi Madrid. Já atuou em restaurantes de diversos países do mundo, a exemplo da Espanha, Itália, Portugal e Holanda. Foi apresentador de programas gastronômicos em emissoras de tv e rádio locais, e hoje atua como chef executivo de cozinha na parte de consultorias.